Renê Bourbon D´Albuquerque

11 DE SETEMBRO 2001

COMO SE ENGANA A HUMANIDADE

(O Poder da Mídia)

OS REAIS MOTIVOS

PARA OS ATENTADOS!

Políticos, autoridades & personalidades dos EUA e do Brasil opinam e denunciam!

NESTE LIVRO:

11 DE SETº 2001 / COMO SE ENGANA A HUMANIDADE - Renê Bourbon D'Albuquerque

Agradecimentos:

À amada Rose
Mãe dos queridos filhos
Rita e Ronald,
Que geralmente à noite, na Internet, como autênticos
Garimpeiros da História, passavam horas e horas lendo e
Selecionando enorme material de pesquisa e opiniões ,
Principalmente do Portal da Libreopinion,
Boa parte do qual aproveitado neste livro e que,
Por motivos óbvios, não encontram espaço na imprensa.

Dedicado:

Às vítimas do terrível Poder da Mídia que levou
Mais de um Século para consolidar-se no mundo
E dominar a mente dos povos.

Esperança:

Que os leitores passem a observar melhor as notícias,
Após saberem que as mesmas, até dias melhores,
Partem de apenas uma única fonte.

RBA

Capa: Rose Maria D´Albuquerque
Revisão do texto: o autor, Renê Bourbon D´Albuquerque,
Pesquisador e professor de História.

Renê Bourbon D´Albuquerque
'11 DE SETEMBRO DE 2001'
COMO SE ENGANA A HUMANIDADE
(O Poder da Mídia)
ISBN 85-7246-024-1
Códigos 940 e 973 – História e opiniões sobre acontecimentos na Europa e Estados Unidos da América.

TATO
O desmiolado

TATO, há mais de 40 anos, acredita em tudo que os jornais e as revistas comentam e, por assistir a maioria dos noticiários do rádio e da TV, sem notar que são repetitivos, pois oriundos de apenas uma fonte, chega a considerar-se um especialista em assuntos internacionais e, por este motivo, até se destaca entre seus amigos, todos eles ainda mais idiotas. Desde pequeno adora cinema e com o advento de TV a cabo tanto encheu o saco de sua pobre mãe, até que ela fez uma assinatura para que ele pudesse ver filmes à vontade.

O que afetou muito sua cabeça, quando jovem, foram filmes com roteiros do mestre do terror - Alfred Hitchcok, especialmente contratado pelos vencedores, logo após o fim de II Guerra Mundial, para horrorizar o mundo contra os alemães, mostrando esqueletos ambulantes doentes e cadáveres que seriam produto de atrocidades cometidas pelos carrascos alemães contra os inocentes judeus. Aquilo foi marcante, pois teriam sido nada menos que 6.000.000, e em câmaras de gás. Com essas cenas gravadas no cérebro, ele iniciou muitos anos após, a adquirir sempre que podia os livros escritos pelas auto denominadas "testemunhas oculares" do chamado holocausto, formando uma respeitável biblioteca sobre o assunto e, como resultado disso, como não podia deixar de ser, ele diz: "não gosto de alemão".

Com a TV a cabo, Tato apenas fica chateado quando exibem dois filmes anti-nazistas num mesmo horário, como acontece seguidamente pelo elevado número de películas em preto e branco e a cores que exibem diariamente – na totalmente inútil tentativa de manter a Mentira do Século. Por esse motivo já pediu à sua mãe para encomendar um vídeo cassete ao Papai Noel, quando poderá assistir um e gravar o outro.

No mês passado um vizinho dele, que possui várias obras de revisionistas da história, caiu na asneira de perguntar a Tato se já havia lido

alguns desses livros. Ignorando o teor dos mesmos mas influenciado pela mentirosa mídia sionista que, por motivos óbvios, os aponta como racistas e de propaganda nazista, irritou-se e sua resposta foi em forma de pergunta: "Tu acha que eu sou nazista pra lê essa bosta?"...

Ele acredita na autenticidade do chamado "O Diário de Anne Frank", que foi transformado em best seller mundial. O filme ele já viu três vezes, sem conseguir conter as lágrimas. Ignora que grande parte desse "diário" – que **nunca** foi apresentado na íntegra ao povo, foi escrito com caneta esferográfica, que só foi inventada muitos anos após sua morte por doença. Ele acha normal existirem novas versões, mais picantes, do "diário". A revista Manchete certa vez fez comentários sobre Anne quando tinha 22 anos, esquecendo que faleceu aos 14 ou 15.

Ele acredita piamente que Hitler desejou a guerra e quis dominar o mundo. Ele desconhece as intermináveis tentativas de paz da Alemanha, via Suécia, Vaticano e outras embaixadas, e as instigações e pressões sionistas junto aos governos da Inglaterra, França e EUA para forçar a guerra .

Tato, sempre muito emotivo, também chora cada vez que assiste o filme "A Lista de Schindler", de Spielberg, ignorando que se trata de película baseada em livro, com o mesmo nome, fruto da imaginação do autor – como ele mesmo especifica na obra - e registrado na Biblioteca Nacional como sendo **ficção judaica.**

Ele acredita piamente que Goebbels fazia apologia à mentira: "que uma mentira repetida diversas vezes se transformava em verdade"... Tato, sendo idiota, apenas repete o que ouve dos outros. Se tivesse ao menos um pouco de inteligência, veria que Goebbels, na importante função de Ministro da Propaganda, jamais cometeria tal burrice, pois nem os próprios filhos acreditariam nele. Se Goebbels alguma vez citou essa frase – (nunca foi indicado quando e onde ele a teria dito!) - foi para denunciar essa técnica sionista que é empregada com sucesso, pelos mesmos, até hoje.

Tato desconhece que o autor dessa técnica é o rabino Reizchhorn, citada no livro "Os Servos do Talmud", pg.113/114, Editora ECO, e a frase exata é: **"À custa de repetir sem cessar certas idéias, por fim ela as faz admitir como verdades".** Isso em 1865 quando nem o pai de Goebbels ainda havia nascido! É impressionante ver a quantidade de Tatos soltos, repetindo que foi Goebbels...

Tato, por não saber inglês, e também por motivo da nossa amestrada mídia não divulgar determinadas notícias, pois poderiam desgostar seus

principais anunciantes, desconhece o que causou a DECLARAÇÃO DE GUERRA da Inglaterra e França contra a Alemanha, no dia 2 de setembro de 1939, iniciando a II GM. 50 Anos após o criminoso ato, **em 16/9/1989,** o jornal londrino"Sunday Correspondent", finalmente confessa:

"Precisamos ser vigilantes e honestos quanto à Questão Alemã, por mais incômoda e desagradável que ela seja para os alemães, para nossos parceiros do comércio internacional e para nós mesmos. A "questão" na sua essência, continua a mesma. Não se trata de como vamos impedir que futuramente tanques alemães voltem a cruzar o Rio Maine ou Oder, mas sim como a Europa irá encarar e se ajeitar com um povo cujo número, talento e eficiência farão deste país uma Super-potência Regional. Em 1939 nós não entramos em guerra para libertar a Alemanha das garras de Hitler, nem judeus de Auschwitz e nem o continente europeu do Fascismo. **Tal como em 1914, entramos na guerra pela "nobilíssima causa" que nós não podemos admitir: uma supremacia alemã na Europa."** (grifos do autor).

Tato, acreditando nos noticiários, todos de igual teor, de apenas uma origem, conforme previsto nos "Protocolos dos Sábios de Sião", fica muito revoltado toda vez que mostram as imagens das torres do Centro Mundial do Comércio desabando, pois ignora que no momento do impacto a grande maioria de novaiorquinos ainda estava dormindo ou fazendo sua reforçada refeição matinal, fato que evidencia que se alguém tivesse interesse em matar muitas pessoas, o ataque teria sido efetuado três ou quatro horas após, quando nos dois prédios estariam no mínimo 80.000 pessoas. Tato ignora que o primeiro avião bateu na altura do 100° andar (de um total de 110), às 08:45h NY, dando oportunidade às pessoas que se encontravam nos 100 andares abaixo de retirar-se, pois somente desabou uma hora após. Com esse impacto naturalmente os ocupantes da segunda torre imediatamente se retiraram, pois o 90° andar somente foi atingido 18 minutos após o primeiro, desabando bastante tempo depois.

Tato não acha nada estranho que o número de mortos, que inicialmente foi indicado como sendo de 6 a 7 mil, ao invés de aumentar, misteriosamente está diminuindo, à medida que vão sendo retirados os escombros. Atualmente a contagem está em menos da metade inicial e inclui os desaparecidos, pois o número de corpos resgatados é muito pequeno, em relação à destruição: 4 ou 5 centenas. Num acontecimento dessas proporções sempre existe gente que aproveita a oportunidade para "desaparecer do mapa". Do atentado, existe um sobrevivente gaúcho que, após a explosão, desceu várias dezenas de andares, sem ter havido nenhuma

correria, congestionamento ou atropelamento nas escadas, numa clara evidência das poucas pessoas que se encontravam nos edifícios naquele momento.

Após meses de matanças de um povo sem defesa para enfrentar um único dos aviões dos EUA, o presidente Bush resolveu finalmente mostrar ao mundo aquilo que estava nas suas mãos há mais de três meses: As "provas" da responsabilidade de bin Laden... que não passa de uma grosseira falsificação. Mostra o pseudo autor festejando o resultado do ataque... e calculando as prováveis baixas... O herói precisava apresentar qualquer coisa para seu povo, para justificar o **massacre** que praticam no Afeganistão, o genocídio, o assassinato de centenas de prisioneiros e experimentando novas e terríveis armas.

Eu só queria ver a cara do ilustre presidente se conhecesse o número de brasileiros, e pessoas de todo mundo, que talvez não festejaram, mas certamente acharam que os EUA há muito tempo estavam necessitando de uma lição.

Imaginem que até Tato, o idiota, sacudiu a cabeça e pela primeira não teria feito nenhum comentário. Pela expressão do seu rosto, o vizinho não entendeu se ele ficou chateado por não ter entendido a "prova", ou por ainda não terem acertado uma bomba no homem, ou ainda por ninguém o ter traído, denunciado, até o momento, pois como sempre diz: "Um prêmio de 25 milhões de dólares é muita gaita" !

Esse sistema sionista, de achar que dinheiro compra até sentimentos e consciências, já havia fracassado uma vez, aqui na nossa Pátria, quando a já denunciada e desmascarada "Indústria do Holocausto" alimentava a imprensa à procura de criminosos de guerra nazistas... No caso em questão, tratava-se de um prêmio de nada menos que um milhão de dólares, há muitos anos atrás, para quem desse pistas do paradeiro do Dr. Josef Mengele, tido como um dos maiores criminosos da terra, que no Brasil não matava nem galinhas, mesmo para comer, por sentir dó das mesmas, mas que era acusado, **pelo poder da mídia,** como assassino de crianças, de fazer experiências médicas injetando tinta azul nos olhos dos inocentes, para torná-los da mesma côr...

Mengele, certa vez em Auschwitz (sempre Auschwitz), teria reunido dezenas de anões, mandado confeccionar smokings para cada um

(sic), afim de assistirem como ele a um concerto de música clássica... (O teatro desse campo de concentração foi ocupado, após o fim da guerra, por irmãs Carmelitas, que na época prestavam relevantes serviços aos alemães cuidando de crianças, idosos e doentes). Terminado o concerto, ele os teria conduzido tranqüilamente, em fila, para as câmaras de gás... A "testemunha ocular" não informou se entravam de smoking ou pelados... Parece que a "indústria" queria dar uma idéia ao mundo de que Mengele não tinha nenhuma simpatia por crianças e baixinhos... isso sempre com psicóticas testemunhas, filmes e filmes. Mengele acabou morrendo, quando nadava numa das praias do litoral paulista, por mal súbito.

Descobrindo posteriormente com qual família ele havia vivido em São Paulo, o Mossad queria saber por que motivo, com um prêmio desse valor, não o haviam denunciado. Receberam como resposta que "nunca trairiam um amigo", fato que levou essa família a amargar perda de empregos, várias tentativas de processá-la, insegurança e preocupações.

Tato, está acreditando que as bombas e super-bombas que os americanos estão despejando no Afeganistão, são para acertar, se possível, a cabeça de Osama bin Laden, convenientemente escolhido, **sem provas,** como o "terrorista" responsável pelos atentados nos EUA. Tato nem se lembra que os inimigos de hoje – os talebans - tinham sido os grandes guerreiros que eles haviam financiado até expulsarem os russos. Ele não sabe que os americanos estão matando afegãos, até prisioneiros confinados, e atirando bombas até sobre escombros, uma matança exclusiva, por interesses petrolíferos, que esperam conseguir com eventuais novos dirigentes. Com os talebans não tinham conseguido nada, por isso se tornaram seus inimigos.

Lamentavelmente, Tato não sabe que o único e exclusivo motivo para o ataque a Nova York e Washington foi a incondicional cobertura, apoio político, financeiro e o abastecimento do mais sofisticado material bélico, **que os manobrados governos norte-americanos dão ao sionismo e a Israel, desde a época que, conhecendo o código telegráfico dos japoneses, propositadamente deixaram acontecer o ataque a Pearl Harbor**, (único motivo que encontraram para contrariar a opinião do povo norte-americano pela **neutralidade**), para poderem entrar na guerra contra o **grande inimigo de Israel: a Alemanha**, que os havia afastado das funções públicas, direções empresariais, financeiras e de toda a imprensa, fato que

permitiu a Alemanha reerguer-se em pouco tempo e dar a seu povo o mais elevado padrão de vida de toda Europa.

Renê Bourbon D´Albuquerque

O presente livro representa um pequeno passo, uma tentativa de esclarecimento na direção daquilo que o mundo deseja saber:

Por que motivo não existe paz no mundo?
Existem culpados?
Pessoas ou organizações?
Tudo isso faz parte de um plano pré estabelecido, ou acontece por acaso?

Por que os EUA gastam trilhões em armas e,
em pouco mais de meio século, assassinaram milhões
de alemães, italianos, japoneses, coreanos, vietnamitas, granadenses,
panamenhos, cubanos, somálios, iraquianos, iugoslavos, afegãos etc.?

Os governos americanos fazem isso por desejarem dominar o mundo?
Será que o povo americano deseja dominar o mundo?
Ou estão sendo simplesmente uma massa de manobra
de um povo muito rico, poderoso e organizado, espalhado nos quatro
Continentes, que domina a mente de bilhões de pessoas através da sua
mídia, pois conseguiu adonar-se da maior potência do Planeta e
manobra firme em outros importantes países,
povo que não se cruza com outros povos, pois se considera superior?

É lógico que perguntas dessa dimensão, que abrangem o futuro do nosso Universo, não podem ser esclarecidas e muito menos resolvidas num livro como o presente, que tem como única finalidade fazer as pessoas **pensar e refletir,** mostrar as opiniões de grandes personalidades em várias épocas, de políticos, professores, pesquisadores e observadores nacionais e internacionais., fazendo o **contraponto** daquilo que nos é apresentado diariamente, foi e é injetado na mente dos povos.

Como professor de história e pesquisador, há mais de três décadas, sinto o poder sionista através de suas centenas de organizações, o poder de sua imprensa, suas calúnias, difamações, manipulações e falsificações históricas.

Depois de ler e refletir sobre as opiniões das personalidades constantes deste livro, não tenho também um único motivo para não acreditar nas palavras do Primeiro Ministro de Israel – ARIEL SHARON, constantes nas próximas páginas, sobre seu domínio dos EUA.

Reconheço que os sionistas têm o direito de desejar o domínio de todo o planeta. Como brasileiro e patriota reservo-me o direito de denunciar e lutar contra tal ambição.

Candidato à Presidência dos EUA, ROBERT BOWMAN opina:

Tenente Coronel, diretor dos Programas Guerra nas Estrelas, chefe do ultra secreto Departamento Nacional de Reconhecimento de Satélites de Espionagem, diretor do Departamento Europeu de Pesquisa e Desenvolvimento Aeroespacial, presidiu o Instituto de Estudos para o Espaço e Segurança entre 1982 e 1999, participou de 101 missões de combate no Vietnã, PhD de engenharia aeronáutica e nuclear, e pré candidato às eleições presidenciais dos EUA pelo partido da Reforma de Ross Perot, deu à revista ISTOÉ, publicada no dia 7 de novembro 2001, longa entrevista, da qual destaco alguns importantes pronunciamentos:

Logo após os atentados contra as embaixadas americanas no Quênia e na Tanzânia, em 1998, ele (Bowman) mandou uma carta ao então presidente Clinton **alertando sobre a hipocrisia da campanha contra o terrorismo** e criticando a manutenção das boas relações da Casa Branca com a monarquia saudita por causa dos lucros **da indústria do petróleo. "Se suas mentiras sobre o terrorismo forem mantidas, então a guerra continuará até o dia em que os terroristas nos destruírem".**

Sobre o programa **Guerra nas Estrelas** informou não ser um sistema preventivo, mas ofensivo, destinado a garantir a supremacia tecnológica e militar dos EUA no mundo, completando que "**nenhum centavo dos 273 bilhões de dólares anuais (sic) que gastamos nesse programa nos defenderá de bombas terroristas".** Bowman garantiu que, como presidente, a guerra contra o Afeganistão nunca teria acontecido, porque ele teria dado fim ao embargo ao Iraque e tirado as tropas americanas da Arábia Saudita.

"Se os EUA realmente fossem a favor da paz, da democracia, da liberdade e dos direitos humanos, como afirmou Clinton, não seríamos alvo de terroristas. Precisamos reconhecer que somos alvos não porque promovemos a democracia, mas justamente por negarmos a liberdade e os direitos humanos a muitos países. Os EUA tem sido responsável por muito sofrimento que acontece em várias partes do mundo.

"Seria necessário ouvir as populações que são contra nós, no intuito de aliviar seus sofrimentos. É importante entendermos a história e o porquê do ódio aos EUA. No meu primeiro dia como presidente, eu anunciaria o fim do embargo contra Cuba e das sanções contra o Iraque. Também acabaria com a CIA, que é uma grande causadora de sofrimentos no mundo. **Não apoiaria nenhum governo de Israel que violasse os direitos dos palestinos.** Praticaria uma política externa onde não teria de colocar os direitos humanos dos árabes, especialmente das mulheres, abaixo dos lucros das companhias de petróleo.

"A guerra contra o Iraque foi fabricada e nunca deveriamos ter entrado na mesma. Nós, americanos, levamos Saddam Hussein a invadir o Kuwait. Fizemos uma armadilha para que caísse e depois, quando ele concordou em sair, nós não o deixamos e começamos a guerra assim mesmo. Custou muitas vidas naquela parte do mundo. Existe uma perigosa relação entre os EUA e a família real saudita. Nossas tropas não estão ali para defender os interesses da populações dos países da região, mas preocupados com os lucros do petróleo.

"Acredito que os EUA deviam se manter longe de outros países. No Afeganistão damos assistência aos talebans e mujahedin para nos livrar dos russos. Não devíamos ter feito isso. Deixamos um país pobre e em ruínas, com vários grupos lutando entre si pelo poder. No momento em que os russos saíram devíamos ter dado todo o apoio financeiro para a reconstrução do país, em termos realmente democráticos. Se continuarmos esta guerra contra o Taleban e conseguirmos expulsá-lo e se abandonarmos novamente o Afeganistão, isso será um grande erro.

"Eu aboliria a CIA, pois está envolvida em jogos sujos, corruptos, em desestabilizar políticas de alguns países, ao invés de cuidar da segurança dos americanos.

"A indústria de armas está ligada ao governo americano, sendo visível na indústria do petróleo. Membros das direções dessas empresas estão também em altos postos do governo. Países ou regiões onde os EUA estiveram militarmente presente, como Bósnia, Kosovo e Afeganistão, são pontos chaves para o transporte de petróleo do mar Negro para o Mediterrâneo, e portanto fundamentais para o lucros das indústrias petrolíferas.

"A cobertura da guerra pela mídia está sendo parcial. A população americana não está vendo as cenas de refugiados, porque elas são editadas antes de chegar ao público. Há uma censura na grande

imprensa, porque são corporações que sempre se beneficiam dessas guerras.

"O fato de apoiar incondicionalmente Israel fez os palestinos nos odiarem". (destaques do autor).

É lamentável para o povo americano e para os países do mundo que homens como Bowman, ou David Duke - com opiniões a seguir - não tenham a menor chance de serem eleitos, pois lhes faltarão cobertura da imprensa e financiamento para isso.

Chamo a atenção dos leitores para depoimentos como o presente e os posteriores de David Duke, que têm pontos totalmente similares sobre os acontecimentos de 11 de setembro de 2001, e por tratarem-se de dois cidadãos e políticos norte-americanos, que foram candidatos à presidência dos EUA, com uma visão rara de ser encontrada naquele país e que não encontrou espaço na sua super amestrada mídia, a serviço do SIONISMO, que prefere, atribuir o fato por ciúme à bela democracia, à ampla liberdade e bem estar, à liberdade de escolherem seus sábios dirigentes, aos seus direitos humanos, promotores de paz etc., FARSA que é repetida, como papagaios, aos quatro cantos do planeta, pela grande maioria dos jornalistas, homens de imprensa, e até políticos e dirigentes, incapazes de refletir, pois se fosse êsse o motivo, os países agredidos teriam sido a Suécia, a Dinamarca, a Noruega, a Finlândia ou a Suiça , mas nunca um estado terrorista e prepotente como os EUA, responsável pela morte de milhões e milhões de seres humanos no século XX e princípios deste.

Não podemos esquecer que os ataques aconteceram menos de duas semanas após os EUA mostraram novamente seu total e incondicional apoio a Israel, abandonando a Conferencia contra o Racismo, em Durban, na Africa do Sul (juntamente com Israel),em agosto de 2001, após ter sido aprovada uma moção, aprovada por milhares de ONGs das quatro partes do mundo, condenando Israel como racista e genocida, moção que até o momento, meses após a Conferência, ainda não conseguiu ser publicada...

Engana-se aquele que acreditar que houve alguma mudança de atitudes do governo dos EUA, em relação à Israel, após o dia 11 de setembro, pois o "Correio do Povo" do dia 4/12/01 informou que os EUA e Israel boicotarão, como sempre, nem comparecendo à Conferência Internacional de Genebra, do dia 5/12, que pretende debater a proteção civil

dos territórios ocupados pelos israelenses, assunto que não tem a concordância do sherife Ariel Sharon...

Conforme "Correio do Povo" de Porto Alegre e "O Estado de São Paulo", de 6/12, ficamos sabendo que "Os países árabes obtiveram uma importante vitória diplomática no conflito entre palestinos e israelenses. Em Genebra, 114 governos concluíram que Israel deve respeitar as populações palestinas nos territórios ocupados e acabar com violações à Convenção de Genebra, de 1949, que regula a proteção de civís em situações de guerra ou ocupação. A declaração considera ilegais os assentamentos judeus em territórios ocupados depois da Guerra dos Seis Dias, em 1967 . Além disso, a declaração pede que Israel interrompa atos de tortura, assassinatos e apropriação de territórios. Segundo a proposta de declaração, Israel deveria evitar represálias contra populações civís e não poderia restringir o livre movimento de pessoas. Caso contrário, estaria violando as leis do direito humanitário.

"O que conseguimos foi uma demonstração moral de que parte importante da comunidade internacional não aceita o que está ocorrendo no Oriente Médio", afirmou um diplomata árabe.

"Israel chegou a pedir a anulação da Conferência, alegando que seria apenas mais uma forma de atacar o governo israelense. 'Trata-se de um abuso dos instrumentos humanitários e existe o perigo desses mecanismos se tornarem armas para ataques políticos', afirmou Israel em um comunicado".

Resta-nos então conhecer o importante motivo que leva os Estados Unidos a agir sistematicamente a favor de Israel, contrariando, vilipendiando e passando por cima dos votos e opiniões dos demais países da ONU, como se nem existissem, usando o poder do veto ou boicote.

O real, principal motivo, não é difícil de encontrar quando examinamos a quantidade de judeus existentes nos EUA, número bem maior que em Israel, ao ponto de New

York (Nova York) ser conhecida como Jew York (York judaica); ao fato de dominarem seu comércio, sua indústria, suas finanças, o cinema, a TV, a imprensa escrita e falada, as agências de notícias, enfim a própria mente americana.

A esse enorme número que conseguiu apossar-se ou dominar, lentamente, as atividades básicas norte-americanas, devemos acrescentar outras milhões de pessoas, simpáticas ou não aos mesmas, mas seus dependentes monetários ou por interesses.

Certamente algum leitor achará que estou exagerando o problema. Para não deixar UMA ÚNICA DÚVIDA a respeito dessa grave situação, transmito as palavras textuais do Primeiro Ministro ARIEL SHARON, no dia 3 de outubro de 2001 (22 dias após o ataque a Nova York e Washington), durante reunião do Gabinete Israelense, quando o informaram que George W. Bush havia se pronunciado favorável à criação do Estado Palestino:

"Every time we do something, you tell me America will do this and will do that... I want to tell you something very clear: Don't worry about American pressure on Israel. We, the Jewish people, CONTROL AMERICA, and the americans know it".

Traduzindo:

"Toda vez que fizemos algo, vocês me contam que a América vai fazer isso ou aquilo... Eu quero lhes dizer algo bem claro: Não se preocupam a respeito de pressões americanas contra Israel. Nós, o povo judeu, CONTROLAMOS A AMÉRICA, e os americanos sabem disso".

(Noticiado pela rádio israelense "Kol Yisrael", no dia 3/10/01, e dada divulgação internacional por DAVID DUKE, no importante artigo intitulado "Price of Suporting Israel", que pode ser obtido na íntegra clicando o portal: www.com/usa/price.htm).

Lamento se alguém ainda possa ter dúvidas!

O prepotente Primeiro Ministro, que foi indiciado como genocida no Tribunal Internacional, acertou quando informa que "controlam a América", porém enganou-se ao informar que "os americanos sabem disso". Somente pode ter razão caso tenha se referido aos sionistas americanos, pois os manipulados cidadãos americanos na realidade AINDA NEM DESCONFIAM DISSO, pois recentes pesquisas indicaram que 42% do povo não sabe nem onde fica o Japão – contra quem estiveram em longa guerra...

É lógico que este domínio total, sabiamente camuflado por sua própria ou amestrada/submissa mídia, não aconteceu de um momento para outro, ao ponto dos Estados Unidos da América, sem nenhum perigo de erro, já estarem sendo denominados ***de Estados Sionistas da América.***

Normalmente as pessoas acusam os "americanos" quando acontece algo errado em relação ao Brasil, seus investimentos aqui, seus monopólios, suas multinacionais, suas compras de estatais brasileiras, seus impedimentos na importação sobre determinados produtos nossos, acusados de protecionismos, suas músicas ou costumes alucinantes, aqui copiados inconscientemente. NINGUÉM cita quem são esses "americanos".

Para confirmar a credibilidade da entrevista de ROBERT BOWMAN, à ISTOÉ, antes citada,, na qual certamente apenas revelou uma muito pequena parte daquilo que conhece, principalmente quanto à questão petrolífera denunciada, o "Correio do Povo" de Porto Alegre, 25 dias após a mesma, em 02/12/01, publicou, sob o título:

"OCIDENTE TEM INTERESSE NO PETRÓLEO DA REGIÃO - *Cabul* - O estabelecimento de um novo governo no Afeganistão, como o que está sendo elaborado com a ajuda da comunidade internacional, não terá

apenas a função de terminar com 23 anos de guerra no país, mas também vai possibilitar a retomada (sic) de projetos para exploração de petróleo e gás natural na Ásia Central. Segundo um especialista da ONU sobre fontes de energia, o Afeganistão ocupa posição estratégica como rota dos dutos que levariam os recursos naturais aos principais mercados do mundo. No Azerbaijão, no Cazaquistão , no Turcomenistão e no Uzbequistão estima-se que existam 15 bilhões de barrís de petróleo e 9 trilhões de metros cúbicos de gás natural.

A questão que acabou surgindo, no entanto, diz respeito à rota que os dutos deveriam tomar para sair da região e chegar aos principais mercados mundiais. Comercialmente, a possibilidade mais lógica seria transportar o petróleo e o gás natural pela Rússia, seguindo em direção ao Leste europeu.

Essa hipótese, entretanto, não é de interesse dos Estados Unidos, uma vez que os dutos seriam controlados por Moscou. Outro possibilidade era o transporte pelo Irã, que também não agrada aos estrategistas norte-americanos. A única opção politicamente viável seria fazer chegar os produtos ao Mar de Omã, na costa Sul do Paquistão, passando pelo Afeganistão".

Em poucas linhas então ficamos sabendo por quais interesses a Rússia invadiu o Afeganistão, em longa e trágica intervenção, onde encontrou , como maior adversário – os heróis da época: os Talebans, que haviam sido apoiados, com dinheiro, armas e até com filmes de mocinho (Rambo) dos EUA, para a expulsão dos russos e, por não terem se submetido aos interesses americanos, agora são apresentados, acusados mundialmente, SEM NENHUMA PROVA, como terríveis terroristas, que estariam sob o comando de Osama bin Laden, como autores dos ataques ao Centro Mundial do Comércio de Nova York e ao Pentágono, pelo simples fato de **protestarem pelo genocídio israelense contra o povo palestino, há mais de meio século, com o apoio incondicional dos manipulados governantes norte-americanos.**

A guerra genocida e destruição do resto do Afeganistão, esperando acertar uma bomba na cabeça de bin Laden, bode expiatório escolhido como culpado, atende a sede de vingança do manipulado povo americano e, totalmente, aos interesses sionistas e petrolíferos, não importando o número de vítimas.

É lamentável assistir uma máquina de guerra como a americana, usando o mais moderno armamento existente no mundo, contra um povo

pobre passando fome e cujo país está arrasado por longa guerra contra invasor indesejado. Os EUA além de terem bombardeado depósitos de abrigos e mantimentos da Cruz Vermelha e da ONU, hospitais e restos de escombros da guerra anterior, estão matando civis. Num desses ataques, todos denominados de "cirúrgicos", pulverizaram longa caravana de personalidades afegãs que se dirigiam para Cabul, para assistir a posse dos novos dirigentes fantoches. As imagens de TV destinadas ao povo norte-americano são filtradas e selecionadas para não revoltar os assistentes.

Enquanto os verdadeiros terroristas tentam desviar as atenções do mundo, inundando a mídia sobre supostas remessas de antrax ou antraz, num conhecido trabalho dos seus próprios serviços secretos sujos – (consultem livros e depoimentos, como agem agentes da Cia. e Mossad) - está sendo cometido o mais terrível crime contra a humanidade. Impossível acreditar que não haverá terríveis represálias.

Infelizmente, não se pode num pequeno livro, esclarecer os detalhes que envolvem os interesses comerciais, industriais, financeiros, logísticos, armamentistas, petrolíferos etc. **Não me considerando, de forma alguma, o dono da verdade**, recomendo aos leitores iniciarem suas próprias pesquisas a respeito, procurando saber não apenas a quais países pertencem, mas também observar quais os templos ou igrejas que seus grandes ou principais acionistas freqüentam.

No artigo, anteriormente citado, que abordou a entrevista do Tenente Coronel **ROBERT BOWMAN**, ex-candidato à presidência dos Estados Unidos, à revista *ISTOÉ* , foi feita referência a uma **carta aberta ao presidente Clinton,** enviada por ele no ano de 1998.

Um importante amigo, conseguiu desentocá-la, pois foi publicada no dia **02/10/98** no jornal National Catholic Reporter, de Melbourne Beach, Flórida.

Peço a máxima atenção, para **não confundir com os acontecimentos pós 11 de setembro 2001**, pois a carta foi enviada **3 anos antes:**

"A VERDADE É QUE SOMOS ATERRORIZADOS PORQUE SOMOS ODIADOS

Conte a verdade ao povo, Sr. Presidente – sobre heroísmo. Se as ilusões acerca do terrorismo não forem desfeitas, então a ameaça continuará até que nos destrua. A verdade é que nenhuma das nossas milhares de armas nucleares pode nos proteger dessas ameaças. Nenhum sistema Guerra nas Estrelas – não importa quão tecnicamente avançado seja, nem quantos trilhões de dólares sejam despejados nele, poderá nos proteger de uma arma nuclear trazido em um barco, avião, valise ou veículo alugado. Nem sequer uma arma do nosso vasto arsenal, nem sequer um centavo dos 270 bilhões de dólares gastos por ano no chamado sistema de defesa pode evitar uma bomba terrorista.

Isto é um fato militar. Como tenente-coronel reformado e freqüente conferencista em assuntos de segurança nacional, tenho citado o salmo 33: "Um rei não é salvo pelo seu poderoso exército. Um guerreiro não é salvo por sua enorme força". A reação óbvia é: "Então o que podemos fazer? Não existe nada que possamos fazer para garantir a segurança do nosso povo?" Existe. Mas para entender precisamos saber a verdade sobre a ameaça.

Sr. Presidente (Clinton, nA), o senhor não contou ao povo norte-americano a verdade sobre o porquê de sermos alvo do terrorismo quando o senhor explicou o motivo de bombardearmos o Afeganistão e o Sudão. O senhor disse que somos alvo porque defendemos a democracia, a liberdade e os direitos humanos no mundo. Que absurdo!

Somos alvo dos terroristas porque, na maior parte do mundo, nosso governo defende a ditadura, a escravidão e a exploração humana. Somos alvos dos terroristas porque somos odiados. Em quantos países agentes do nosso governo depuseram líderes popularmente eleitos, substituindo-os por militares ditadores, ***marionetes desejosos de vender seu próprio povo a corporações americanas multinacionais*** *?(destaque do autor). Fizemos isso no Irã quando os Marines e a CIA depuseram Mossadegh porque ele tinha a intenção de nacionalizar a indústria do petróleo. Nós o substituímos pelo Shah e chamamos, treinamos e pagamos a sua odiada guarda nacional Savak, que escravizou e brutalizou o povo iraniano, tudo para proteger o interesse financeiro de nossas companhias de petróleo.*

Será possível imaginar que existem pessoas no Irã que nos odeiam? Fizemos isso no Chile. Fizemos isso no Vietnã. Mais recentemente, tentamos fazê-lo no Iraque. ***E, é claro, quantas vezes fizemos isso na***

Nicarágua e outras repúblicas na América Latina? (dA). *Uma vez atrás da outra temos desapossado líderes populares que desejam que as riquezas da sua terra sejam repartidas pelo povo. Nós os substituímos por tiranos assassinos que venderiam seu próprio povo para que a riqueza da terra pudesse ser tomada por similares a Domino Sugar, United Fruit Co., Folgers... De país em país, nosso governo obstruiu a democracia, sufocou a liberdade e pisoteou os direitos individuais.*

É por isso que somos odiados ao redor do mundo. E é por isso que somos alvo de terroristas (refere-se à tentativa de dinamitar o World Trade Center, o demolição do prédio Federal de Oklahoma, explosão de embaixadas no exterior etc.) (nA). O povo do Canadá desfruta da democracia, da liberdade e dos direitos humanos, assim como o povo da Noruega e da Suécia. O senhor ouviu falar de embaixadas canadenses sendo bombardeadas? Ou norueguesas ou suecas? Nós não somos odiados porque praticarmos a democracia, a liberdade e os direitos humanos. Nós somos odiados porque nosso governo nega essas coisas aos países do terceiro mundo, cujos recursos são cobiçados por nossas corporações multinacionais. Esse ódio que semeamos virou-se contra nós para assombrar-nos na forma de terrorismo e no futuro, terrorismo nuclear.

Uma vez dita a verdade sobre o porquê da ameaça existir e ter sido entendida, a solução torna-se óbvia. Nós precisamos mudar nossas práticas. Livrarmo-nos de nossas armas nucleares – unilateralmente, se necessário; irá melhorar nossa segurança. Alterar drasticamente nossa política externa irá assegurá-la. Em vez de continuar a matar milhares de crianças iraquianas todos os dias, com nossas sanções, deveríamos ajudar os iraquianos a reconstruir suas usinas elétricas, suas estações de tratamento de água, seus hospitais e todas as coisas que destruímos e os impedimos de reconstruir.

Em vez de treinar terroristas e esquadrões da morte, deveríamos fechar a Escola das Américas. Em vez de sustentar a revolta, a desestabilização, o assassínio e o terror em redor do mundo, deveríamos abolir a CIA e dar o dinheiro a agências de assistência.

Resumindo, deveríamos ser bons em vez de maus. Quem iria nos deter? Quem iria nos odiar? Quem iria querer nos bombardear? Essa é a verdade, Sr. Presidente. É isso que o povo americano precisa ouvir."

O simples fato de nenhum grande orgão da imprensa norte-americana e mundial ter publicado esta carta, mostra claramente o poder da mídia

exercido pelo sionismo. Vejam novamente em artigo anterior, referente à entrevista de ROBERT BOWMAN para a revista ISTOÉ, a longa folha de serviços prestada pelo mesmo à sua pátria. Ele atualmente é Bispo da Igreja Católica e Conferencista sobre assuntos de Segurança Nacional dos Estados Unidos.

OPINIÕES DE DIVERSAS ÉPOCAS:

GEORGE WASHINGTON – Criador da Constituição dos EUA e o primeiro presidente norte-americano. 1732-1799. Washington figura nas notas de US$ 1.00:

"Esta tribo de gente (refere-se a judeus) trabalha mais eficazmente contra nós que as armas dos inimigos. São cem vezes mais perigosos para as nossas liberdades e para a grande causa que estamos trabalhando. É de lamentar seriamente que em cada Estado, muito antes disso, não lhe foi feito frente, como pestes da sociedade, e os maiores inimigos que temos para a felicidade da América. Eu pediria a Deus que alguns dos mais atrozes de cada Estado fossem enforcados numa forca cinco vezes mais alta que a que eles prepararam para enforcar Haman". *("Máximas de Washington", 1885)*

BENJAMIN FRANKLIN – político, economista e físico – *aparece nas notas de US$ 100,oo* **. Fez em 1776 a Declaração de Independência dos EUA:**

"Um grande perigo ameaça o Estados Unidos da América: o perigo judeu, pois em todos os países onde se estabeleceram, os judeus fizeram baixar seu nível moral e sua honradez comercial. Isolam-se ao invés de se assimilarem. Há 1700 anos eles se queixam de terem sido expulsos da Palestina , Mas se hoje o mundo lhes desse novamente esse país, eles achariam um motivo para não lá residirem, pois todos os judeus são vampiros e vampiros não vivem de vampiros. Eles não podem viver por si próprios. Se não se afastar os judeus constitucionalmente da América por cem anos, no mínimo, virão a este país em grande número, adonando-se do nosso governo e destruindo-nos; mudando nosso regime de governo, pelo qual nós, americanos, temos sacrificado nosso sangue, e pelo qual temos oferecido nossas almas, propriedades e liberdade pessoal. E se não se afastar os judeus durante 200 anos, da nossa terra, nossos filhos trabalharão nos

campos para dar-lhes comida, enquanto eles ficas nas suas casas de câmbio, esfregando as mãos de alegria."

"Cuidado senhores! Se não afastardes os judeus definitivamente, vossos filhos e netos vos amaldiçoarão sobre vossas tumbas, pois os ideais dessa gente não são como os nossos . Mesmo que vivam durante muitas gerações entre nós, não mudarão, como não poderá, nunca, a pantera mudar a mancha de sua pele. **Eles destruirão nossas instituições** (grifo do autor) e, por isso eles devem ser afastados da Constituição". *(Do original guardado no Instituto Franklin, na Filadélfia, Pensilvânia, USA).*

OTTO BISMARCK – o Chanceler de Ferro, unificador da Alemanha, 1815-1898, em discurso no Parlamento Prussiano, em 1847, ref. aos EUA:

"A personalidade de Lincoln os surpreendeu. Sua candidatura não os molestou, pois pensavam enganar facilmente o candidato. Porém Lincoln adivinhou seus planos e prontamente compreendeu que o pior inimigo não era o Sul, mas os financistas judeus. Não externou seus temores, vigiando os movimentos da MÃO OCULTA, não quis expor prontamente as questões que desconcertam as massas ignorantes. Decidiu anular a influência dos banqueiros internacionais, estabelecendo um sistema de empréstimos, permitindo aos Estados solicitar financiamento junto ao povo, mediante a venda de bônus. O governo e a nação escaparam das conspirações dos financistas estrangeiros. **Decidiu-se a morte de Lincoln** (grifo A.). Não há nada mais fácil do que encontrar um fanático para assestar o golpe de morte".
(Citado por "La vieille France").

Quero lembrar que os EUA **são campeões mundiais** de assassinato de presidentes e candidatos, destacando rapidamente, entre muitos, os irmãos Kennedy, cujo pai Josef quando embaixador dos EUA na Inglaterra, **denunciou o complô no governo americano** para levar os EUA à guerra contra a Alemanha, e foi motivo para retirar-se do posto, após violenta discussão com Roosevelt.(nA).

HOUSTON STEWART CHAMBERLAIN – Escritor inglês, da obra "Os Fundamentos do Século XIX". 1855-1927:

"O judeu é um elemento particular e particularmente estranho em nossa vida. Exteriormente, herdou o mesmo que nós mesmos temos herdado; interiormente herdou um espírito profundamente diferente do nosso.

O tronco permanéceu sem mancha, nem uma só gota de sangue estranho se misturou nele. Este povo estrangeiro, eternamente estrangeiro, está indissoluvelmente unido a uma lei hostil a todos os povos. A possessão do dinheiro é pouca coisa em si: nosso comércio, nossa literatura, nossa justiça, nossa ciência, nossa arte... e pouco a pouco todas as formas de nossa atividade se converterão em escravas mais ou menos voluntárias dos judeus que arrastam as correntes à escravidão".

REI FAIÇAL, monarca da Arábia Saudita, assassinado em 25/3/75:

"Irmãos, O que esperamos? Acaso a consciência mundial que contempla e sente tais comédias e crimes que se realizam à vista e ouvidos de todos e que não tem comovido nenhuma consciência, nem sequer por pudor? Se não sentem vergonha ante Deus, que a tenham, ao menos, ante os homens. Todos os intentos de paz têm sido inúteis, perante as ambições da Internacional Sionista, que deseja realizar seus planos expansionistas para a dominação do mundo". (*Discurso ante delegações de peregrinos. Noticiário da Arábia Saudita, Madrid, fevereiro de 1969).*

HENRY FORD - escolhido como o Industrial do Século XX, 1863-1947:

"Nos Estados Unidos, o comércio por atacado, os trustes, as instituições bancárias, as riquezas do subsolo e os principais produtos da agricultura se acham sob o domínio absoluto dos financistas judeus e de suas gentes" *(Daily Mail, 21 de setembro de **1923**).*

"Existe no mundo um grupo de homens poderosos, amigos de permanecer ignorados e afastados do poder, criaturas que não pertencem a uma nação determinada, embora sejam internacionais, potentados que sabem se aproveitar dos governos, da organização social e comercial, das agências de publicidade e dos recursos todos da psicologia popular para difundir o terror no mundo e aumentar ainda mais a influência que exercem. (...) Um poder que grita: "Guerra!" e na confusão das nações, no ingente

sacrifício que os povos fazem para reaver a segurança e a paz, corre com os despojos do pânico." (Do seu livro "Minha Vida e Minha Obra).

GENERAL GEORGE VAN HORNE MOSLEY – *(New York Tribune, do dia 29 de março de 1939*, sobre as pressões para levar os EUA à II GM):

"A guerra que está sendo proposta tem a finalidade de estabelecer a influência judaica sobre o mundo inteiro".

HENRY WALLACE – Quando Secretário de Comércio do Presidente Harry Truman, escreveu no seu diário:

"Truman estava exasperado quanto à pressão judaica que mantinha o poder sionista na Palestina. O Presidente considerou-se muito desgastado com os judeus, dizendo 'Se até Jesus Cristo não pôde satisfazê-los, quando esteve na terra, como, alguém pode esperar que eu tenha tal sorte?'. Truman disse não saber como mover a mão por eles e nem que cuidados possíveis tomar".

WILLIAM JENNINGS BRYANT – Três vezes candidato presidencial pelo Partido Democrata, disse:

"Nova York é a cidade do privilégio. Nela está o assento do Poder Invisível, representado pelas forças aliadas das finanças e das indústrias. Este Governo Invisível é reacionário, sinistro, inescrupuloso, mercenário e sórdido. Ele carece de ideais **nacionais,** é isento de consciência." (*"Personalidades Famosas Opinam").*

CHARLES LINDENBERG – Herói norte-americano, primeiro vôo sobre o Atlântico, referindo-se à II GM, antes da participação dos EUA:

"John T. Flynn está tão convencido como eu de que os judeus são a maior força que está empurrando nosso país para a guerra". *(Diários de Guerra, citados por Chapelin).*

NAPOLEÃO BONAPARTE: – Imperador da França, um dos maiores personagens históricos – 1769-1821:

"Devemos considerar os judeus não só como um povo distinto mas estrangeiro. "Já não quero mais nenhum deles no meu reino e, certamente, tenho feito tudo para provar meu menosprezo para o povo mais vil do mundo. A legislação deve por-se em ação, em todas as partes onde o bem

estar geral estiver em perigo. O governo não pode olhar com indiferença o modo como uma depreciada nação se adona dos Departamentos da França. Os judeus devem ser tratados como um povo especial. São uma Nação dentro de outra Nação. É ultrajante para a nação francesa acabar submissa ao poder do mais baixo dos povos. Os judeus são mestres do roubo na nova idade, são os corvos da humanidade. Os tenho visto, durante a batalha de Ulm, virem correndo desde Strasssburgo para efetuarem vergonhosos saques. Devem ser tratádos com o direito político, não com o direito civil, pois não são, de forma alguma, cidadãos autênticos". *(Pensamento" – Discursos nas reuniões do Conselho de Estado nas datas de 7/3/1806, 30/4/1806 e 7/5/1806).*

THOMAS JEFFERSON – Presidente dos EUA, no século XVIII:
"Dispersados como estão, os judeus ainda formam uma Nação. São estranhos nas terras que habitam. Se alguma vez houve um povo eleito, **povo eleito por Deus é aquele que trabalha a Terra".** *("Los americanos", de D.Borstin, e "Notas de Virgínia"Boston,1832).*

CHARLES DE GAULLE – Militar e Presidente da França, século XX:
"Os judeus continuam sendo o que sempre foram: um povo elitista, confiado e arrogante!". *(Durante conferência com a imprensa, no dia 27/11/1967, ao referir-se à guerra iniciada pelo sionismo, no Oriente Médio).*

DOMINGO SARMIENTO – Presidente da Argentina, pedagogo, escritor e educador 1811 – 1888:
"O povo judeu, espalhado por toda a terra, exerce a usura e acumula milhões, rechaçando a pátria onde nasce e morre, por uma pátria ideal, que escassamente banha o rio Jordão, e para a qual não irá viver jamais. Este sonho, que se perpetua há 20 ou 30 séculos, continua até hoje perturbando a economia das sociedades nas quais vivem, mas da qual não formam parte, e agora mesmo, tanto na Rússia como na ilustrada Prússia, se levanta um grito de repulsa contra este povo que se considera eleito, mas carece de sentimento humano, amor ao próximo, apego à terra, culto ao heroísmo da virtude e dos grandes feitos, onde quer que se produzam". *("Condición del extrangeiro en la America").*

HENRIQUE JARDIEL PONCELA - Escritor espanhol, 1901-1952:

"Se, na terra, existe um povo que é tirano dos demais, esse povo sois vós. Tendes todo o dinheiro e influência possível . Donos das grandes empresas, agitais o centro das finanças e regeis a vida do mundo. Sois a base do poder, o barômetro da riqueza e a balança da atividade. Tendes tudo isso... Sois tudo isso... e lhes parece pouco. Os humanos vos entregam seus bolsos e ainda quereis que vos entreguem o coração... Árbitros do capital e do poder ainda ambicionais a arbitragem do Sentimento..." *("La Tournée de Dios").*

KARL MARX

Ideólogo - filósofo – Século IXX – Judeu, filho de rabino.

Do seu livro "A Questão Judaica":

"Uma organização social que acabasse com as premissas da usura e, portanto, com a possibilidade desta, tornaria impossível o judeu. Sua consciência religiosa se desanuviaria como um vapor turvo que pairava na atmosfera real da sociedade". (p.56).

"O judeu se tornará impossível tão logo a sociedade consiga acabar com a essência empírica do judaísmo, com a usura e suas premissas. O judeu será impossível porque sua consciência carecerá de objeto, porque a base subjetiva do judaísmo, a necessidade prática, se terá humanizado, porque se terá superado o conflito entre a existência individual-sensível e a existência genérica do homem. A emancipação social do judeu é a emancipação da sociedade do judaísmo". (p.63).

"Qual era o fundamento da religião hebraica? A necessidade prática, o egoísmo.

"A necessidade prática, o egoísmo, é o princípio da sociedade burguesa e se manifesta como tal em toda sua pureza da mesma maneira que a sociedade burguesa extrai totalmente do seu próprio seio o Estado político. O Deus da necessidade prática e do egoísmo é o dinheiro.

"O dinheiro é o Deus zeloso de Israel, diante do qual não pode legìtimamente prevalecer nenhum outro Deus. O dinheiro humilha todos os deuses do homem e os converte em mercadorias. O dinheiro é o valor geral de todas as coisas, constituído em si mesmo. Portanto, despojou o mundo inteiro de seu valor peculiar, tanto o mundo dos homens como a natureza. O dinheiro é a essência do trabalho e da existência do homem, alienada deste, e esta essência estranha o domina e é adorada por ele..

"O Deus dos judeus se secularizou, converteu-se em Deus universal. A letra de câmbio é o Deus real do judeu. Seu Deus é sòmente a letra de Câmbio ilusória (p.59).

"A nacionalidade quimérica do judeu é a nacionalidade do negociante, do homem de dinheiro em geral". (p.60).

Os árabes também vivem lá

Com satisfação, reproduzimos, na íntegra, o importante artigo, com o título acima, condensado do "Harper's Magazine", e publicado pela SELEÇÕES DO READER'S DIGEST em abril de 1947, de autoria de KERMIT ROOSEVELT, neto do ex-presidente dos EUA, Theodor Roosevelt, que ensinou história na Universidade de Harvard e no Instituto de Tecnologia da Califórnia, trabalhou para o Departamento de Estado no Cairo em 1943, e durante a II GM serviu como funcionário público na Arábia Saudita, Transjordânia, na Síria, Líbano, e Palestina, quando teve oportunidade, pela primeira vez, de entrar em contato com os problemas desse país.

" Duas realidades implacáveis terão que ser enfrentadas na solução do explosivo problema da Palestina. Em primeiro lugar, a causa zionista é para muitos judeus a sua principal razão de viver, pela qual estão dispostos a lutar e morrer; para muitos outros judeus, que ainda se encontram na Europa, representa a sua única esperança. Em segundo lugar, existe o fato menos conhecido de que os árabes também têm direitos na Palestina, pelos quais eles estão igualmente dispostos a lutar e a morrer. De vez em quando, alguém regressa de uma rápida viagem a Jerusalém e relata que a hostilidade árabe para com o Zionismo está limitada aos ricos donos de terra, enquanto o povo se conserva indiferente. A criação de um estado judaico, dizem eles, poderia ter lugar sem séria oposição. Eu, porém, estive também na Palestina e as conclusões que tirei são inteiramente diversas.

Por exemplo: certo dia em 1944, acompanhado de um americano, que falava árabe, estive numa pequena aldeia árabe situada às margens do mar de Galiléia, onde fui convidado pela principal autoridade do lugar a tomar café em sua casa - pequena construção de uma peça apenas, feita de argila cozinhada ao sol. Após a habitual troca de amabilidades, o nosso anfitrião passou a fazer perguntas sobre a política exterior norte-americana. Era verdade, perguntou ele, que os Estados Unidos estavam auxiliando os judeus a tomar a Palestina dos árabes? Com que direito o povo de um país pode dizer ao povo de outro país que deve entregar o seu território a terceiros? Esse árabe não era um homem de educação, mas falou com força e convicção quando disse que ele e seus aldeões prefeririam lutar até o

último homem a permitir a introdução de uma maioria estrangeira em sua pátria.

Essa aldeia estava situada perto de uma das ótimas fazendas comunais judaicas da Palestina, e nós observamos que havíamos ficado impressionados com o que víramos aí. Não só eram bons fazendeiros, mas uma gente sincera e admirável."

Ele admitiu com franqueza que os judeus ensinaram a seus aldeões métodos modernos de irrigação, emprestaram-lhes maquinaria agrícola e os auxiliaram de muitos modos. Como indivíduos, ele os admirava. Mas, acrescentou, havia outros judeus na Palestina que odiavam os árabes e os maltratavam. Seria fútil tentar trazer-lhes conforto, referindo-nos à promessa dos zionistas de que aos árabes seriam garantidos direitos iguais. A questão para eles resumia-se simplesmente no seguinte: se o caminho fosse aberto aos judeus, a Palestina tornar-se-ia um estado judaico, e não árabe.
Na tarde do mesmo dia, encontramo-nos em Jerusalém com um homem que havia servido de "oficial de ligação" numa fazenda coletiva judaica, durante os dias tumultuosos que precederam a última guerra. Perguntamos-lhe se achava que a campanha judaica para promover relações amigáveis com os seus vizinhos árabes havia sido coroada de êxito. Respondeu-nos que, até certo ponto, havia. Por exemplo, nenhum árabe dos arredores atacara o pessoal da fazenda onde estivera. Pareciam realmente gratos pelo auxílio e conselho que haviam recebido. Chegaram até, em certas ocasiões, a avisar aos judeus quando um ataque estava sendo planejado por árabes de outra localidade.

Mas tratava-se de um assunto pessoal, que não interferia com um ideal de escopo mais amplo - o de conservar a Palestina como estado árabe. Para preservar a sua aguda sensibilidade, cumprindo ao mesmo tempo um dever nacional (segundo o seu modo de pensar), esses mesmos árabes iam atacar outro grupo distante de judeus - a que não estivessem ligados por laços pessoais. Segundo nosso informante, a opinião era de que fariam novamente o mesmo.
Desde 1939, o terrorismo na Palestina tem sido obra quase exclusiva dos extremistas judeus. Mas isso nem sempre aconteceu, nem podemos presumir que continue assim. Ninguém ousaria predizer quando os árabes pensarão

ter chegado o momento de eles também pegarem em armas.

Na Palestina, o assunto obrigatório de conversa é o conflito entre árabes e judeus. Os otimistas são poucos. Somente aqueles que estão longe do local, podem dizer que os árabes se submeterão à imposição de um estado judaico na Palestina. O relatório da Comissão de Inquérito Anglo-Americana diz especificamente que os líderes árabes representam fielmente os seus seguidores; o tom do relatório inteiro pressagiava sangue e terror.

Nessas circunstâncias é de cortar o coração saber que uma grande percentagem dos judeus atormentados da Europa quer ir para a Palestina. A não ser que se chegue a um acordo com os árabes, torna-se evidente que a Palestina não oferece remédio à sua situação de amarga incerteza. Frágeis seriam, sem dúvida, as possibilidades de paz e segurança para esses judeus, num país agitado pela guerra civil, que a sua presença desencadeou.

Creio, no entanto, que mediante um sacrifício, eles poderiam alcançar o que tanto ambicionam. Esse sacrifício seria renunciar á idéia de que a Palestina venha a tornar-se um estado judaico e concordar em que a imigração futura (após a admissão de um número específico de refugiados - 100 mil, digamos) seja limitada a uma cota razoável.

A trágica confusão reinante na Palestina foi tão obscurecida por inúmeras promessas contraditórias, que qualquer acordo será provavelmente considerado injusto por alguns que o aceitaram de boa fé. È de lamentar-se que essas promessas tenham sido feitas por elementos sem direito moral ou real de dar o que haviam prometido.

Torna-se difícil responder aos árabes quando dizem: "Vocês americanos falam em proteger os direitos da minoria. Significa isso que uma maioria terá que ser esmagada e transformada contra sua vontade numa minoria, dentro de sua própria pátria? Vocês falam da auto-determinação dos povos, de eleições livres e democracia. Porque não deixar que a Palestina realize uma eleição livre de modo democrático? E não é estranho que, apesar de todas as expressões de horror diante da perseguição nazista aos judeus e de todas as manifestações do desejo de ajudar - vocês, também os canadenses, australianos e sul-americanos, que têm espaço de sobra, não estejam

dispostos a aceitar a sua cota de refugiados, em vez de exigir que um pequeno país suporte o peso inteiro?"

A Comissão de Inquérito informa que a "Palestina por si só não pode satisfazer as necessidades emigratórias das vítimas judaicas" e que "as informações que recebemos sobre outros países além da Palestina não davam lugar a que se esperasse uma assistência valiosa á campanha de encontrar refúgio para os judeus". Isso não dá uma boa impressão da justiça ocidental, para não falar em misericórdia.
Tenho-me referido principalmente aos direitos dos árabes, porque não têm sido muito divulgados. Mas a causa judaica é coagente. É indiscutível o direito dos judeus não somente a asilo, mas também a lares onde possam viver em paz e dignidade. Esse direito tem que ser atendido por ação internacional. Todos nós somos de algum modo culpados pela sua condição, e cabe-nos a responsabilidade de encontrar solução ao problema. A questão é determinar qual a parte que cabe à Palestina.

A Declaração Balfour e o Mandato da Liga das Nações prometiam coisas do outro mundo aos judeus em relação à Palestina. Apesar de não podermos julgar os árabes comprometidos por essas promessas, os judeus não são culpados disso. Os zionistas não têm direitos legais sobre a Palestina, mas as suas esperanças têm uma razão de ser.
No momento atual, porém, estão fazendo pressão para obter mais do que lhes fora prometido. O relatório da Comissão de Inquérito revela que "a exigência da criação de um estado judaico ultrapassa as obrigações tanto da Declaração Balfour como do Mandato da Liga das Nações, e, ainda em 1932, era expressamente rejeitada pelo presidente da Agência Judaica". É a exigência do estabelecimento de um estado judaico que desperta exasperado temor e intenso ódio entre os povos árabes. O abandono dessa ambição - que representa o sacrifício a meu ver necessário para o bem dos judeus tanto na Palestina como na Europa - não significa uma diminuição nas suas esperanças legítimas, mas antes o retorno ao programa original.

O próximo passo - a aceitação de limitações estrictas sobre a imigração futura, depois de ter sido preenchida a cota de emergência - este sim, iria representar verdadeira retirada. Na prática, porém, não creio que seria muito importante, pelos seguintes motivos:

Ao negociar um número para a cota de emergência, parece-nos essencial (e simplesmente humano) que os Estados Unidos e os Domínios Britânicos, em particular, concordem em aceitar dentro de suas fronteiras proporção razoável de refugiados judeus. Se 100 mil forem aceitos como uma quantidade desejável para a Palestina, pareceria razoável que os Estados Unidos e os Domínios Britânicos aceitassem, caso necessário, um número duas ou três vezes maior que aquele. De qualquer modo, o acordo final deverá prover asilo para todos os judeus que querem atualmente emigrar da Europa.

Após as exigências atuais terem sido satisfeitas, não é provável que continue a haver procura por vistos de imigração para a Palestina e ir para a América do Sul, ou para os Estados Unidos ou mesmo, passada a atual emergência, voltar aos seus lares na Europa. A Comissão de Inquérito refere-se a uma petição dirigida ao governo austríaco por judeus, atualmente na Palestina, que pediam permissão para regressar àquele país. Muitas petições semelhantes poderão seguir-se nos próximos anos.

A capacidade de absorção de população adicional por parte da Palestina tem que ser levada em conta. O aumento natural de população entre os árabes tem sido grande e sem dúvida continuará na mesma escala. Tais projetos, como a proposta barragem e usina de força no Vale do Rio Jordão, poderiam no entanto permitir grande aumento na imigração judaica.

Mas, e os árabes? Concordarão eles com tais propostas? É muito possível que sim, como parte necessária do programa que se segue. Imediatamente após concordarem, dever-se-ia abrir o caminho para que a Palestina se tornasse estado independente, membro da Federação Árabe e das Nações Unidas. Teria uma maioria árabe, mas os direitos da minoria judaica deveriam ser cuidadosamente protegidos, sob a fiança das Nações Unidas, com governo próprio local, onde fosse possível, e completa participação no governo nacional.

A administração do país deveria ser entregue aos árabes e judeus o mais rapidamente possível. Completa independência deveria ser concedida logo que uma comissão das Nações Unidas achasse que a ordem pública podia

ser mantida.

Nesses termos creio que a maioria árabe concordaria em um número generosa e firmemente estabelecido para imigração de emergência. Os árabes teriam aquilo que mais desejam: independência e a segurança de manter uma maioria em seu próprio país.
Por outro lado, os judeus teriam grande parte do que lhes foi prometido na Declaração Balfour e no Mandato da Liga das Nações, e muito mais do que fora recomendado em dois subseqüentes - e competentemente estudados - Livros Brancos Britânicos. A maioria dos judeus concorda, creio eu, em abandonar a idéia de um estado judaico na Palestina, e aceitar restrições na imigração, em troca de lares para os seus desamparados da Europa - contanto que a opinião pública norte-americana apóie claramente tal programa e que não se insista numa maior expansão de promessas anteriores. Muitos judeus, especialmente aqueles que vivem na Palestina, há muito vêm pedindo medidas nesse sentido.

Esse plano não será totalmente aceito por ambos os lados. Infelizmente, nenhum plano o seria. Mas algo tem que ser feito. A inação levará aos caos nos campos dos refugiados da Europa, na Palestina, e subseqüentemente com toda probabilidade, através da maior parte do Oriente Médio. E somente se levarmos em consideração os direitos tanto dos árabes como dos judeus, poderemos chegar a uma boa solução - e isso estará de acordo com as tradições de justiça e de democracia.

Islã x Sion

Capa da Edição de 28 de fevereiro do corrente ano da revista americana Time, o líder negro Louis Farrakhan do movimento islâmico radical Nação Islã, concede reveladora entrevista, abordando temas quase tabus na manipulada sociedade americana, como judaísmo, anti-semitismo, racismo, preconceito, etc.

Ao atacar frontalmente o judaísmo americano, fica a interrogação: como foi possível que uma publicação como Time, comprometida com o "establishment" americano historicamente atrelado ao sionismo internacional, publicasse passagens altamente esclarecedoras e contundentes sobre o papel do judaísmo na exploração do povo negro norte-americano e inclusive mundial, quando cita o papel fundamental dos traficantes judaicos no transporte, no comércio e na disseminação da escravatura negra?

A explicação talvez resida no fato de que a intelectualidade judaica mais esclarecida esteja se dando conta do terrível beco sem saída a que o homicida e irresponsável fanatismo sionista está levando o restante da comunidade judaica mundial. Urge fazer alguma coisa. Urge discutir e revisar conceitos. Urge garantir um futuro seguro para as novas gerações judaicas ameaçadas por um renascido anti-semitismo a nível mundial, na sua quase totalidade fomentado pelo próprio sionismo. Velhos ressentimentos europeus, conseqüência das terríveis injustiças praticadas, até recentemente, sob a inspiração sionista internacionalista, ressurgem assustadoramente. No Oriente Médio um radicalismo islâmico, fruto do terror e da intransigência israelense, vem se avolumando qual onda avassaladora, colocando em cheque o próprio sonho sionista de um lar nacional judaico. E agora "horror supremo" o radicalismo islâmico cresceu assustadoramente no único local que os judeus consideram seguro e onde realmente mantém o poder efetivo e absoluto – os Estados Unidos – um santuário da liberdade e refúgio "democrático", a partir do qual o sionismo internacional, através do poder do dólar e do domínio absoluto dos meios de comunicação a nível planetário, comanda os destinos dos povos e nações. Radicalismo "anti-semita" dentro de casa é demais!

O fato é que os dirigentes sionistas mentiram demais, falsificaram demais, exploraram demais, vilipendiaram demais, mataram – e continuam matando – demais, torturaram demais, exigiram e apoderaram-se de terras, ouro e mentes demais. E a paciência das pessoas, dos povos, tem limites. O Revisionismo Histórico tem alertado que ainda é tempo para uma marcha à ré nesta tragédia: bastaria que a comunidade civil e religiosa judaica, como um todo, colocasse um término definitivo nas maquinações e anseios doentios de seus dirigentes sionistas; bastaria que – como sugeriu S. E. Castan em seu livro "A Implosão da Mentira do Século" www.revisaoeditora.com.br ou www.revision.com.br – estes dirigentes criminosos, deformadores da história, opressores da humanidade, fossem publicamente identificados, neutralizados, presos e condenados, para que o restante da comunidade judaica, seus filhos e netos, não viessem a ser incorretamente acusados no futuro como responsáveis/coniventes com a situação de horror e caos mundial que – a exemplo da farsa do "holocausto" – foi criada unicamente pelos cérebros messianicamente doentios dos dirigentes fanáticos sionistas, do passado e do presente.

A seguir, partes da entrevista concedida por Farrakhan a Time. O próprio editor-chefe da revista coloca a pergunta: "como pode um povo, (os judeus), que possui a memória do Holocausto, tolerar este tipo de racismo?", referindo-se a uma palestra feita por um dos auxiliares de Farrakhan no Kean College de Nova Jersey, ocasião em que acusou os judeus de serem os mentores da desgraça dos negros americanos:

Farrakhan: "Tenho que falar a verdade: o que é um sanguessuga? Quando ele gruda na sua pele ele suga sua vida para alimentar a dele".
"Nos anos 20, 30, 40 até os anos 50 os judeus foram os principais negociantes junto à comunidade negra. Onde estávamos, estavam eles. Comprávamos comida deles; comprávamos roupas deles; comprávamos móveis deles; alugávamos deles. Assim, lucraram conosco, e da nossa vida eles drenaram vida e chegaram ao poder".

FARRAKHAN: "A idéia é isolar-me e, através da mídia, chamar-me de incitador do ódio, um racista, um anti-semita".

“De todos os artistas negros, ou a maioria deles, que alcançaram o sucesso, quem são os seus agentes? E quem tem o talento: o agente ou o artista? Mas quem colhe os benefícios? Vamos lá! Nós morremos sem um tostão,mas alguém se aproveita de nós. Quem cerca Michael Jackson ? Somos nós ?”

“Veja irmão, temos de olhar a verdade. Vocês alegam que falar assim é repetir o mesmo velho lixo dito na Europa. Eu não sei de nenhum lixo da Europa. Mas eu sei a respeito do que vejo na América. E porque observo este povo negro e vejo que não será livre enquanto não mantiver um novo relacionamento com a comunidade judaica, então sinto que o que afirmo, em última instância, quebrará este relacionamento. Sinto que teremos de alterar o antigo relacionamento intelectual e profissional do negro com a comunidade judaica e reestruturá-lo sob linhas de reciprocidade, honestidade e eqüidade. Reconheço que o homem negro jamais será livre enquanto não resolvermos o relacionamento entre negros e judeus”.

“Quando sou acusado de ser um Hitler, um Hitler negro, por causa da minha habilidade oral e da minha habilidade de mobilizar as pessoas, é porque existe o medo de que eu não possa ser mantido sob controle. Com a graça de Deus, nunca ficarei sob o controle destes que não querem a libertação de nosso povo”.

Genocído Impune

Autoria do jornalista Carlos F. Menz, da Rede de Notícias Independente – RNI

Há exatos 3 anos, em setembro de 1998, a **publicação revisionista Boletim-EP**, em seu "Esclarecimento ao País" de número 19, sob o título **"Genocídio Impune"**, analisava os brutais resultados do embargo de comida e remédios ao Iraque feito pelo governo americano, quando o mundo assistiu o horror dos grandes enterros coletivos de crianças naquele país, em conseqüência de tão desumano comportamento. Não satisfeitos, os EUA decretavam igual embargo ao paupérrimo Sudão por supostas violações de direitos humanos e abrigo de terroristas.

Pela atualidade daquela matéria, reproduzimos a mesma na íntegra:

"Os Estados Unidos, através de seu órgão internacional, a ONU, e sempre obedientes a Israel, mandam e desmandam no mundo, aplicando "sanções" a torto e a direito em qualquer país, pequeno ou grande, "amigo" ou não, sempre que seus interesses político-econômicos sejam "desrespeitados". Após a II Guerra Mundial, com a divisão do mundo em duas zonas de influência --americana e soviética-- o sionismo passou a controlar cada lado conforme seus interesses. Posteriormente, uma vez decidido o fim da zona comunista, ou proletária, optaram (os sionistas) definitivamente pelo domínio total através do capitalismo, mais prático, mais objetivo e mais controlável. E assim, desde a desintegração da União Soviética, os Estados Unidos mandam sozinhos no mundo. Atacam onde, quando e quem quiserem. Usam a ONU como disfarce e partem para o genocídio total, sempre que os interesses de Israel sejam ameaçados. Contra o Iraque decretaram o embargo total e o resultado é --conforme notícia acima-- a morte de milhares e milhares de crianças, por falta de remédios e alimentos. A Líbia igualmente sofre bloqueio internacional total, um pouco menos dramático do que o do Iraque porque o país continua com toda a sua infra-estrutura intacta. Contra o paupérrimo Sudão, igualmente, Clinton decide, qual um deus no Olimpo, que seus habitantes deverão morrer todos de fome, porque não obedecem ao senhor sionista. Até quando isso perdurará? Israel sabe bem que todo o mal que espalha pelo mundo um dia terá de ser

compensado. Sabe e treme com isso e procura se cercar, sempre mais, de garantias, causando com isso, mais e mais destruição e ódio. Mas e os Estados Unidos? Que sina trágica acompanha essa nação? Por que tornou-se o braço armado, o gendarme obediente e humilde do sionismo internacional? Terá sido porque não seguiu o conselho de um dos fundadores daquela nação, Benjamin Franklin, que pretendia impedir, constitucionalmente, que os judeus se fixassem no país? O que faz com que os Estados Unidos, **<< país que nunca foi atacado, que nunca sofreu uma invasão estrangeira, que sempre pode viver e se desenvolver pacificamente>>**, o que faz com que um país assim, abençoado por uma benesse desconhecida por quase todos os demais países do mundo, **<< atravesse mares e oceanos, invada países e territórios distintos, massacre populações inteiras>>**, muitas das quais nunca tomaram conhecimento deste país belicoso e agressivo a não ser quando viam suas terras invadidas, suas cidades ardendo e seus filhos calcinados? A resposta, sem a mínima sombra de dúvidas, está no fato de não terem sido fiéis ao espírito de seus fundadores. Ao colocarem o material à frente do espiritual, deixando-se conduzir cegamente por uma minoria totalmente alheia aos seus verdadeiros interesses e aspirações, **<<penarão, no futuro, o mesmo castigo que está --inexoravelmente -- reservado pela Providência, infinita e eterna, aos seus atuais guias e mentores >>.** Pagarão, infelizmente, os justos juntamente com os pecadores, porque já está escrito que aquele que fecha os olhos para o crime é tão culpado como o próprio criminoso. Quiçá o povo americano abra os olhos --enquanto ainda há um resto de tempo-- saia dessa dormência e letargia a que foi jogado há mais de meio século e decida tomar em suas mãos a condução e os destinos daquele grande país. Seria a sua salvação e uma bênção para a humanidade."

SENSACIONAL ENTREVISTA DE BIN LADEN EM 1998!

"O APOIO AMERICANO AOS DEMONÍACOS ISRAELENSES É UMA DESGRAÇA, UMA MALDIÇÃO; JAMAIS UM BENEFÍCIO PARA OS ESTADOS UNIDOS":

Uma reveladora entrevista de OSAMA BIN LADEN em 1998 "...enquanto os Estados Unidos bloqueiam a entrada de armas nos países islâmicos, providenciam o contínuo abastecimento de Israel com armamento, permitindo que matem e massacrem cada vez mais muçulmanos. A religião de vocês não os proíbe de cometer este tipo de comportamento, assim, vocês não têm nenhum direito de reclamar sobre qualquer tipo de resposta ou retaliação em conseqüência dos seus atos" – Osama bin Laden Leia a entrevista completa (em inglês) enquanto não for retirada da Rede em:

http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/binladen/who/interview.ht
ml
(Material extraído e traduzido pela RNI de http://www.hoffman-info.com/news.html)

Esta entrevista de 1998 prova que Ehud Barak, Shimon Peres e Binyamin Netanyahu mentiram quando em declarações à televisão, nos EUA e na Grã-Bretanha, após os acontecimentos do dia 11 de setembro, afirmaram (e continuam afirmando) que a campanha de Bin Laden não teria nada a ver com "Israel" ou com os judeus, refletindo unicamente "a inimizade histórica do islamismo contra a Civilização Ocidental". Muito pelo contrário, afirmamos nós, os americanos estão sendo atacados em conseqüência do seu sangrento apoio ao sionismo-bélico e à brutal ocupação israelense das terras palestinas.

Trechos da entrevista de Osama bin Laden:

"O Ocidente apoia os planos judaicos e sionistas de expansão no sentido do que eles chamam de o Grande Israel... a presença ocidental tem somente um objetivo na região: garantir o apoio aos judeus na Palestina..."

"Por mais de meio século os muçulmanos na Palestina estão sendo chacinados, violentados e roubados na sua honra e em suas propriedades. Suas casas estão sendo dinamitadas. Suas plantações destruídas. E o mais estranho é que um único ato de desforra, repúdio ou oposição contra as injustiças cometidas, causa grande agitação nas Nações Unidas, que logo apressa-se a convocar encontros de emergência, unicamente para condenar as vítimas e condenar os tiranizados e maltratados cujos filhos foram assassinados, cujas colheitas destruídas e cujas plantações foram incineradas..."

"Não é suficiente... aos povos (do Ocidente) demonstrarem compaixão quando assistem nossas crianças sendo assassinadas pelos incursões aéreas israelenses conduzidas com aeronaves americanas, isso não adianta. O que eles devem fazer é trocar estes seus governos que atacam nossos países..."

"... A inimizade entre nós e os judeus remonta a muito longe e tem raízes profundas. Não se questiona que a guerra entre nós é inevitável. Portanto não é do interesse dos governos ocidentais expor seus povos a todo o tipo de retaliação, em troca de nada. Seria altamente desejável que estes povos iniciassem um movimento positivo e forçassem seus governos a não atuarem em favor de interesses de outros Estados e seitas..."

"Os líderes nos Estados Unidos e em outros países caíram vítimas da chantagem judaico-sionista. Mobilizaram seus povos contra o Islã e os muçulmanos. Estes são apresentados ao mundo de maneira a que todos tenham ódio dos mesmos. E a realidade é que o mundo islâmico na sua totalidade é vítima do terrorismo internacional capitaneado pelos Estados Unidos e as Nações Unidas. Somos uma mação cujos símbolos sagrados foram saqueados e cuja força e recursos foram roubados. É normal para nós reagir contra forças que invadem e ocupam nossa terra....

...Mais uma vez tenho que enfatizar a necessidade de apontar os Estados Unidos e os judeus, pois representam a ponta-de-lança sob a qual os membros da nossa religião vêm sendo massacrados." "Os americanos iniciaram tudo isso, e retaliação e punição resultam disso, seguindo o princípio da reciprocidade, principalmente quando há o envolvimento de mulheres e crianças. Através da História os Estados Unidos não são

reconhecidos como alguém que faz diferença entre militares e civis ou entre homens e mulheres, ou adultos e crianças. Quem jogou bombas atômica e usou armas de destruição em massa contra Nagasaki e Hiroshima foram os americanos.

Por acaso bombas diferenciam entre militares e mulheres, jovens e crianças? Os Estados não tem uma religião que os impeça de dizimar povos inteiros. A posição de vocês na Palestina, contra os muçulmanos, é desprezível e vergonhosa. Os Estados Unidos não tem vergonha. ...nós acreditamos que, no mundo, os piores ladrões hoje em dia e os piores terroristas são os americanos. Provavelmente nada poderá detê-los, exceto a retaliação equivalente... Quanto aos rumores de uma tentativa de assassinato do presidente Clinton, não seria surpreendente. O que se pode esperar de um povo atacado por este mesmo presidente Clinton, cujos filhos e mães foram assassinados por este Clinton? Pode-se esperar algo diferente do que um tratamento recíproco?"

"...Allah forneceu ao povo muçulmano e aos mujahedins afegãos e a todos os que estão com eles, a oportunidade de lutar contra os russos e a União Soviética. ...Estes foram derrotados por Allah e exterminados. E aí temos uma lição. A União Soviética invadiu o Afeganistão em 1979. A bandeira soviética foi enrolada definitivamente dez anos depois, em 25 de dezembro. Ela foi jogada na cesta do lixo. A União Soviética se foi para sempre. Tenho a certeza de que -com a graça de Allah- venceremos os americanos e os judeus, conforme o Mensageiro de Allah nos garantiu na tradição profética, quando afirmou que a Hora da Ressurreição não virá antes da vitória do Islã sobre os judeus, e antes que estes se escondam atrás de árvores e rochas."

"...temos a certeza -com a graça de Allah- de que venceremos os judeus e todos os que lutam junto a eles. Contudo, nossa batalha contra os americanos é bem maior do que aquela contra os invasores russos. Os americanos cometeram estupidezes incomensuráveis. Eles atacaram o Islã e seus mais sacrossantos símbolos. ...Prevemos um futuro negro para os Estados Unidos. Ao invés de permanecerem Estados unidos, terminarão como Estados separados e ainda terão de carregar os corpos de seus filhos de volta para a América."

"Após nossa vitória no Afeganistão (contra os russos) e a derrota dos opressores que assassinaram milhões de muçulmanos, a lenda da invencibilidade das superpotências se desfez. Nossos jovens não vêem mais os Estados Unidos como uma superpotência. Assim, quando deixaram o Afeganistão, eles se dirigiram para a Somália e prepararam-se para uma longa guerra. Eles pensavam que os americanos seriam (fortes) como os russos, portanto treinaram e se prepararam. Ficaram admirados quando verificaram quão baixo era o moral do soldado americano. Os Estados Unidos entraram com 30.000 soldados, adicionados a mais alguns milhares de outros combatentes de várias partes do mundo. ...confirmaram que realmente o soldado americano é um tigre de papel. Mostrou-se incapaz de realizar a tarefa que foi designada para seu exército (na Somália) e fugiu. Teve de encerrar todo alarido que vinha fazendo na imprensa após a guerra do Golfo, onde destruíram a infra-estrutura, as instalações de laticínios e indústrias correlatas e tudo que fosse vital para a sobrevivência de crianças e civis, explodiram represas necessárias para as plantações que o povo necessitava para a alimentação das famílias. Orgulhosos com esta destruição, os Estados Unidos assumiram o título de líder mundial e senhores da Nova Ordem Mundial. Após poucos golpes, esqueceram todos estes títulos e fugiram às pressas da Somália, envergonhados e em desgraça, arrastando consigo os corpos de seus soldados.

...Eu estava no Sudão quando isso ocorreu." "Nossas mães e filhas e filhos estão sendo massacrados diariamente com a aprovação dos Estados Unidos e com o seu apoio. E, enquanto os Estados Unidos bloqueiam a entrada de armas nos países islâmicos, providenciam o contínuo abastecimento de Israel com armamento, permitindo que matem e massacrem cada vez mais muçulmanos. A religião de vocês não os proíbe de cometer este tipo de comportamento, logo, vocês não têm nenhum direito de reclamar sobre qualquer tipo de resposta ou retaliação em conseqüência dos seus atos"

"Porém, e apesar disso, nossa retaliação é direcionada principalmente contra soldados e contra os que estão junto a eles. Nossa religião nos proíbe de matar inocentes, pessoas como mulheres e crianças. Isso, evidentemente, não se aplica a mulheres combatentes. Uma mulher que se coloca na mesma trincheira com um homem, receberá o mesmo tratamento que ele..."

Entrevistador: O Sr. teria uma mensagem para o povo americano?

Bin Laden: Eu digo a eles que colocaram a si próprios à mercê de um governo desleal, e isso está mais evidente na administração Clinton. Afirmo que esta administração representa Israel dentro dos Estados Unidos. Examine os importantes ministérios da Defesa e a CIA e você verá que os judeus tem o comando dos mesmos em suas mãos.

Eles usam os Estados Unidos para favorecer seus planos de domínio mundial... "A presença americana no Golfo fornece apoio aos judeus e protege sua retaguarda. Enquanto milhões de americanos estão sem teto e desamparados, vivendo em pobreza abjeta, seu governo está envolvido na ocupação da nossa terra e ajudando Israel a construir novos assentamentos nas áreas originais onde se deu a partida do nosso Profeta para sua jornada aos sete céus. Os Estados Unidos manda seus próprios filhos à terra das duas Santas Mesquitas (Arábia Saudita) com o objetivo de defender os interesses judaicos..."

" O governo americano está guiando os Estados Unidos direto para o inferno... Nos recomendamos aos americanos, como povo, às mães americanas que, se estimam suas vidas e se estimam seus filhos, deverão eleger um governo patriótico voltado para seus interesses e não para os interesses dos judeus. Se o sistema de injustiças atual perdurar... isso inevitavelmente moverá o campo de batalha para o solo americano... Esta é minha mensagem ao povo americano. Eu sublinho a necessidade urgente de elegerem uma administração séria, que atue no seu interesse, e que não saqueie sua honra, sua riqueza e bem estar..."

Dia Onze de Setembro de 2001

Dia 11 de setembro de 2001

O dia onze de setembro de dois mil e um, ficará profundamente marcado para todo o mundo e mais especialmente para os povos ocidentais, pelas imagens inacreditáveis da desgraça e do terror que até agora somente se havia visto em filmes e jamais se imaginava que fossem se tornar cenas tão reais no ambiente cotidiano do nosso planeta.

Estes acontecimentos marcam o início da queda do poderoso "Império Judaico-Americano", que à semelhança do antigo "Império Romano" conquistaram reinos e mais reinos e depois implodiram pela sua própria devassidão, e assim agora com os norte-americanos tudo que eles construíram através da exploração de outros povos será por eles mesmos destruído pela alta degradação do respeito pela própria vida humana.

Infelizmente, os filmes de grande sucesso lançados pelos atores de maior fama de Hollywood em muitos deles foram protagonizadas toda esta desgraça e todo este terror, contribuindo em larga escalada como exemplos de todos estes barbarismos e assim atuaram com verdadeiros "Mestres" para os terroristas. Mestres do terrorismo são todas as pessoas ou organizações patrocinadoras de Hollywood que trabalharam anos e anos fazendo milhares de filmes sobre banditismos e trabalhando sempre em cima da desgraça dos outros e divulgando as manias de grandeza e superioridade de um determinado povo apresentando-os como se fossem infalíveis e os donos de toda a verdade. Por quê não usaram todos os meios disponíveis para lançarem filmes instrutivos e culturais voltados para o bem comum da humanidade? Por quê preferiram somente incentivar a desgraça alheia?

Como em todas as guerras, é muito triste e até lamentável que um grande número de criaturas inocentes paguem com a vida pela insanidade e todas as brincadeiras sobre a desgraça alheia colocadas em prática através de governos e ministros autoritários e prepotentes que nunca foram capazes de ter a humildade de parar e pensar um pouco nas conseqüências dos seus atos e ações praticados pelo mundo afora. Quem semeia ventos, com certeza, um

dia colherá tempestades, isto é reflexo das leis do retorno, uma das mais sábias leis espirituais. Quem procura agir por vingança, realizando ataques "cirúrgicos" contra raças supostamente inferiores, agora toda a vingança está voltando ao seu ponto de origem.

Que belo exemplo daria para o mundo o Sr. Bush, se em vez de largar bombas na cabeça de mais pessoas inocentes no Afeganistão ou qualquer outro país daquela região, fizesse então uma campanha mundial para enviar alimentos e remédios para aquele pobre povo. Mas parece que o que ele quer mesmo é gastar o seu estoque de armas e fabricar novas para realimentar a "desgraça internacional".

Desde a segunda Guerra Mundial que somente vinham largando toneladas de bombas sobre a cabeça dos outros, destruindo cidades inteiras, como fizeram na Alemanha, no Japão, no Vietnã, no Iraque e em outros países, agora chegou o momento supremo das bombas caírem nas suas próprias cabeças. Este ataque dos "terroristas" dentro das suas devidas proporções é apenas uma pequena amostra comparando com todas as desgraças que este "Império" já levou a todos os cantos do mundo.

Todo o autoritarismo e arrogância dos seus governos contribuiu decisivamente para todos estes desdobramentos que irão marcar para sempre a história deste gigante que se julgava dono do mundo e imune a ataques nas suas fortalezas. O governo com o seu orgulho ferido, e para descarregar toda a sua ira e de seu povo, pretende descarregar todo o seu arsenal de bombas, incluindo até o poderio atômico o que somente servirá para aumentar ainda mais a escalada da vingança. Mas é um quebra-cabeças difícil de se compreender, eles que se dizem poderosos e "sabem-tudo criaram as cobras dentro do seu quintal, lhes injetaram o veneno mais forte que possuíam e agora se deixaram picar por elas?...

Quanta insensatez e insanidade praticada em nome de uma suposta democracia capitalista globalizada. Democracia esta totalmente falsa, por estar atrelada a um capitalismo idealizado pelo mesmo "Mestre" que planejou o comunismo, ambos são braços de um mesmo corpo doente e que conduzirá a humanidade para a desgraça total, contribuindo somente para o

enriquecimento ilícito dos acionistas do FMI.

Que belo exemplo de regime este idealizado pelos "donos do mundo" o qual conseguiu armazenar toneladas de ouro em barras conquistadas às custas da exploração de outros povos que são seus verdadeiros vassalos vivendo em países que deles dependem para tudo. Praticamente todos os países da América Latina são colônias de banqueiros de Nova-Iorque, onde seus povos cada dia ficam mais pobres e miseráveis com governos fracos e impatriótas que a cada ano lançam planos para reduzir salários e aumentar a carga de impostos para manter as metas cada vez mais apertadas e ditadas pelos mesmos donos do FMI.

Para reduzir a escalada de violência e terrorismo em todo o mundo, em primeiro lugar é preciso que se reduza a prepotência e a arrogância daqueles países que pensam que são donos de todos os povos do mundo, que vem formando grupos com suposta superioridade aos demais, como o chamado "Grupo dos 7" ou outros que porventura venham a se formar. Nada justifica o governo norte-americano usar toda a sua força bélica, supondo lavar a sua honra e orgulho ferido, contra povos inocentes de países que ele supõe esconder "terroristas".

Se ele deseja mesmo erradicar com o terrorismo não será revidando brutalmente que irá conseguí-lo. E em vez de usar todas as suas armas conseguirá resultados mais positivos se mandar fechar o seu "Hollywood" e colocando todos os seus atores da desgraça, como "Rambos", "'Guerras nas Estrelas", "Conquistas de Júpiter", "Inferno na Torre", "Psicoses" e outros mais audazes e massificadores de idéias, a trabalharem em outras profissões mais dignas que resultem no bem comum do seu próprio povo e dos outros que eles tanto querem influir. Também é preciso que o governo e seus auxiliares diretos deixem de lado toda a ganância de querer explorar e impor à força as suas idéias de capitalismos globalizados, para os americanos do México para baixo e para os habitantes de todos outros países do mundo que não se alinham com a sua política imperial e arcaica. Este capitalismo globalizado comandado pelo FMI, serve somente para eles e seus aliados de Israel, cada povo dos demais países tem o direito de viver livre e independente, em todos os sentidos que se possa imaginar, desde que não prejudiquem os demais.

"Salve a nossa Pátria"!
Salve o Brasil, nossa pátria muito amada!
Que ainda será um exemplo para a humanidade,
Que aqui não floreça a vingança e a brutalidade. Pois esta Pátria haverá de ser o berço da espiritualidade!

Esta Pátria, pela luz do bem, sempre haverá de ser iluminada...

20 de setembro de 2001
Gilney Moeller

ALÁ É GRANDE! (A VOLTA DO VENTO DIVINO)

Paulo Sérgio Decnop Coelho - diretor cultural da Associação dos Engenheiros da Petrobrás

Passada a incredulidade inicial da visão, em tempo real, da destruição de símbolos maiores do poderio norte-americano, do torpor causado pela morte de milhares de cidadãos comuns, surge a retaliação como palavra de ordem, exigida pelo povo daquele país, estimulada pela mídia internacional e endossada pelos líderes das demais potências dominantes. A caça aos culpados e a destruição dos países que lhe dão acolhida, tornou-se o mote paranóico do próximo passo, ato político já de uma era de prepotência, desprezo, arrogância e dominação.

É verdade, não se pode compactuar com "atos terroristas" como os ocorridos em 11 de setembro nos EUA, assim como não se pode aceitar que a banalização da vida humana leve a ações como as daquela terça-feira. Mas é justificável a ingerência dos poucos países dominantes no direito à autodeterminação de todos os demais dominados? Há justificativa para a intervenção militar no Camboja e no Vietña? Há lógica para os "bombardeios cirúrgicos" que ceifaram a vida de milhares de civis no Iraque? Há razão para, em "defesa da democracia", se bloquear economicamente nações como Cuba e o próprio Iraque, levando à fome, à morte por inanição milhares de pessoas humildes e indefesas e à deficiência mental um número incalculável de crianças? Há justificativa para tanta disparidade social, para o lucro descomunal da indústria bélica, enquanto a miséria e doenças curáveis grassam em tantos países da África, Ásia, Oceania e do próprio continente americano? Há justificativa para esta ganância exacerbada travestida pelo pomposo nome de globalização?

Vingança, como a exigida pelo povo norte-americano, é algo inadmissível, talvez só justificada pela comoção que sobre eles se abateu. No entanto,passado este momento de dor, é necessário que reflitam e percebam que o tão propalado "atos de guerra" foi apenas uma pequena resposta a tantas agressões norte-americanas que, ao longo das últimas décadas, levaram destruição, miséria e morte a inúmeros países. Se eles

quiserem guerra, agora a terão. Uma guerra democrática, em sua própria casa, em sua própria carne. Guerra não é Pearl Habour, a Europa e o Japão; não é aquele show pirotécnico, assistido ao vivo pela TV e saboreado com batatas fritas e o seu refrigerante preferido, que os norte-americanos se acostumaram a ver. Guerra é a maior tragédia da humanidade, que somente alguém mentalmente insano, politicamente alienado ou culturalmente adestrado poderia desejar.

O dia 11 de setembro de 2001 ficará gravado na história como a data do início de uma nova era. Cabe a todos nós, escolher se queremos transformá-la em uma era de paz, saúde e desenvolvimento sustentado para toda a humanidade, ou marcá-la como o início de nossa autodestruição. E não ousem os norte-americanos se equivocar mais uma vez, achando-se acima do bem e do mal. O que acaba de ocorrer foi apenas uma pequena mostra do que pode se transformar na triste rotina de seu dia-a-dia.

Que Deus salve a América!

Carta aberta ao Presidente dos Estados Unidos

Do político David Duke, ex-candidato à presidência dos EUA, ex-deputado do Estado de Louisiana, atual presidente nacional da European – American Unity and Right Organization (EURO):

MAS, POR FAVOR, DIGA-NOS TODA A VERDADE!

George W. Bush

Presidente dos EE.UU.

Prezado senhor Presidente,

Durante seu apaixonado e realmente grande discurso perante o Congresso, o senhor falou-nos da necessidade de proteger os EE.UU. contra o terrorismo. É verdade. Eloqüentemente o senhor falou da grandeza e da coragem de muitos norte-americanos durante essa crise que enfrentamos no dia 11 de setembro. Como um antigo político que tem ouvido milhares de discursos, foi provavelmente um dos melhores que já ouvi na minha vida.

Mas, Sr. Presidente, o senhor também disse, ao Congresso e ao povo norte-americano, algo bastante inexato.
Cito-o:

"Os norte-americanos se perguntam: Por quê nos odeiam?"

"Eles odeiam o que vêem justamente aqui nesta câmara: um governo democraticamente eleito. Seus líderes (dos terroristas) são auto-designados. Eles odeiam nossas liberdades: nossa liberdade de crença, nossa liberdade de expressão, nossa liberdade de eleição e de reunião, e de discordar uns dos outros".

Com todo o devido respeito à sua pessoa, Sr. Presidente, esta afirmação é totalmente falsa. Os meios de comunicação têm dito repetida e incorretamente que este foi um ataque contra a liberdade, e desafortunadamente, o senhor repetiu essa idéia no seu discurso.

A verdade óbvia é que aqueles que nos atacaram não dão a menor importância ao tipo de governo que temos. Eles não nos atacaram por odiarem nossa democracia e nossas liberdades. Eles certamente não atacam a Suíça ou a Suécia ou qualquer outra das democracias do mundo.

Rogo que o senhor concorde comigo, de que o povo norte-americano merece a mais profunda honestidade antes de nos comprometermos em uma guerra.

O ataque do dia 11 de setembro nada teve a ver com gente que odeia nossas liberdades. Foi puramente relacionado com a política exterior de EE.UU. e, principalmente, por nosso apoio econômico e militar a Israel.

Tão estranho quanto possa soar aos norte-americanos, aqueles que nos atacaram o fizeram porque eles vêem os líderes de nossa nação exatamente do mesmo modo que nós vemos a eles. Eles consideram que o senhor e todos os líderes recentes de EE.UU. são terroristas.

Se o senhor quiser saber as reais razões porquê eles atacam os Estado Unidos, o senhor deveria ler simplesmente o que eles escrevem sobre os Estados Unidos.

Eles afirmam que devem lutar contra os Estados Unidos em conseqüência do seu respaldo de 50 anos ao terrorismo de Israel contra os palestinos e outros povos do Oriente Médio, da mesma maneira que nós dizemos que devemos castigar o Afeganistão por respaldar o terrorismo de Bin Laden.

Eles vêem os Estados Unidos como uma nação terrorista por termos respaldado o despojo israelense de 700.000 palestinos de suas terras e lares e de arrebatar-lhes seus direitos humanos mais básicos, inclusive o direito de viver onde nasceram!

Eles dizem que EE.UU. apoiam o terrorismo ao apoiarem a Israel, principalmente quando sabemos que Israel tortura mensalmente de 500 a 600 palestinos em seus cárceres.
Eles dizem que EE.UU. apoiam o terrorismo ao apoiarem Israel no assassinato de 40.000 libaneses na sua invasão àquele país. Eles perguntam ao mundo como os EUA pode continuar apoiando Israel, inclusive quando este bombardeou os abrigos civis da Cruz Vermelha e matou mulheres e crianças em grande quantidade.

Eles perguntam como o Presidente dos EUA pode almoçar na Casa Branca com Ariel Sharon, o homem responsável pela morte a sangue frio de 2.000 pessoas nos campos de Sabra e Chatilla, no Líbano.

Eles também vêem os Estados Unidos como um estado terrorista por causar a morte de mais de 500.000 crianças iraquianas.

Leslie Stahl, da rede de televisão CBS questionou a secretária de estado norte-americana, Madeleine Albright, sobre aquelas mortes, afirmando que eram, de longe, pior do que o custo em mortes em Hiroshima. Albright respondeu que, para castigar a Saddam Hussein, as mortes daquelas crianças "valiam a pena".

Evidentemente que, por qualquer que sejam as razões dos ataques do 11 de setembro, nós como norte-americanos, devemos nos defender por todos os meios necessários. Nenhum norte-americano deveria jamais enfrentar tão horrível terrorismo como o daquela amaldiçoada terça-feira negra. E eu saúdo sua determinação em nos defender.

Mas, antes de respondermos de uma forma indiscriminada e gerar mais ódio contra nós, devemos examinar honestamente a causa dede sermos tão odiados e porquê estamos sendo atacados.

Ao afirmar que somos atacados simplesmente porque eles odeiam nossa liberdade, o senhor impede que examinemos as reais razões das causas do ódio contra nós.

É evidente que os dirigentes israelenses que controlam os meios de comunicação dos EUA não querem que discutamos as conseqüências diretas de nossas ações econômicas e militares a favor de Israel. Muito menos querem que se discutam os vínculos entre Israel e os eventos do dia 11 de setembro. Mas esta crise demonstra que devemos discuti-los. É vital para nossa segurança nacional.

Como Presidente, o senhor deve cuidadosamente considerar nosso envolvimento no exterior e as políticas utilizadas durante os últimos 50 anos e perguntar-se, se realmente é do interesse do povo norte-americano este nosso envolvimento em todas aquelas guerras externas e conflitos.

Como Presidente o senhor jurou defender os EE.UU. Imploro-lhe que, descompromissadamente, considere em primeiro plano os interesses do povo norte-americano. Não podemos permitir sermos manipulados por poderosos lobbys que devem obediência a Israel. Além do que, os desejos dos meios de comunicação dominados pelos judeus não são necessariamente os desejos do povo norte-americano. Devemos colocar os interesses do povo norte-americano expressamente em primeiro lugar.

Os trágicos fatos do dia 11 de setembro não sucederam porque existe gente que odeia a liberdade nos Estados Unidos. Se não examinarmos as profundas causas do crescente ódio contra nosso país, estaremos condenados a sofrer muitos outros dias terríveis como o de 11 de setembro.

Que Deus o guie e proteja Sr. Presidente, assim como aos Estados Unidos e a todo o povo norte-americano. O senhor tem a mais poderosa espada do planeta em suas mãos. Neste momento crítico da história da América do Norte, que Deus lhe dê grande sabedoria para usar seu poder para extinguir, mais do que para avivar, as chamas do ódio contra os Estados Unidos. Rogo-lhe que ponha os interesses do povo norte-americano no centro de qualquer ação que venha a tomar.

À sua disposição, e à dos Estados Unidos,

David Duke

EUA e liberdade de informação

A opinião pública norte-americana seria tomada da mais intensa indignação se, antes de 11 de setembro de 2001, alguém de representatividade no governo dos Estados Unidos, qualquer dos governos desde independência nacional, ousasse sugerir aos órgãos de divulgação alguma forma de autocensura nos noticiários. A idéia de liberdade de imprensa no país está de tal maneira arraigada na consciência do povo que o fato seria inadmissível, qualquer que fossem os motivos invocados. Imprensa politicamente livre é um legado que os Estados Unidos receberam dos fundadores da nacionalidade e aperfeiçoaram no sistema constitucional editado pelo país da pátria.

Pois os acontecimentos do mês passado em Nova Yorque e no Pentágono, pela gravidade e pelas conseqüências na vida nacional, abriram um precedente no histórico respeito da nação pela liberdade de expressão e de informação. Animou-se a Casa Branca a sugerir às grandes redes de televisão de país uma pauta que, tanto quanto possível, a critério de cada uma, excluísse de seus informativos os discursos agressivos de Bin Laden ou, pelo menos, os editassem eliminando os detalhes considerados mais fortes. Por telefone, em ligação que não demorou mais de 20 minutos, Condoleezza Rice, a influente conselheira política de Segurança Nacional, teve a aquiescência das seis maiores redes internacionais de notícias dos Estados Unidos. Mais: a sugestão foi tida como lógica e patriótica pelo intérprete das redes, eis que, além de representar um chamamento de adesão dos povos árabes à luta contra o governo de Washington, poderá conter mensagens cifradas endereçadas ao terror em todo o mundo.

A maneira como a nação colocou a segurança nacional acima de suas arraigadas convicções pela liberdade da informação, sobre ser uma forma de sobrevivência própria, dá a dimensão exata do abalo que a derrubada das torres gêmeas em Nova Yorque e a gravíssima estocada no coração militar do Pentágono representaram para a América do Norte - enquanto nação - e seu povo, que se consideravam invulneráveis antes.

Publicado no "Opinião" do Correio do Povo de 17/10/2001

COMO SE ENGANA A HUMANIDADE

Imagens utilizadas pela CNN. de palestinos comemorando os ataques, é uma farsa. Utilizaram filmagem de 1991 para manipular você.

Por Márcio Carvalho, da UNICAMP, SP.

Existe um ponto importante sobre o poder da imprensa, especificamente do poder da CNN. Em todo o mundo nós estamos sujeitos a 3 ou 4 grandes distribuidores de notícias, e um deles - como todos nós sabemos - é a CNN. Muito bem, eu acho que todos vocês devem ter visto (como eu também vi) imagens desta companhia.

Em particular, uma certa imagem chamou minha atenção: os palestinos comemorando o bombardeio, nas ruas, comendo bolo e fazendo caras engraçadas para as câmeras. Bem, ESTAS IMAGENS FORAM FEITAS EM 1991!!! São imagens dos palestinos comemorando a invasão do Kuwait! É simplesmente inaceitável que uma super poderosa forma de comunicação como a CNN use imagens que não correspondem com a realidade relatada sobre as situações sérias que estão acontecendo.

O meu professor, aqui no Brasil, tem fitas de vídeo com gravações de 1991, com as mesmas imagens; ele está mandando emails para a CNN, Globo (a maior rede de TV do Brasil) e jornais, denunciando o que eu mesmo classifico como um crime contra a opinião publica. Se alguém de vocês tem acesso a este tipo de arquivo, procure por isso. Enquanto isso, eu vou tentar "colocar as minhas mãos" em uma copia desta fita. Mas agora, pensando por um momento sobre o impacto de tais imagens: seu povo está machucado, emocionalmente frágil, e este tipo de transmissão tem uma alta possibilidade de causar ondas de ódio e raiva contra os palestinos. É irresponsável mostrar tais imagens como estas.

Finalmente, eu gostaria de dizer que todos nós lamentamos e condenamos tudo o que aconteceu nos últimos dias. Eu realmente não quero ser mal entendido aqui, mas a verdade é que o governo dos E.U.A tem mostrado nenhum respeito por outros países nas últimas décadas. Nos anos 60 e 70 eles ajudaram várias tropas militares através do mundo (incluindo Brasil em

64). Mais tarde, com Reagan e Bush pai, o Consenso de Washington tem sido demolir as bases das nossas economias, nos tornando cada vez mais dependentes.

W. Bush tornou as coisas piores rapidamente: Kioto Protocol, Star Wars, Plano Colombia, a troca da floresta tropical por partes da dívida externa, o abandono da posição como uma terceira parte nas negociações entre o IRA e a Inglaterra, e entre Palestinos e Israel. Todos esses erros na política externa dos E.U.A fez com que o seu país seja mais odiado que antes, e, claro, mais vulnerável. Escute, eu NÃO estou justificando as açõe terroristas que aconteceram, mas me parece que, se o governo americano tivesse criado outra trajetória, pensamentos e ações, coisas desse tipo não estariam acontecendo agora.

Minhas condolências, e espero que tudo seja resolvido da melhor maneira para todos nós.

Observação: ***Recomendo ao leitor fazer rapidamente um cálculo de quantos milhões de norte-americanos, após assistirem essas cenas de festejos, de mais de 10 anos atrás, após o Iraque ter invadido para recuperar o Kuwait, tendenciosamente apresentados como se fossem pelos ataques a Nova York e Washington, acreditaram na sua veracidade e, revoltados, se posicionaram contra os palestinos.***

Quem foi o gigantesco beneficiado por essa cretina manipulação, E quem foi o responsável?

A NOVA DESORDEM

José Vilhena Jornalista, integrante da equipe de Comunicação da AEPET (Associação dos Engenheiros da Petrobrás)

Em 1784, o então presidente dos Estados Unidos John Adams disse que o governo, por direito natural, deve caber aos mais fortes. A ex-primeira ministra da Inglaterra Margareth Tatcher falou que não existe diplomacia sem armas. Apesar dos apelos pela paz, o mundo sempre se construiu através da violência. A globalização só veio acirrar este sentimento. Ela beneficiou os opressores a tal ponto que um ativista italiano foi morto no seu país por protestar contra esta política econômica mundial que exclui, em vez de incluir. As culturas estavam sendo esmagadas. As democracias perderam representatividade. Parecia que eles tinham criado um mundo no qual o cidadão comum teria que se submeter aos mais fortes. Estávamos condenados a sermos escravos.

Para mim, pouco importa se o autor do atentado em Nova York foi um palestino, ou americanos insatisfeitos com o destino do seu país. O que mais me interessa, neste momento, é que a nação mais poderosa do mundo teve a sua principal cidade bombardeada numa ação rápida, bem coordenada, e que destruiu um centro financeiro, um centro de defesa e deixou estilhaços no legislativo americano. Foi uma devastação só vista em cenas de guerra. Parecia um filme produzido pelos próprios americanos. Mas era apenas um atentado, uma ação de kamikazes. Era a briga de David contra Golias. Era mais que Davos, Dublin ou Gênova. Não quero aqui tratar das vítimas, como sempre civis, mas de um fato histórico que enterra de vez a supremacia dos mais fortes.

O atentado em Nova York mostra que a invencibilidade não existe. Quem poderia imaginar que o escudo antimíssil em nada serviria para proteger os americanos, já que o alvo foi atingido por aviões de carreira? Quem poderia imaginar que os americanos, que construíram a guerra computadorizada, na qual precisava apenas apertar um botão para matar milhões de cidadãos de outros países, estariam tão vulneráveis? Quem se lembra da Guerra do Golfo, recorda-se das palavras do piloto americano que dizia que, com aquela tecnologia toda, parecia que ele estava jogando vídeo-game. Era o

início de um tempo no qual os americanos poderiam atirar sem dó ou piedade. Era a guerra eletrônica sem olho no olho. Uma brincadeira de criança na Disneylândia. Mas que matava civis.

Tem um filme interessante que pode ser adquirido nas locadoras chamado "O Clube da Luta". Ele mostra a insatisfação dos americanos de classe média em relação à vida "enquadrada" em que estão inseridos. Eles passam, num primeiro momento, a se divertirem num clube onde apenas lutam entre si. Aos poucos, o grupo vai tomando ares terroristas, ao se conscientizarem dos culpados pela opressão. Numa das ações, seqüestram um homem poderoso. Vestidos de garçom, eles avisam num diálogo tipo: "somos nós quem dirige o teu carro, quem está dentro de sua casa te servindo, o que toma conta do seu dinheiro". Mais adiante, resolvem implodir o prédio do Credicard, símbolo do sistema financeiro.

Realmente, o atentado em Nova York estava mais para um filme com roteiro preparado por um admirador de vídeo-game. Cenas típicas do imaginário americano. Que pode ter sido exportada em tempos de globalização e assimilada pelo "inimigo". É a Lei do Retorno. Vão me perguntar, mas você não vai condenar o terrorismo? Acho que o fundamental é condenar todas formas de violência porque uma ação gera uma reação. O que se viu nos Estados Unidos eram cenas de correria e pânico que poderiam estar ocorrendo em territórios palestinos ocupados por Israel, ou na Colômbia, ou no Vietnã. Em vez de referendar os nossos jornais que só reproduzem o pensamento ditado pelas agências internacionais de notícia: "o mundo tem que se unir contra o terrorismo", prefiro dizer: "o mundo precisa se unir em favor da paz". Porque ao combater o terrorismo, estamos dizendo que vamos apelar para mais violência. Os próprios americanos querem retaliação. Dizem que vão responder ao ataque. Aí mora o perigo.

Não acredito que alguém vai assumir o atentado. Até porque acho que ele estava no inconsciente coletivo dos povos oprimidos. Se os americanos forem em cima do povo muçulmano, como deve acontecer, vão iniciar uma Guerra Santa. Com explosões também na Europa e respingos até em Jerusalém. Esta cruzada pode estremecer o mundo. Principalmente porque a globalização e o neoliberalismo criaram o George W. Bush. Ele é o Paulo

Henrique Cardoso americano que viveu num mundo irreal de diversão e benesses de um filho de presidente. Não é um líder, apenas uma invenção do marketing. Por isso, falou tão pouco logo após o acidente e com palavras que não disseram nada. O rei está nu.

Não vamos desvincular os países dos indivíduos. O atentado, na realidade, representa que o "pitboy" da rua levou o bofetão que todos estavam querendo dar há muito tempo. Agora, todos os oprimidos se sentem forte para fazer o mesmo. Os oprimidos querem ter visibilidade e voz. Lembram-se do desmonte da União Soviética e da Iugoslávia? Viveremos a escuridão. E qual será a luz?

Não tenho dúvida de que o mundo precisará cada vez mais de idéias novas e de homens comprometidos com este novo tempo. O episódio deste 11 de setembro de 2001 é apenas o pontapé para a construção de um mundo novo. Onde os fortes não poderão ter mais vez. E o Brasil está fadado a cumprir o seu papel neste momento tão importante.

TERRORISMO E O GOVERNO MUNDIAL

Prof. Marcos Coimbra

Professor Titular de Economia na Universidade Candido Mendes, Professor na UERJ e Conselheiro da ESG

Depois da tragédia ocorrida em 11 de setembro nos EUA, surge uma reação natural dos governantes americanos, em resposta aos atos que chegam a extrapolar o âmbito do terrorismo até então praticado. De início, várias perguntas surgem: a) por que nenhum grupo terrorista assumiu o atentado, se, para qualquer um deles, o mais importante é justamente a propaganda e a difusão do terror?; b) como o sistema de inteligência americano, o mais bem aparelhado do mundo, através da NSA, CIA, FBI e outros, foi incapaz de prevenir o ataque suicida? Sabe-se que o Mossad, por exemplo, é capaz de infiltrar-se até no Hamas e eliminar fisicamente, um a um, seus principais opositores, seja por intermédio de explosão de celulares, seja através de um míssil capaz de entrar por uma janela e desintegrar o alvo, em sua sala de jantar. E O Mossad atua em íntima cooperação com os órgãos de inteligência americanos; c) de que forma foi possível a precisão fria, cirúrgica, com que os atentados foram cometidos, sem uma estreita cooperação interna? Tudo isto recorda-nos o atentado de Oklahoma e o assassinato do saudoso presidente John Kennedy.

Mas o mais importante, no momento, é dimensionar a grandeza da reação da potência hegemônica mundial. Suas primeiras ações são preocupantes. No campo interno,a administração Bush envia para o Congresso um anteprojeto de lei que limita drasticamente os direitos constitucionais do povo americano, chegando a admitir a validade de confissões obtidas sob tortura, fora do território americano. No âmbito externo, procedem a uma ofensiva diplomática, sem precedentes, para uma administração, até então, de caráter isolacionista, fechando acordos até com a Rússia, a pretexto de combate ao terrorismo mundial. A movimentação das forças de combate sugere muito mais do que o

ataque ao Afeganistão e a Bin Laden. E os estrategistas de vários países começam a preocupar-se com a possível tentativa de implantação de um governo mundial, sob o comando dos EUA, como conseqüência das atrocidades sofridas em 11 de setembro por mais de seis mil pessoas, americanas e de outras nacionalidades.

Isto porque existe claramente em ação a estratégia imposta pelos "donos do mundo", os detentores do capital transnacional, líderes do sistema financeiro internacional, para progressivamente implementar um governo mundial. As etapas do processo estão claramente delimitadas, em linhas gerais. De início, a adoção da "globalização", nova denominação do "neocolonialismo", partindo dos países centrais para a periferia, com o domínio da expressão econômica do Poder Nacional, através da imposição dos ditames dos organismos internacionais: FMI, OMC, Banco Mundial, BID e outros. Abertura da economia, com eliminação de barreiras protecionistas, adoção da lei de patentes, inclusive com efeito retroativo, privatização selvagem, para transferir o patrimônio real das nações menos desenvolvidas para os detentores do "papel pintado", controle da inflação, para garantia do retorno das suas aplicações de capital e outras. A seguir, o total controle dos meios de comunicação de massa, seja através da colocação de pessoas de confiança, os "testas-de-ferro", até a participação via indireta no comando das empresas de jornalismo, ou emprestando-lhes moeda para mantê-los dependentes ou simplesmente remunerando regiamente os principais formadores de opinião e jornalistas famosos, montando a chamada "mídia amestrada".

Em paralelo, atuam através da criação de inúmeras ONGs, financiadas pelo exterior, sem qualquer controle, com dirigentes percebendo salários invejáveis ,sem prestar contas a ninguém e com recursos vultosos para colocar suas mensagens na imprensa, objetivando fabricar a chamada "opinião publicada". Falam em nome do povo (sociedade civil), sem procuração. Trabalham incansavelmente para destruir as Instituições Nacionais: Família, Igreja, Estado, Escola, Empresa. Procuram demolir o Estado Nacional Soberano, minimizar a importância da Igreja, desmoralizar os princípios e valores fundamentais da

Família, da Escola e da Empresa. Sucateam as Forças Armadas, procurando subtrair-lhes quaisquer possibilidades de cumprir suas missões constitucionais. Tudo isto é feito em vários países simultaneamente, no mundo inteiro. Para isto criam organizações para cooptar lideranças políticas existentes, para propiciar-lhes meios de assumir o Poder constitucionalmente e administrar segundo as suas determinações.

Nas Américas, foi criado em 1982 o Diálogo Interamericano, cujo site pode ser acessado via Internet por qualquer interessado (http://www.iadialog.org). Os inocentes úteis que persistem em tentar ridicularizar o fato dizendo que "isto é bobagem, fruto da teoria da conspiração", podem acessá-lo e verificar inclusive seus integrantes e principais financiadores. O famoso Consenso de Washington, de 1988, é apenas uma derivação do Diálogo. Não é coincidência que a mesma política neoliberal seja adotada por países como a Argentina, Brasil, Chile, Peru e outros. Em todos foi imposta a criação do ministério da Defesa, para o "controle civil dos militares", por exemplo, bem como a privatização de setores estratégicos como comunicações, energia, água, vitais para a sobrevivência no terceiro milênio.

No Brasil, a estratégia está sendo implementada com êxito e rapidamente, por meio da administração FHC, legítima representante dos interesses alienígenas, não fosse o presidente FHC membro fundador do Diálogo Interamericano. Em 1997, em visita à Inglaterra, "FHC se comprometeu com o príncipe Philip a destinar 10% do território brasileiro para unidades de conservação ambiental, de acordo com o ideário imposto na África pelas ONGs britânicas". Em entrevista à revista alemã "Der Spiegel", em 15 NOV 99, FHC se pronunciou favorável à criação de um "tribunal internacional para o castigo dos crimes universais, como os praticados contra os direitos humanos e o meio ambiente". É a preparação para a entrega do território nacional, em especial a Amazônia, para os estrangeiros. Representa o fiel cumprimento das ordens recebidas do exterior. É preciso reagir, enquanto é tempo!

Correio eletrônico: mcoimbra@antares.com.br

Do Poder Global & Do Terror

11 de Setembro de 2001 – A Hora Da Mudança

O Eixo Judaico-Americano De Poder Mundial E A Podridão Política Da ONU

Grupo Granja

manifesto
*
Nenhum *império colonial* dura para sempre.
Diante da *declaração norte-americana de guerra contra a Terra*,
os europeus, através do *comitê ambiental do*
Parlamento Europeu, protestaram dizendo que
"o boicote direto é a única língua que eles entenderão"
in "Americanos Barram Berço Chamado Terra",

manifesto do Grupo Granja, 2001
*
"Não existe uma Verdade quando a Diversidade humana busca em si mesma respostas para o próprio Ato de viver.
Ninguém poderá usufruir da Riqueza quando alguém sobrevive na Pobreza...
Ninguém poderá nomear-se Senhor(a) de Mando para estar Poder à custa da Escravidão...
Ninguém poderá nomear-se a mando de um(a) Deus(a) para tornar-se Poder e
flagelar dogmaticamente o Povo e as Nações..."
in "Contra A Hipocrisia E A Fome",
manifesto do Grupo Granja, 2001
*
Ninguém mais pode(rá) afirmar "eu não sei", diante das evidências de um *Mundo globalizado* segundo interesses de *7 países ricos*, com *discurso político-militar único* quando se trata de defender cada um deles contra a *maioria de países pobres* e o *domínio das riquezas que os países pobres*

detêm em seus territórios. Este é o *Mundo global* que uns poucos gerenciam contra a maioria dos *povos...*

Os eventos ocorridos nos EUA, contra instalações civis-econômicas (New York) e militares (Washington), em *11 de Setembro de 2001*, mostraram o que o observador e escritor *João Barcellos* escreveu na Imprensa: '*a turma do estilingue e do guerreiro da pedra contra a turma da bomba atómica e do guerreiro cibernético*'.

É preciso dizer que este *guerreiro da pedra* é um produto direto das políticas externas de *expansão colonialista* expressas na ação militar daquele *guerreiro cibernético*. O povo diz que, na maioria das vezes, *o feitiço volta-se contra o feiticeiro*. Esta verdade aplica-se genuinamente à *ação de terror* levada a cabo em *11 de Setembro de 2001* contra os *símbolos do Poder absolutista* dos EUA, que são os símbolos dos *7 países mais ricos*, mas não são os símbolos dos *povos globalmente explorados e espoliados pelo Terrorismo institucionalizado na Organização das Nações Unidas sob gerência do G-7*. Vivenciando a *Fome* e a *Miséria*, a maioria dos povos do chamado *terceiro mundo* e os dos *países em vias de desenvolvimento* alimenta *um ódio íntimo cada cada explorador*, e como os EUA são a cabeça econômico-militar do *Mundo global* é este país que recebe a *justa raiva humana de quem passa fome na escravidão econômica para uns se dizerem em liberdade*. É isto que está por trás dos eventos de *11 de Setembro de 2001*. Não apenas o *fanatismo místico* de uns alguns religiosos. O que está em jogo é o *Poder...*

Enquanto Israel invade e coloniza a Terra palestina, e impede o Estado da Palestina, a ONU não se manifesta, ou enquanto os EUA invadem o Iraque e a Líbia, chacinam milhares de pobres árabes, para defenderem políticas do *mercado petrolífero* determinadas pelo G-7, ou anuncia a possibilidade de se criar um exército amazônico internacional (sob o seu comando), a ONU não se manifesta... mas determina sanções econôminas e militares contra os países que se opõem ao *eixo judaico-americano que domina o Mundo glogal*.

Neste contexto, e no âmbito da retaliação militarista dos EUA contra os árabes, na figura místico-terrorista de *Osama Bin Laden* (que dirige o grupo

guerrilheiro global *Al Qaeda*) e na figura territorial do *Afeganistão* (dominado politicamente pelo fanatismo do grupo místico *Taleban*, que dá guarida ao *Al Qaeda*), os *fanáticos colonialistas* de Israel já queriam aproveitar para uma ofensiva militar global, e definitiva, contra a Palestina – o que comprova, de uma vez, a política hegemonista do 'poder mundial', que é uma velha bandeira do Sionismo sgregacionista religioso e político, em prática no *eixo judaico-americano*.

Na sua luta contra o Comunismo (...?!), os EUA treinaram e armaram grupos políticos e diversas facções religiosas árabes, da mesma maneira que a ex-URSS havia feito no apoio à sua política na região. *CIA, KGB e MOSSAD* foram e são os serviços de *inteligência* que *tornaram as terras árabes um barril de pólvora e um assentamento de povos culturalmente desterrados e vilmente espoliados na sua cidadania*. Um dia essa *ação terrorista institucional* teria a sua contra-partida, isto é, um dia os desterrados e os espoliados puxariam os seus *estilingues* e, numa *ação suicida de terror*, surgiriam no dia a dia das potências que dirigem o *Mundo global*. Foi o que aconteceu em *11 de Setembro de 2001*... E agora, a ex-URSS e os EUA unem-se para destruir as suas crias... com a benção do Vaticano.

Antes dos norte-americanos, os franceses e os ingleses desenvolveram cenários de Terror nos territórios árabes, antes da 1ª Guerra Mundial. Quando os EUA iniciaram o seu envolvimento na região, depois da 2ª Guerra Mundial, fizeram-no já sob o espírito da política do *mercado petrolífero* e já como potência econômica e militar, a par da URSS, com a qual travou uma *guerra fria* em que os territórios árabes tiveram importância vital, e Israel em particular. É por isso que Israel, esquecendo a sua origem histórica e lutando pelo 'poder mundial', quer se livrar de tudo o que é árabe perto das fronteiras do seu Estado... Eis que dar continuidade a uma *política belicista nos territórios árabes* é manter a defesa do Estado israelita, por um lado, e impedir que o *Universo islâmico* continue a se alastrar no Mundo que o G-7 quer só para si. Onde entra a *hipocrisia religiosa e política* da Cristandade, que apoia a retaliação dos EUA em relação aos atentados que sofreu só para ganhar no terreno diplomático de combate àquele *Universo islâmico*.

Todos, mas todos, temos de dizer não ao *Terrorismo*, mas com a convicção de que o *Terrorismo – o de Estado ou o de Grupo* – é fruto de um Poder em exercício (de nações abastadas) e de um contra-Poder (em nações destruídas). Por isso, "...é preciso conhecer os *campos em confronto* para se determinar uma linha de atuação cívica, não se pode apoiar uma *retaliação terrorista de Estado* nem uma *ação terrorista que utiliza deus como base política*, pois, esta é cria daquele!", como refere o escritor já aqui referenciado.

Em suma: o *Grupo Granja* conclama a Humanidade a refletir enquanto tal. Que o *evento terrorista de 11 de Setembro de 2001 de contra-Poder terrorista* sirva como base de busca de Conhecimento do gênero humano e não como base de destruição global.

Carlos Firmino **1963, professor e jornalista (SP-Brasil); Joane d'Almeida y Piñon** ***1947, física e ensaista*** **(Houston/USA e Buenos Aires/Arg.); Mário Castro** ***1958, fotojornalista e serígrafo*** **(RJ-Brasil); João Barcellos** ***1954, escritor e editor*** **(Portugal e Brasil) e Rosemary O' Connor** ***1960, professora e crítica de arte*** **(Irlanda).**

Obs: Este *Manifesto GG* teve também a participação do artista plástico *Figuera Novaes* (do Chile), já convidado a apresentar tese para se integrar.

Setembro de 2001 [Cx. Postal 16 Cep 06700-970 Cotia/SP Brasil]

Reflexão

F.Utzeri – Jornalista

"Mamãezinha, minhas mãozinhas vão crescer de novo ?" Jamais esquecerei a cena que vi, na TV francesa, de uma menina da Costa do Marfim falando com a enfermeira que trocava os curativos de seus dois cotos de braços.
Era uma criança linda, de quatro anos, a face da inocência martirizada e que em seu sofrimento não conseguia imaginar a extensão do mal que lhe haviam feito.
Não entendia e ainda tinha esperanças. E não era caso isolado. Milhares de crianças daquele país foram selvagemente mutiladas por... (como qualificar quem faz isso?) ...em conseqüência de mais uma guerra, resultado tardio do colonialismo, ao criar na África países inviáveis abrigando etnias rivais, exacerbadas pelos colonizadores e massacrando-se com armas que sua gente não produz, vendidas por americanos, russos, europeus, israelenses e outros "civilizados" de boa consciência e que avaliam seus lucros em lugares como o World Trade Center. Isso para não falar do Pentágono.

Justifica-se um atentado terrorista como o de Nova Iorque? Jamais! Temos visto, dia após dia, pela TV, cenas de destruição, tristeza e desespero. Os aviões continuam entrando nas torres provocando uma espécie de anestesia e de vidogueimezação muito comuns à nossa era eletrônica e voyerista. Fala-se em "ataque à civilização" e dá frio na espinha ouvir o semitonto presidente Bush falar em "eliminar" nações.

Estamos todos tristes, mas tristeza e indignação são grandes porque os atentados ocorreram em Nova Iorque. Já estive várias vezes naquelas torres como turista ou a trabalho. Não gostava delas, mas eram uma referência. É estranho imaginar que não estão mais lá. Dói. Mas veja uma foto de Cabul, a capital desse Afeganistão mártir de guerras que não são suas e vítima do mais terrível fanatismo religioso. É uma ruína só. Parece aquelas cidades arrasadas na Segunda Guerra, para não falar de Hiroshima e Nagasaki. Mas como em Cabul não há Quinta Avenida nem Central Parque, e como ninguém vai lá comprar tênis, videogames ou dar uma esticada depois de

passear na Disney, ninguém se lixa para os milhões de mortos que quase 30 anos de guerras infringiram àquele triste lugar.

A verdade verdadeira é que não somos todos iguais. Uma bomba em Nova Iorque, em Londres ou em Paris desperta a dor do mundo. Mas quando tutsis e utus se trucidam em Ruanda, e morrem 1 milhão de africanos numa guerra, o assunto é pé de página dos jornais e os negócios das industrias de armas continuam de vento em popa. Que tal fazer cadeia mundial da CNN para mostrar freiras e padres negros mandando homens, mulheres e crianças entrarem em igrejas e depois darem gasolina para que soldados de etnia inimiga toquem fogo e assem todos vivos? Quem sabe aí o sangue de um negro, de um afegão ou de palestino possa se aproximar um pouco do valor do sangue "civilizado"?

A grande verdade é que o mundo em que vivemos foi largamente forjado por essa "civilização" que agora se diz atacada e clama contra a barbárie. Quem cria lobos não espere viver com ovelhas. Bin Laden é made in USA, treinado e financiado pela CIA. O mesmo vale para o Talibã, milícia perversa e ginecófoba. E quem criou Saddam Hussein, hoje inimigo mortal dos americanos? Quando geraram esses lobos, durante a Guerra Fria, para lutar contra uma ideologia política, os alquimistas da inteligência (?) americana alimentaram uma ideologia religiosa e soltaram o diabo da garrafa. E agora? Ao longo da história, o homem "civilizado" globalizou todas as suas mazelas. A Europa nos explorou vergonhosamente. Ouro do Brasil e prata da Bolívia financiaram a revolução industrial a custo zero. Exterminaram povos que aqui viviam, escravizaram milhões de africanos e chegaram a fazer guerra aos chineses para obrigá-los a fumar ópio. O século 20 foi uma seqüência de genocídios.

Em nosso continente uma sucessão de ditaduras sangrentas, sustentados pelo Big Stick, só geraram morte, fome, injustiça social, atraso e dependência. No Oriente, essa política arrogante e predatória transformou o islã, uma religião de paz e tolerância, dando origem a um fanatismo doentio e letal que não encontra guarida ou justificação no Corão, envolvendo parte dos muçulmanos numa "guerra santa" (Jihad) de pobres contra ricos, pessoas dispostas a imolar-se e que acreditam numa recompensa eterna por seus atos. Eles têm uma fé, por mais doentia que seja, e dão a vida por ela. O que

temos nós a contrapor a gente assim? Nós, hedonistas, materialistas, cínicos e poderosos. Cristãos de nome, mas incapazes de aprender ou de seguir um só versículo do que disse Jesus. O que nos tornamos? Que mundo construímos?

Na era da globalização, em que o neoliberalismo institui o deus mercado que tudo resolve, surgem os efeitos demonstração. Primeiro: o Estado é fraco, impotente.

É possível hoje a um grupo de indivíduos determinados pôr de joelhos o maior poder sobre a Terra. Basta saber pilotar, arranjar alguns estiletes, armas vulgares, de revolta de cadeia e dar início ao apocalipse. Quem é o inimigo? O que vai fazer Bush? Arrasar o Afeganistão? Matar centenas de milhares de inocentes? Invadir o Indo Kush, onde se refugia Bin Laden e levar à morte milhares de jovens americanos?

Indo Kush quer dizer matador de indianos. Ali, ao longo dos séculos, desapareceram impérios inteiros. Foi nessas terras quase lunares que Alexandre enlouqueceu e morreu acreditando- se um deus. O segundo efeito é a globalização da guerra.

Desde a batalha de Gettysburg, na Guerra Civil, que os Estados Unidos, não sabem o que é ter conflito em casa. Para eles a guerra só chegava pelo cinema, pela TV, como no Vietnam, ou ainda pelas bandeiras envolvendo os caixões dos jovens soldados mortos além mar.

Cresci com minha mãe contando como corria para salvar-se de 1.500 bombardeiros americanos e ingleses que vinham despejar sua carga assassina contra Berlim em 1944. Três vezes por dia! Era horror puro. O mundo estava em guerra, o nazismo era o mal absoluto e tinha de ser erradicado, mas os aviões não queriam aniquilar chefões nazistas, tropas ou objetivos militares. Queriam era matar a minha mãe e os milhões de cidadãos de Berlim que nada tinham com os crimes do nazismo e que só podiam correr e rezar. Talvez estejamos apenas assistindo ao começo de um ciclo que poderá nos levar de volta à barbárie. Hoje o terror usa aviões, amanhã poderá usar bombas atômicas "esquecidas" em contâineres. Não há limites para a irracionalidade humana. Mas entrando no caminho do "olho

por olho" vamos todos acabar cegos, segundo dizia Gandhi. E não nos iludamos.

A história da humanidade não é uma linha ascensional contínua em direção à luz ou à razão. Podemos muito bem caminhar para trás, apesar (ou talvez por causa) de nossa imensa tecnologia e nosso poder. Roma e o mundo romano em seu auge eram muito melhores do que a Europa em grande parte da Idade Média.
Como manter a paz num planeta onde boa parte da humanidade não tem acesso às necessidade básicas mais elementares? Como impedir que os que vivem um cotidiano de guerra e destruição, de sangue e ódio, sentindo-se oprimidos e injustiçados, não comemorem ? Como reduzir o abismo entre o camponês afegão, a criança faminta do Sudão, o Severino da cesta básica e o corretor de Wall Street? Como explicar ao menino de Bagdá que morre por falta de remédios, bloqueados pelo Ocidente, que o mal se abateu sobre Manhattan?

Como dizer aos chechenos que o que aconteceu nos Estados Unidos é um absurdo? Vejam Grozny, a capital da Chechênia, arrasada pelos russos. Alguém se incomodou com o sofrimentos e as milhares de vítimas civis, inocentes, desse massacre ? Ou como explicar à menina da Costa do Marfim o sentido da palavra "civilização" quando ela descobrir que suas mãos não crescerão jamais ?

LAÇOS DE FAMÍLIA

FREI BETTO

Prescott Bush integrava, em 1918, a associação estudantil Skull & Bones (Crânio e Osso). Desafiado pelos colegas, invadiu um cemitério apache e roubou o escalpo do lendário cacique Jerônimo.

Deflagrada a 2.ª Guerra Mundial, Prescott Bush, sócio de uma companhia de petróleo do Texas, recebeu punição do governo dos Estados Unidos por negociar combustível com a empresa nazista Luftwaffe. O tribunal admitiu que ele violara o Trading with Enemy Act.
Esperto, após a guerra Prescott se aproximou dos homens do poder, de modo a usufruir imunidade e impunidade. Tornou-se íntimo dos irmãos Allen e John Foster Dulles. Este último comandava a CIA por ocasião do assassinato de John Kennedy, em 1963. Convenceu o velho Bush a fazer um gesto magnânimo e devolver aos apaches o escalpo de Jerônimo. Bush atendeu-o, mas não tardou que os indígenas descobrissem que a relíquia restituída era falsa...

A amizade com Dulles garantiu ao filho mais velho de Prescott, George H. Bush, executivo da indústria petrolífera, o emprego de agente da CIA. George destacou-se a ponto de, em 1961, coordenar a invasão da Baía dos Porcos, em Cuba, para derrubar o regime implantado pela guerrilha de Sierra Maestra.

Fiel às suas raízes texanas, George batizou as embarcações que conduziram os mercenários até a ilha de Fidel de Zapata (nome de sua empresa petrolífera), Bárbara (sua mulher) e Houston. A invasão fracassou, 1.500 mercenários foram presos e, mais tarde, liberados em troca de US$ 10 milhões em alimentos e remédios para crianças. (Malgrado a derrota, George H. Bush tornou-se diretor da CIA em 1976.) Triste com o mau desempenho de seu primogênito como 007, Prescott Bush consolava-se com o êxito dele nos negócios de petróleo. E aplaudiu a amplitude de visão do filho quando George, em meados dos anos 1960, se tornou amigo de um empreiteiro árabe que viajava com freqüência para o Texas, introduzindo-se

aos poucos na sociedade local: Muhammad Bin Laden. Em 1968, ao sobrevoar os poços de petróleo de Bush, Bin Laden morreu em acidente aéreo no Texas. Os laços de família, no entanto, estavam criados.

George Bush não pranteou a morte do amigo. Andava mais preocupado com as dificuldades escolares de seu filho George W. Bush, que só obtinha média C. A Guerra do Vietnã acirrou-se e, para evitar que o filho fosse convocado, George tratou de alistá-lo na força aérea da Guarda Nacional. A bebida, entretanto, impediu que o neto de Prescott se tornasse um bom piloto.

Papai George incentivou-o, então, a fundar, em meados dos anos 1970, sua própria empresa petrolífera, a Arbusto (bush, em inglês) Energy. Gracas aos contatos internacionais que o pai mantinha desde os tempos da CIA, George filho buscou os investimentos de Khaled Bin Mafouz e Salem Bin Laden, o mais velho dos 52 filhos gerados pelo falecido Muhammad. Mafouz era banqueiro da família real saudita e casara com uma das irmãs de Salem. Esses vínculos familiares permitiram que Mafouz se tornasse o presidente da Blessed Relief, a ONG árabe na qual trabalhava um dos irmãos de Salem, Osama Bin Laden.

A Arbusto pediu concordata e renasceu com o nome de Bush Exploration e, mais tarde, Spectrum 7. Tais mudanças foram suficientes para impedir que a bancarrota ameaçasse o jovem George W. Bush. Salem Bin Laden, fiel aos laços de família, veio em socorro do amigo, comprando US$ 600 mil em ações da Herken Energy, que assumiu o controle da Spectrum 7. E firmou um contrato de importação de petróleo no valor de US$ 120 mil anuais. As coisas melhoraram para o neto do velho Prescott, que logo embolsou US$ 1 milhão e obteve um contrato com o emirado de Bahrein, que deixou a Esso morrendo de inveja.

Em dezembro de 1979, George H. Bush viajou para Paris para um encontro entre republicanos e partidários moderados de Khomeini, no qual trataram da libertação dos 64 reféns norte-americanos seqüestrados, em novembro, na Embaixada dos Estados Unidos em Teerã. Buscava-se evitar que o presidente Jimmy Carter se valesse do episódio a ponto de prejudicar as pretensões presidenciais de Ronald Reagan. Papai George fez o percurso até

a capital francesa a bordo do jatinho de Salem Bin Laden, que lhe facilitava o contato com o mundo islâmico. (Em 1988, Salem faleceu, como o pai, num desastre de avião.) Naquele mesmo ano, os soviéticos invadiram o Afeganistão. Papai George, que coordenava operações da CIA, recorreu a Osama, um dos irmãos de Salem, que aceitou infiltrar-se no Afeganistão para, monitorado pela agência de inteligência, fortalecer a resistência afegã contra os invasores comunistas.

Os dados acima são do analista italiano Francesco Piccioni. Mais detalhes no livro A Fortunate Son: George W. Bush and the Making of an American President, de Steve Hatfield. Tão sintomática quanto a atual censura consentida à mídia nos Estados Unidos é a omissão na imprensa da história de como a CIA criou o general Noriega, do Panamá; Saddam Hussein, do Iraque; e Osama Bin Laden, do circuito Arábia Saudita-Afeganistão.

Agora, o neto de Prescott Bush demonstra sua fidelidade à índole do avô: invade o Afeganistão para obter, ainda que ao custo do sacrifício da população civil, o escalpo de Osama Bin Laden.

(Jornal O Estado de São Paulo, edição de 31.10.01)

TERROR NOS E.U.A. (???)

O dia onze de setembro de dois mil e um com absoluta certeza será o dia que marcará todo o século vinte e um. É possível que ainda sejamos surpreendidos com outro fato tão ou mais marcante neste século, afinal estamos somente no primeiro ano dele. Mas sem dúvida nenhuma o ataque ao Estados Unidos é algo que habitante nenhum deste planeta esperava; ou pelo menos não tão eficaz e contundente. Menos ainda se esperava que fosse na cidade que é considerada o coração daquele país e, muitos dizem, do mundo.

É sempre lamentável a morte de pessoas em atos oriundos do ódio humano, isso é indiscutível. O que entretanto não consigo entender é: por quê o mundo todo somente lamenta fatos assim quando o afetado é um país do primeiro mundo ou do G-8 se preferirem? Por quê a mídia e as pessoas em geral não lamentam, não comentam, quando algo assim ocorre em algum país subdesenvolvido? Por quê só se utilizam os termos "pessoas inocentes" ou "seres humanos" ou ainda "civis" quando os atingidos são a elite mundial?

Em princípio deve-se ao fato do "quarto poder" (eu quase diria ser o primeiro!), a mídia, trabalhar apenas para os "donos do mundo". Então mostra-se apenas o que é conveniente à eles. Essas informações bastam para a massa populacional. Como problema secundário temos esta mesma massa que, segundo a alegoria do grande filósofo Platão, vive numa espécie de caverna, alheia à realidade do mundo, observando e assumindo como verdade somente as sombras que lhes são mostradas, sem discutir a origem destas. Mas aqueles que ousam "sair da caverna" e buscam conhecer as luzes da verdade, que num primeiro momento ferem seus olhos mas que depois o tornam mais lúcidos, sabem e entendem os acontecimentos desta semana.

O ataque que acompanhamos nesta semana nada mais é do que a "criatura se voltando contra seu criador", um "acidente de trabalho" ou ainda "a colheita dos frutos semeados". O chamado terrorismo, responsável pelo ataque aos E.U.A., nada mais é do que uma espécie de "ser" criado pela ação dos americanos ao longo destas últimas décadas. Os E.U.A. foram e continuam sendo responsáveis diretos ou indiretos por muitos massacres ocorridos no século anterior, especialmente após a Segunda Grande Guerra. A opressão e a supremacia forçada imposta pelos estadunidenses ao mundo nem sempre é tolerada por todos.

Sempre que alguma nação, que tenha um mínimo de dignidade, sente estar próxima da extinção, ela passa a agir de alguma forma contra a força que lhe oprime, mesmo que isso signifique algum sacrifício.

O mercado mais explorado pelos E.U.A. é o mercado da guerra. É a venda de armas e outros equipamentos que sejam utilizáveis no combate. Pode-se dizer que é o principal ofício daquele país. Todo ofício tem seus riscos e não há como negar que estes são conhecidos por aquele que os desempenha. Então se a nação americana tem como principal ofício o investimento pesado na indústria da guerra e ela cria situações para que seu produto torne-se necessário, para que se justifique o consumo, entenda-se então que o ataque sofrido nada mais é do que um "acidente de trabalho".

É da sabedoria popular que "tudo o que se planta, se colhe". Quem semeia paz colherá a paz. Já quem semeia a guerra, a violência, a miséria, a opressão, a fome e outra pragas contemporâneas, não resta dúvida de que colherá frutos não muito diferentes da semente!

Lembremo-nos também dos tantos massacres promovidos pela "nação democrata", pela nação que se considera a "polícia do mundo" e na verdade somente age onde há interesses econômicos. O que irá se dizer do massacre cometido pelos americanos contra a nação japonesa na segunda grande guerra, onde somente na explosão da bomba atômica sucumbiram mais de duzentas mil vidas humanas? E é preciso alertar de que a destruição causada pela bomba atômica representa somente dez porcento de toda destruição promovida pelos americanos contra o Japão! Também quero lembrar do conflito no Vietnã, onde por causa de questões políticas legitimou-se o massacre contra vilas e povoados onde os habitantes também eram crianças, mulheres e idosos. Alguém lembra disso? E a violência praticada pelo Estado de Israel contra os palestinos, ação esta apoiada abertamente pelos americanos? Será que alguém já se deu conta de que o território de Israel está quatro vezes maior do que em relação à sua criação? De quem eram estas terras originalmente? O que foi feito das pessoas que ali moravam? Ninguém nunca se perguntou isso, não é mesmo? Até porque a mídia não tem interesse econômico ou ideológico de divulgar isso.

Não quero pregar a extinção dos E.U.A., nem o massacre à sua população. O que quero deixar claro neste texto é que é necessário coibir a guerra contra todos os povos, parar a violência contra todos os homens, evitar a extinção de todas as nacionalidades, acabar com a

discriminação contra todas as raças. Não nos mobilizemos fraternalmente somente em favor de uma única população. É preciso lembrar e lamentar a morte dos muitos milhares que já sucumbiram em nome de uma ideologia política ou de uma democracia criada para poucos. É preciso enfim, respeitar a soberania das nações que ainda pregam este valor sem entretanto ferir a de outros, que ainda não se entregaram como "prostitutas" para os E.U.A., diferentemente do que faz, infelizmente, todos os dias nosso amado Brasil.

SAIA DA CAVERNA, OLHE PARA A LUZ E CONHEÇA A VERDADE DOS FATOS!

Claudio Roberto Neumann

Estados Unidos e Iugoslavia

Dr. William Pierce

Antes que Madeleine Albright lançara sua guerra assassina contra a Sérvia no início deste ano, a televisão judaica estava cheia de histórias de atrocidades que os terríveis sérvios-nazis estavam cometendo contra os pobres, inocentes, perseguidos albaneses na província de Kosovo. O porta-voz judeu de Albright, James Rubin, estava no ar todas as noites clamando sobre o "genocídio" e a "limpeza étnica" em Kosovo. Antes do bombardeio começar, Rubin proclamou que 2,500 albaneses já haviam sido assassinados em Kosovo pelos sérvios. Rubin e outros judeus no governo e nos meios de comunicação estavam constante e ruidosamente clamando por guerra -- exceto que eles não chamavam isso de "guerra"; eles chamaram "intervenção humanitária".

Cuidadosos observadores podem ter notado que muitas das alegadas atrocidades sérvias mostradas aos espectadores da televisão americana durante o período pré-bélico tinham uma misteriosa semelhança umas com as outras. Nós vimos o mesmo cadáver albanês ou o alegado lugar de matança em nossas televisões, noite após noite, só que filmados de um ângulo diferente e com comentários ligeiramente diferentes cada vez. A intenção era claramente fazer poucas mortes parecerem muitas. E os políticos participaram do engano. Antes do bombardeio começar, o fetiche número um dos judeus na Inglaterra, o clone de Clinton, Tony Blair, anunciou: "Nós devemos agir para salvar milhares de homens, mulheres e crianças inocentes da catástrofe, da morte, do barbarismo e da limpeza étnica de uma ditadura brutal".

Oito semanas depois que o bombardeio havia começado,quando a guerra estava debaixo de incessante crítica dos dissidentes, em um esforço para conseguir apoio para a guerra, o secretário de defesa judeu, William Cohen, anunciou que mais de 100.000 albaneses em idade militar haviam sido assassinados em Kosovo pelos sérvios. Os

ministros de Tony Blair realmente não foram tão exagerados como os de Bill Clinton, mas o ministro de assuntos exteriores de Blair, Geoff Hoon, anunciou em 17 de junho: "Segundo informações que temos obtido... parece que 10.000 pessoas foram assassinadas em mais de 100 matanças. A cifra final pode ser muito pior".

Depois que Slobodan Milosevic finalmente cedeu e permitiu à OTAN enviar suas tropas à Sérvia, os meios de comunicação continuaram anunciando grande número de albaneses supostamente assassinados pelos sérvios. Quando a OTAN havia ocupado toda a província de Kosovo, nós estávamos ouvindo cifras de 44.000 albaneses assassinados, centenas de cemitérios em massa, etc. Então a cifra de albaneses assassinados caiu à 22.000, logo a 11.000. Bernard Kouchner, o administrador principal das Nações Unidas em Kosovo ocupada, anunciou que já se haviam encontrado 11.000 corpos em cemitérios de massa por todo Kosovo. No total 20 equipes de peritos foram enviados para escavar nos cemitérios em massa e contar os corpos.

Bem, isto aconteceu fazem mais de quatro meses e de algum modo, tudo que os caçadores de corpos, incluindo uma equipe do FBI encontraram foi um total de 670 corpos de albaneses, e não foram todos mortos por sérvios. Parece que é tudo o que eles encontrarão. Isto são menos albaneses que os que Madeleine Albright matou acidentalmente, quando suas bombas "inteligentes" ou seus pilotos de gatilho fácil dispararam em colunas de refugiados. E, logicamente, muito menos que o número de sérvios assassinados pelos gangsters da KLA sobre a proteção da OTAN desde o fim do bombardeio em junho. Estes assassinatos, de fato, estão continuando sobre uma periódica base, mas os meios de comunicação judeus já não se incomodam em informá-los.

Quero dizer, está se transformando em algo embaraçoso para eles. Se eles começarem a informar o continuo assassinato de civis sérvios pela KLA, isso pode recordar as pessoas a perguntar quantos albaneses os sérvios mataram, quantos cemitérios em massa foram descobertos, e assim sucessivamente. É bastante duro impedir que

inspetores da ONU de mente independente falem sobre a realidade dos fatos. O chefe dos inspetores especialistas, o espanhol Juan López Palafox disse a um periódico espanhol: "Eles nos disseram que devíamos nos preparar para realizar mais de 2.000 autopsias. O resultado é muito diferente.
Encontramos somente 187 cadáveres, e agora vamos voltar [a Espanha]".

Disseram aos inspetores que havia um cemitério em massa ao redor do povoado de Ljubenic que continha 350 corpos. Eles escavaram por todos os lados e simplesmente encontraram sete corpos. Disseram-lhes que os cadáveres de 700 albaneses haviam sido escondidos nos poços da mina de Trepca, no norte de Kosovo. Depois de uma exaustiva busca, os inspetores concluíram que não havia nenhum corpo aí.

Podia parecer um pouco arriscado por parte dos judeus tentar justificar uma guerra impopular, como a recente contra a Sérvia, com muitas falsas atrocidades, histórias que eles sabiam não passariam de qualquer investigação. Mas simplesmente considerem a maneira que isto funcionou. Madeleine Albright, Bill Clinton e Tony Blair, todavia, podem declarar publicamente que seu bombardeio assassino da Sérvia foi uma "missão humanitária", que eles salvaram a vida de muitos milhares de albaneses expulsando o exército sérvio de Kosovo, e que suas denominadas tropas "para a manutenção da paz" levaram paz e segurança para a região. Eles podem proclamar essas coisas apesar dos fatos que eu citei, porque somente algumas poucas pessoas sabem a verdade. Só alguns poucos eleitores estão interessados na verdade.

A maioria das pessoas conhecem só o que eles vêem nas redes de televisão, e a televisão não está fazendo que Madeleine ou Bill ou Tony pareçam maus. Foi uma guerra judaica, assim é uma guerra boa, uma guerra justificada.

> Eu vou reiterar: em uma democracia como a que nós temos nos Estados Unidos, a verdade não é realmente importante. O que é importante é o que a massa de eleitores crê que é a verdade, e levando em conta que a massa de eleitores nunca investiga nada, incluindo ler algo independente, quem quer que controla a televisão controla o que eles acreditam.

Os judeus podem preparar as mais ultrajantes histórias de atrocidades, tanto sobre o que supostamente lhes aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial ou o que os Sérvios supostamente fizeram aos albaneses antes de Madeleine começar seu bombardeio, e as histórias realmente não tem que se sustentarem para serem eficazes. Podem ser as mais toscas mentiras, porque a pessoa comum não é capaz de pensar o bastante para ver através delas.

O Artigo acima foi transmitido dos E.U.A., pelo autor, no dia 13 de novembro de 1999, através da American Dissident Voices.

A indústria do holocausto

*** Dr. Antônio Sebastião de Lima**

No dia 22/1/2001, em programa noturno de TV da Globo News, o repórter Lucas Mendes entrevistou, em Nova York, Norman Finkelstein (salvo engano, essa é a grafia do sobrenome), professor de história e autor do livro "A indústria do holocausto", editado e publicado nos EUA. O professor declara-se judeu. Seus pais foram prisioneiros de um campo de concentração nazista, Auschwitz, ao que parece, mas, sobreviveram ao extermínio em massa.

Não há notícia de versão em português desse livro, nem de sua circulação no Brasil. Daí a interessante e espantosa coincidência entre o assunto abordado pelo professor e a matéria de um artigo publicado na seção "Opinião", da TRIBUNA DA IMPRENSA, em 11/1/2001, intitulado "Os judeus e a ilusão messiânica". Nesse artigo era abordado o espírito oportunista, mercantilista e imperialista do governo e de parcela do povo do Estado de Israel. Por um lado, os judeus alardeavam as suas desgraças, principalmente o holocausto, com farta propaganda por todos os meios de comunicação, para cativar a simpatia do mundo.

Em momento algum, reconheciam que essas desgraças decorriam da sua própria conduta passada, do seu meterialismo, da sua violência e da sua arrogância. Por outro lado, com o apoio e a cumplicidade dos EUA, invadiam território árabe, submetiam e massacravam a população civil, usando os mesmos argumentos de Hitler: necessidade de espaço vital como defesa de possíveis agressões dos vizinhos.

Em sua entrevista, o professor Norman, judeu e filho de judeus, trata do mesmo assunto, no mesmo diapasão, porém, com novos ingredientes. Segundo o professor, os judeus, em sua maioria, valem-se do holocausto para tirar proveito econômico com as indenizações milionárias. Percebendo essa notável e milionária fonte de renda, os judeus começaram a aumentar o número de sobreviventes. Na época da guerra, esse número girava em torno de 25 mil judeus. Passados 50 anos, esse número subiu para quase 800 mil. Ao invés de diminuir com o passar dos anos, o número aumentou, sem que

ninguém notasse o milagre. Certamente, dos 6 milhões que teriam morrido, 775 mil ressuscitaram.

Digna de nota foi a avidez com que as organizações judaicas se atiraram sobre os cofres dos bancos suíços, reclamando para si tudo que ali fora depositado por alemães ao tempo da guerra. Como diz o ilustre professor, os judeus acham-se as únicas vítimas da guerra, ou, então, as vítimas mais importantes. Ignoram e desprezam solenemente os outros povos que também sofreram sob a crueldade nazista, do ponto de vista econômico, físico e moral. O entrevistado revela, ainda, que os valores arrecados costumam ficar nas organizações judaicas, em proveito das suas lideranças, sem repasse às pessoas físicas que realmente sobreviveram aos campos de concentração. Qualifica esses líderes de "bandidos".

Interessante, ainda, o conselho dado ao professor, quando moço, por sua mãe, para que sempre examinasse o ponto de vista oposto, evitando a visão unilateral das coisas. Ao combater o nazismo, que lesse a obra de Hitler. Para uma mulher que padecera nos campos de concentração, o conselho desvelava uma personalidade forte, um espírito aberto e de elevado senso ético. O filho seguiu o conselho da mãe, abandonou o radicalismo marxista e hoje inclui nas suas lições de história, o capítulo VI, do livro "Minha luta", de Adolfo Hitler, sem que isso tipifique apologia ao nazismo. Apesar disso, o professor diz que a comunidade judaica de Nova York não gostou do seu livro e reagiu de modo mesquinho, dificultando seu ingresso no corpo docente das universidades americanas.

A entrevista mostra um homem de tranqüila coragem, sem ódio ou rancor, lúcido, culto e determinado a desmascarar os protagonistas dessa farsa gigantesca, de âmbito mundial, que alimenta a indústria do holocausto e que pretende justificar a violência do Estado israelense.

(Antônio Sebastião de Lima é advogado, juiz de direito aposentado e professor de Direito Constitucional)

Os 15 anos do ataque a Líbia

No último dia 15 foram completados 15 anos do ataque terrorista americano às cidades líbias de Trípoli e Bengasi, quando mais de 400 pessoas, a maioria civis, morreram debaixo de 60 toneladas de bombas e mísseis lançados pelas forças imperialistas americanas. De acordo com a propaganda imperialista, o ataque foi em represália ao atentado na discoteca La Bella, em Berlim, em 4 de abril de 1986, onde muitos soldados americanos foram mortos. Contudo, até hoje não foram encontrados provas do envolvimento dos líbios no referido ataque.

Os ataques às cidades líbias foram ordenados pelo ex-presidente e terrorista Ronald Reagan, tendo, inclusive, desobedecido a uma resolução da ONU (o lixo). As Nações Unidas nunca deixaram de ser o lixo dos Estados Unidos da América.

Então, desde abril de 1992, a Líbia sofreu um embargo econômico aéreo e militar por causa de uma resolução da ONU, mas a revolução verde continua firme apesar do sofrimento da população, por falta de remédios, alimentos, instrumentos, aparelhos para hospitais, etc. Esse embargo foi imposto por causa da explosão de um avião da PanAm, no espaço aéreo escocês, na localidade de Locherbie, em dezembro de 1988, matando 270 passageiros, cuja autoria foi atribuída supostamente a dois cidadãos líbios: Abdel Basset Ali Al Megrahi e Al Almin Khalifa Jimah.

Os governos britânico e americano queriam que o líder Kadhafi entregasse os dois cidadãos acusados da explosão do avião para que fossem julgados na Inglaterra ou Estados Unidos da América. Kadhafi não poderia entregar seus cidadãos sem que houvesse provas concretas contra os líbios. Ademais, a justiça americana é racista e injusta e a britânica é submissa à dos americanos.

Foi por este motivo que a Líbia sofreu com um embargo que durou mais de 8 anos. Somente depois os americanos e britânicos concordaram que os líbios fossem julgados na Corte Internacional de Haia, na Holanda, atendendo aos anseios do líder Kadhafi. Os acusados foram entregues ao governo holandês e julgados 22 meses depois por três juízes escoceses em

Camp Zeist. Abdel Basset Ali Al Megrahi foi condenado á prisão perpétua e Al Almin Khalifa Jirnah foi absolvido e retornou para seu país. "Houve pressões por parte dos Estados Unidos da América e da Inglaterra sobre as instâncias judiciais que prolataram o veredito. Os juízes tinham três opções: dizer a verdade, demitir-se ou suicidar-se", concluiu o líder líbio.

Razão assiste a Kadhafi, pois este julgamento vinha sendo preparado a muito tempo para que, ao final, os líbios fossem condenados. Ocorre que um deles foi condenado e o outro absolvido, sendo esta a prova inequívoca de má-fé dos julgadores. Não convinha aos Estados Unidos e à Inglaterra absolverem os líbios, pois a imagem da ONU ficaria arruinada perante a opinião pública mundial já que o embargo imposto contra a Líbia perderia sua razão de ser.
No fim, as Nações Unidas deveriam arcar com o prejuízo de milhões de dólares para a Líbia em razão do embargo, sem falar nas inúmeras vidas humanas perdidas e o atraso no desenvolvimento do país. Seria uma indenização milionária, sem precedentes na história mundial.

Portanto, resta definitivamente comprovado que a ONU, o Conselho de Seguranças e a Corte Internacional de Haia são o quintal da Casa Branca, onde George W. Bush manda e desmanda nos dias de hoje, infelizmente. Aliás, o atual presidente americano não deixa de ser um terrorista iniciante, até porque atacou cidades iraquianas matando dezenas de crianças.

Entretanto, se os americanos querem realmente fazer justiça, porque não julgam os responsáveis da marinha americana que abateram o avião civil iraniano no dia 3 de julho de 1988 matando 290 passageiros. Que julguem e condenem o ex-presidente americano Ronald Reagan, que foi o comandante dos ataques realizados contra as cidades civis de Trípoli e Bengasi, da grande Jarnaberya Árabe da Líbia, assassinando centenas de pessoas, destruindo suas residências. Que julguem e condenem George Bush que destruiu completamente o Iraque e, ainda, Bill Clinton, que ordenou o ataque ao Sudão, país pobre da África onde se localizava a única fábrica de remédios daquele país, alegando tratar-se de uma base terrorista, erro este que foi constatado pelos próprios americanos. Seja julgado e condenado Ariel Sharon, terrorista, sionista, que ordena, todos os dias, o massacre de diversas pessoas nos territórios árabes ocupados.

Por fim, o que se pede é que a Justiça seja igual para todos, principalmente nos casos mencionados que são crimes contra a humanidade, verdadeiros genocídios, estando os responsáveis livres até os dias de hoje. O dia 15 de abril jamais será esquecido, pois foi uma data negra para a população civil de Bengasi e Trípoli, da grande Jarnaberya Árabe Popular Socialista da Líbia, uma vez que as pessoas que passaram por este pesadelo oriundo da atitude terrorista norte-americana têm vivas, até hoje, as imagens daquele massacre. Os líbios são pessoas amantes da paz, da liberdade, da dignidade e da moralidade.

(Ali Hansen é o presidente da Conferência Popular da Cultura Árabe Brasileira.)

Publicado na Tribuna da Imprensa 24 de abril de 2001.

O Brasil não tem nada a ver com a guerra dos EUA.

A grande imprensa brasileira continua desempenhando seu papel de servilismo e incompetência nos dias atuais, exatamente como se comportava no período colonial, quando o Brasil não passava de uma colônia do império português. Hoje o Brasil é uma colônia do império norte-americano, e a chamada grande imprensa continua desempenhando seu papel de trair os interesses nacionais para se colocar a serviço dos interesses espúrios da potência dominante em busca dos anúncios das empresas norte-americanas – montadoras de veículos, fabricantes de refrigerantes, hipermercados etc.

Ninguém em sã consciência defenderia o assassinato de civis inocentes nos recentes atentados nos Estados Unidos. Mas isso não justifica a histeria e a irresponsabilidade da grande imprensa em relação ao caso.

De repente, até o Brasil virou alvo do terrorismo internacional, como se em algum momento da nossa história o nosso país tivesse imitado a política colonialista e imperialista dos EUA. Alguns prefeitos de origem árabe foram acusados de ligação com Osama bin Laden. No Paraguai, onde um governo golpista assumiu o poder, mais de 30 árabes foram presos e torturados para que confessassem envolvimento com o terrorismo internacional.

O interesse dos EUA na tríplice fronteira visa impedir que os árabes daquela região enviem dinheiro para seus familiares no Líbano ou nos territórios árabes ocupados por Israel na Palestina. O exército israelense cercou os territórios árabes, cortou luz e água, fechou os bancos, e quer matar o povo árabe palestino de fome e sede, por isso precisa estancar uma fonte importante de sobrevivência de uma pequena parte do povo libanês e palestino, os dólares que circulam em Ciudad del Este.

Os órgãos de segurança dos Estados Unidos sabem que não existe terroristas em Ciudad del Este, apenas comerciantes, mas querem extrair dinheiro do contribuinte norte-americano, sempre tão generoso quando se trata de defender os interesses israelenses.

O presidente George Bush é comprovadamente o presidente com menor QI de Inteligência em toda a história norte-americana, um fantoche ideal para a indústria bélica norte-americana, para os maiores poluidores do planeta e toda a corja de sanguessugas dos sistema financeiro internacional.

Ao exportar a violência, o racismo e a perseguição aos povos árabes, o governo dos EUA quer parceiros que paguem as contas de suas guerras, e das conseqüências de seus ataques terroristas indiscriminados contra diversos povos e nações pelo mundo inteiro: Vietnã, Iraque, Líbia, Palestina, Líbano, Granada, Cuba, Iugoslávia entre outros.
O Brasil não corre riscos de terrorismo, a não ser que surjam atos causados pela própria CIA ou Mossad, para intensificar as perseguições aos inimigos da política imperialista ianque.

A verdade é esta, doa a quem doer, não importa o monte de baboseiras que a Rede Globo despeje diariamente nos lares brasileiros; mas quem disse que a Rede Globo alguma vez esteve a serviço da verdade?

Querem envenenar as relações pacíficas que sempre existiram no Brasil, entre árabes, judeus, cristãos e muçulmanos. Imperialistas ensandecidos querem impor a nós, brasileiros, aquilo que eles tem e que nós abominamos: o racismo, a violência. E por não concordar com essa palhaçada toda é que afirmamos: basta de hipocrisia, basta de histeria coletiva. Deixem-nos viver e progredir em paz. Nós, brasileiros, não temos nada a ver com as guerras sujas criadas pelo império norte-americano e pelo estado terrorista de Israel. Arrumem-se com seus problemas, colham aquilo que semearam, mas bem longe das nossas fronteiras!

O Brasil é um país multiracial, pacífico e ordeiro, e não merece ser envolvido pelo polvo que estende seus tentáculos desde a ilha de Manhatan para englobar o mundo inteiro numa guerra mundial. Felizmente os líderes europeus estão dando mostras que não embarcarão na aventura suicida de Bush Junior, o que é um grande alento para a humanidade e para a Paz mundial. José

(Gil de Almeida, diretor do Movimento Água Verde Ecologia de Curitiba zgil@bol.com.br)

Conflito árabe-israelense: Anatomia do Racismo
(O que a imprensa não publica)

Hanan Ashawi

A redução de nossa humanidade a uma série de abstrações não chega a ser tão sinistra quanto ao jogo de números. As vítimas palestinas do tiroteio israelense são diariamente apresentadas como "x" número de mortos e "y" número de feridos. Seus nomes, identidades, esperanças cortadas e sonhos esmagados não são mencionados. Também permanecem ausentes a dor e a angústia de mães, pais, irmãos e outros entes queridos que terão que viver com tal perda trágica. A documentação visual do assassinato a sangue frio da criança Mohammad Al-Durra destruiu a complacência daqueles que estavam, bem á vontade com a anonimidade dos Palestinos e a invisibilidade de seu sofrimento. Até nesse caso, a máquina de propaganda israelense tentou distorcer a verdade face ás provas irrefutáveis.

Primeiro foi dito que ele foi morto por "atiradores" palestinos. Depois, ele ficou preso entre o "fogo cruzado". A pior versão foi a ilustração cínica do menino Mohammad como um "arruaceiro" ou uma criança "arteira" que fez por merecer - como se a resposta correta para uma criança que vive sua infância seja a morte deliberada. A última acusação envolvia uma pergunta: "O que ele fazia ali?". A verdadeira pergunta deveria ter sido "o que fazia o exército israelense ali?", no coração de Gaza, Palestina, atirando contra civis, inclusive contra uma criança e seu pai que foram pegos com as mãos na massa, tentando desfrutar o ato "provocativo" de fazer compras juntos.

Notem a diferença, no entanto, quando dois agentes secretos israelenses, membros dos famosos esquadrões de morte israelenses, foram mortos por manifestantes palestinos. Nenhum Palestino tentou justificar o acontecido. Ao contrário, ordens foram decretadas para investigar e prender os responsáveis. Afinal de contas, é preciso que existam coisas como regra de lei e processo legal.

Em resposta, Israel posicionou seus tanques e exércitos ainda mais perto, para acirrar o sítio e estrangular as cidades, vilas e campos de refugiados

palestinos. Depois, trouxe seus helicópteros bombardeiros Apache e abriu fogo contra as cidades e vilas palestinas num cruel e insensato castigo coletivo. Sua versão dos fatos apresentou os agentes israelenses como reservistas que teriam, sem querer, "se perdido" dentro de Ramallah e depois foram "linchados" pela multidão. Referências ao "massacre", á "sede de sangue" e a "selvageria" tornaram-se a moeda verbal predominante.

Apesar de que ninguém pode culpar o assassinato de soldados, e importante, no entanto, lidar com os fatos reais e dentro de contexto: Ramallah, como cidade integralmente sob o sítio militar de Israel, estava fechada á movimentação para dentro ou fora da cidade. Apenas um acesso estava aberto, a este acesso se encontrava inteiramente controlado por vários pontos de revista militares israelenses. Portanto, "se perder" dentro de Ramallah requereria tentativas repetidas e deliberadas assistidas de tenacidade, persistência e até má fé. Os dois agentes israelenses estavam claramente infiltrados e plantados no meio de uma marcha de protesto no coração da cidade.

A ocasião era o funeral de um homem palestino, Issam Joudeh Hamad, da vila de Umm Safa, que tinha sido seqüestrado por colonos israelenses e torturado até a morte da forma mais horrível.

Filmagens e fotos horrendas do corpo, mais o testemunho de médicos que o examinaram, não foram repetidamente divulgadas aos olhos do mundo para o propósito de marcar pontos ou desumanizar os israelenses. Algumas estações árabes me informaram que as imagens eram tão horrorosas que eles decidiram não utilizá-las. A maioria das pessoas que participaram da passeata (na cidade palestina de Ramallah, sitiada) conhecia a vítima, e algumas tinham visto o corpo. Os dois agentes secretos israelenses que tinham se infiltrado na passeata foram reconhecidos pelos palestinos como membros dos "Esquadrões da Morte" que tinham sido responsáveis por assassinatos e provocações. Apesar do fato da polícia palestina ter tentado protegê-los os dois foram mortos em frente das câmeras. Isto tornou-se uma justificativa instantânea para rotular todos os palestinos como assassinos e para mais sistemática e venenosa campanha de ódio da história recente. Também foi utilizado como justificativa para os ataques aéreos de Israel em Ramallah e outras cidades palestinas.

Em seu apelo emocionado a seus compatriotas (13.10.2000) para que não explorassem esse incidente para justificar o racismo e ódio existente, o poeta israelense Yitzhak Laor documentou vários linchamentos de Palestinos pelo exército israelense e forças de seguranças. Em todos os casos, os culpados nunca foram punidos, e nenhuma manifestação de reprovação moral foi feita pelo público israelense, muito menos cidades israelenses foram bombardeadas por isto! O mesmo se aplica ao reinado de terror dos colonos israelenses, que alvejam palestinos em seus próprios lares e cidades, com plena proteção e conluio militar israelense.

Apresentados como "civis israelenses" indefesos, rodeados por palestinos "hostis", a natureza sinistra e letal da violência dos colonos, como extremistas armados na ativa, é freqüentemente ignorada. A ilegalidade dos assentamentos israelenses, o caráter fundamentalista extremista dos colonos armados e os eventos horrendos de seqüestro, tortura, matança e simples violência aleatória que são cometidos impunemente, são raramente mencionados. Enquanto isso, os Palestinos continuam sendo culpados. O insulto mais gritantemente racista é o furto israelense de nossa humanidade como país. Numa tentativa de roubar nossos sentimentos mais fundamentais com relação aos nossos filhos, somos acusados de "mandar [nossos] filhos para a morte" apenas para "marcar alguns pontos com a mídia". O horror é amplificado pela total e inquestionada igualdade com o qual tal insulto mor e nacional é repetido por israelenses de todos os partidos, sem distanciamento crítico ou até consciência na enormidade de tal insulto racista.

Quando crianças palestinas se tornaram alvos para franco atiradores israelenses e outras violências do exército, o Ministério da Educação não tinha outra opção senão fechar as escolas temporariamente para minimizar a exposição dos estudantes a caminho da escola.

Os brasileiros e os ocidentais recebem somente notícias falsas através dos meios de comunicação dominados pelos judeus sionistas.

Isso foi imediatamente incorporado à máquina propagandística israelense como prova de que nós fechamos as escolas para "liberar" nossas crianças

para sair e "fazer revolta", de tal forma obstruindo a livre passagem das balas israelenses. A segurança dos lares e as tentativas dos países de protegerem seus filhos não são nem consideradas. De fato, a menina de 18 meses, Sara Abdel Athim Hassan, foi atingida por uma bala no banco traseiro do carro de seu pai, enquanto as outras vítimas crianças foram mortas dentro ou perto de suas casas. Muayyad Al-Jawarish, de doze anos de idade, foi baleado no jardim de sua própria casa. A maioria das crianças foram baleadas na cabeça ou na parte superior do corpo, na maioria das vezes por balas de alta velocidade. Os alvos mais comuns das balas de aço revestidas com borracha foram os olhos de crianças. A política de atirar para matar (ou aleijar permanentemente) está em vigor no exército israelense e já tirou as vidas de mais de 200 palestinos e feriu mais de 5000 (dos quais têm seqüelas permanentes).

**Hanan Ashawi* nasceu em Nablus, Palestina, em 1948. Fez pós-graduação na Universidade de Virgínia, EUA, onde obteve um doutorado em Inglês Medieval e Crítica Literária. Ashrawi teve um papel importante nas conversações de paz em Oslo, Madri e Washington.*
(Do Jornal Água Verde de Curitiba - PR)

O GOVERNO MUNDIAL

Prof. Marcos Coimbra
Professor Titular de Economia na Universidade Candido Mendes, Professor na UERJ e Conselheiro da ESG

O Brasil corre sério risco. Talvez o mais grave de sua história. Existe claramente em ação a estratégia imposta pelos "donos do mundo", os detentores do capital transnacional, líderes do sistema financeiro internacional, para progressivamente implantar um governo mundial, em especial na nossa Pátria. As etapas do processo estão claramente delimitadas, em linhas gerais. De início, a adoção da "globalização", nova denominação do "neocolonialismo", partindo dos países centrais para a periferia, com o domínio da expressão econômica do Poder Nacional, através da imposição dos ditames dos organismos internacionais: FMI, OMC, Banco Mundial, BID e outros. Abertura da economia, com eliminação de barreiras protecionistas, adoção da lei de patentes, inclusive com efeito retroativo, privatização selvagem, para transferir o patrimônio real das nações menos desenvolvidas para os detentores do "papel pintado", controle da inflação, para garantia do retorno das suas aplicações de capital e outras. A seguir, o total controle dos meios de comunicação de massa, seja através da colocação de pessoas de confiança, os "testas-de-ferro", até a participação via indireta no comando das empresas de jornalismo, ou emprestando-lhes moeda para mantê-los dependentes ou simplesmente remunerando regiamente os principais formadores de opinião e jornalistas famosos, montando a chamada "mídia amestrada". Agora, já se discute a participação direta de estrangeiros no controle dos meios de comunicação no Brasil. A dominação indireta já existe, inclusive com ações de poderosas redes de comunicação sendo vendidas no exterior.

Em paralelo, atuam através da criação de inúmeras ONGs, financiadas pelo exterior, sem qualquer controle, com dirigentes percebendo salários invejáveis (média de R$ 15.000,00 mensais), sem prestar contas a ninguém e com recursos vultosos para colocar suas mensagens na imprensa, objetivando fabricar a chamada "opinião publicada". Falam em nome do povo (sociedade civil), sem procuração. Trabalham incansavelmente para destruir as Instituições Nacionais: Família, Igreja, Estado, Escola, Empresa.

Procuram demolir o Estado Nacional Soberano, minimizar a importância da Igreja, desmoralizar os princípios e valores fundamentais da Família, da Escola e da Empresa. Defendem o sucateamento das Forças Armadas, procurando subtrair-lhes quaisquer possibilidades de cumprir suas missões constitucionais. Tudo isto é feito em vários países simultaneamente, no mundo inteiro. Para isto criam organizações para cooptar lideranças políticas existentes, para propiciar-lhes meios de assumir o Poder constitucionalmente e administrar segundo as suas determinações.

Nas Américas, foi criado em 1982 o Diálogo Interamericano, cujo site pode ser acessado via Internet por qualquer interessado (http://www.iadialog.org). Os inocentes úteis que persistem em tentar ridicularizar o fato dizendo que "isto é bobagem, fruto da teoria da conspiração", podem acessá-lo e verificar inclusive seus integrantes e principais financiadores. É de estarrecer! O famoso Consenso de Washington, de 1988, é apenas uma derivação do Diálogo. Não é coincidência que a mesma política neoliberal seja adotada por países como a Argentina, Brasil, Chile, Peru e outros. Em todos eles foi imposta a criação do ministério da Defesa, para o "controle civil dos militares", por exemplo, bem como a privatização de setores estratégicos como comunicações, energia, água, vitais para o sucesso no terceiro milênio. E todos estes países estão sendo administrados por seus representantes. O Peru acaba de eleger um ex-funcionário do Banco Mundial (Alejandro Toledo, casado com uma sionista. NA).

No Brasil, a estratégia está sendo implementada com êxito e rapidamente, por meio da administração FHC, legítima representante dos interesses alienígenas, não fosse o presidente FHC membro fundador do Diálogo Interamericano. Em 1997, em visita à Inglaterra, "FHC se comprometeu com o príncipe Philip a destinar 10% do território brasileiro para unidades de conservação ambiental, de acordo com o ideário imposto na África pelas ONGs britânicas". Em entrevista à revista alemã "Der Spiegel", em 15 NOV 99, FHC se pronunciou favorável à criação de um "tribunal internacional para o castigo dos crimes universais, como os praticados contra os direitos humanos e o meio ambiente". Neste contexto, fica evidente a razão do envio ao Congresso da "lei do desarmamento da população digna e de bons costumes" pelo próprio presidente, através de seu ex-líder, o ex-senador José Roberto Arruda, agora substituído na triste missão pelo senador Renan

Calheiros, atendendo às instruções do Movimento Viva Rio, representante no país da IANSA, bem como a indiferença, o descaso e o deboche com que ele trata as Forças Armadas. É a preparação para a entrega do território nacional, em especial a Amazônia, para os estrangeiros.

Representa o fiel cumprimento das ordens recebidas do exterior. E a mídia amestrada continua a exercer um dos mais sórdidos papéis da história do Brasil, pois sabe de tudo isto e nada denuncia. São cúmplices dos partidários de Joaquim Silvério dos Reis. Não adianta proibir a posse de armas de fogo. Quem quiser praticar a violência, vai utilizar outro objeto, como facas, bastões ou até mesmo pedras. Como estão acontecendo incidentes com praticantes mal formados de artes marciais, daqui a pouco vão querer proibir também a sua prática. Fica o alerta para todos os brasileiros. Caso aprovada esta medida tresloucada de proibição de venda, propriedade e posse de armas de fogo, por imposição externa, com a utilização de ONGs e manipulação dos meios de comunicação por políticos que possuem a sua segurança garantida por dezenas de ferozes guarda-costas, outras virão. São capazes de proibir até o canto do Hino Nacional Brasileiro, substituído pelo dos seus financiadores. E aí, quem defenderá a Amazônia? Vão tentar iludir os militares, afirmando que o melhor para o país será uma administração compartilhada da região. Afinal, não adianta resistir. É mais prudente se entregar.

Mas, temos a certeza de que nenhum membro das Forças Armadas irá obedecer a qualquer diretriz para a região amazônica, emanada de forças externas, como o Fundo Mundial da Natureza (WWF) do príncipe Philip, acatando a "agenda verde" da Casa de Windsor.

(Correio eletrônico: mcoimbra@antares.com.br
Site: www.brasilsoberano.com.br
Artigo elaborado em 04.06.2001 para o Monitor Mercantil)

Porque não lamentar o World Trade Center

Com todo o pesar às vítimas do acidente ocorrido no dia 11 de setembro deste ano, a proposta do presente manifesto é lançar uma luz em seu aspecto político, esquecendo as emoções provocadas pelas mortes.

Nunca os Estados Unidos haviam sido atacados em seu território. A imprensa compara o World Trade Center a Pearl Harbor, mas há que se convir que o ataque àquela base militar instalada no oceano Pacífico não revela o terror proporcionado pela destruição de prédios urbanos e civis no seio de uma metrópole. Somente neste milênio os EUA sentem uma ponta da dor que eles próprios têm imposto ao mundo com sua política externa agressiva. Vivenciamos guerras e invasões a países como a Alemanha, na primeira e segunda guerra, a Palestina, a Coréia, o Vietnã, o Líbano, a América Central, o Sudão, a Líbia, a Iugoslávia, o Iraque. Em diversos casos o alarde era menor. A publicidade em torno da destruição do símbolo da hegemonia dos EUA é enorme porque afetou justamente ao povo daquele país. O mundo parou e sentiu-se ferido porque o planeta já está americanizado. (A solidariedade mundial ao país de Bush beira o patriotismo dos próprios norte-americanos.) O mesmo não aconteceria se um acidente com tal magnitude se desse alhures. De qualquer maneira, é certo que as destruições, como as ocorridas em Nova Iorque, são fatos corriqueiros em uma guerra. Após o colapso da Alemanha em 1945 grande parte do país estava em ruínas. Em Berlim, por exemplo, não havia sequer um prédio em boas condições para sediar o "julgamento" dos dirigentes vivos do terceiro *Reich*. Em vista disso, escolheu-se Nuremberg. (Ai dos vencidos!)

Para seus crimes, os EUA fecham os olhos. Julgaram também os japoneses mas quem detonou duas bombas atômicas (numa guerra já vencida) foram eles. Trataram, então, com a ajuda dos hebreus, de promover o "holocausto judeu" ao máximo. Norte-americanos e judeus se beneficiaram. Finda a segunda guerra, os EUA criaram um Estado para a amiga nação judaica, sendo preciso desalojar os habitantes nativos da Palestina, originando mais uma guerra. Aquele estado batizou-se Israel. Era a década de 50. Até hoje os palestinos não possuem um Estado, com fronteiras delimitadas.

Unha e carne, EUA e Israel se nutrem mutuamente. Nesta orgia, Israel é um excelente aliado (enclave norte-americano) em pleno Oriente Médio. Israel recebe o apoio acrítico e incondicional dos EUA: financeiro, bélico, político e econômico.

A Palestina vive sob fogo. Viver *aquilo* é que é Terror. *Aquilo* é o caos, a pobreza derivada de guerras constantes, a fome, a carência de perspectivas. E são os árabes que estão nesta deplorável situação. O desespero árabe implica a seguinte questão: por que todos silenciam quando são os palestinos que morrem?

Quanto à intifada, está claro que a condição é favorável a Israel: para cada judeu morto há cerca de sete palestinos assassinados. Sete vidas alheias, este é o valor de um único judeu. Assim como os norte-americanos, também *eles* são superiores. Recentemente, o vice-ministro de Segurança Pública de Israel sugeriu, aos EUA, que se executasse todos os membros da família de militantes palestinos suicidas. Seu nome: Gideon Ezra.

Caminhar, dirigir um automóvel, ou simplesmente estar em casa, é um perigo na Palestina. Um míssil pode atingi-los a qualquer momento, uma patrola pode arrastar suas casas, um tiro pode acertá-los. O presidente do Egito, Mubarak, disse, propriamente, que os palestinos "não podem mandar as crianças à escola, nem alimentá-las, nem enviá-las a um hospital, muito menos trabalhar." Motivos inúmeros alimentam o ódio. Vê-se que o terrorismo NÃO é injustificado. O terrorismo não é um fenômeno de um dia. As crianças, em meio ao terror diário – de guerra e pobreza – um dia poderão ser *kamicazes*. É o ambiente ideal para o extremismo.

Igualmente, os embargos desumanos impostos à Cuba e ao Iraque, desafiadores do *status quo* estadunidense, matam milhares em decorrência da fome. (As mortes pela fome, em particular, também podem ser atribuídas ao capitalismo, pois ela mata em todo o planeta. No relatório "Situação Mundial da Infância 2001", divulgado pelo Unicef, há 149 milhões de crianças desnutridas nas nações em desenvolvimento. As nações ricas, ao invés de ajudar financeiramente os países em desenvolvimento – explorados por elas, no passado – reutilizam o velho dogma imperialista ultrapassado

que perpetua as diferenças sociais e econômicas da sociedade. Se algum dia houver progresso esta mentalidade vai mudar.)

Com a paranóia geral advinda com a crise norte-americana, os israelenses, comandados por Ariel Sharon, aproveitaram a atenção do mundo concentrada naqueles fatos para invadir vilarejos palestinos com tanques e buldôzeres (intensificados desde o dia 11 de setembro), bombardeando casas, pré-escolas, delegacias e abrindo fogo contra transeuntes, sem que nenhuma provocação tenha partido do lado oriental (Cisjordânia). Mais de meia dúzia de pessoas morreram. São doses letais "homeopáticas" que estão exterminando um povo, numa briga de tanque contra pedras.

É compreensível, mas covarde, a retirada da delegação israelita – e norte-americana, por suposto – do Congresso Mundial para o Racismo, da ONU, realizada em Durban, África do Sul, no início de setembro. Eles não querem que as outras nações reconheçam Israel e o sionismo como racistas. Para eles, racistas são os alemães, nazistas, fascistas... não os judeus. Judeus são bons. Por isso, amigos, nunca vos esqueceis do holocau$to!

Os meios de comunicação de massa, consumidores de notícias de agências controladas por grandes corporadores americanos-sionistas, obedientes aos interesses imperialistas e das multinacionais estrangeiras (que anunciam em suas publicações e tementes de boicotes), divulgam a visão de mundo do tio da cartola. Há estudos que revelam uma técnica extremamente comum nesses meios: a da diluição. Trata-se de esvaziar o conteúdo político de um seqüestro e um ato terrorista, por exemplo. Os "bandidos" nunca têm história, esta é a moral.

Os atentados, seja nos EUA ou em Israel, são, além de revanche "justa" (vingança), uma forma de chamar a atenção para o Oriente Médio, e, em especial, aos palestinos, já que os governantes das grandes potências não se esforçam com empenho para acabar com o impasse na região. Os EUA não intercedem em favor das exigências da Palestina, tutelando apenas Israel.

A retórica norte-americana é repugnante. Um exemplo? O vestal da liberdade, tal como os EUA se apresentam, apoiaram as ditaduras na América Latina, justamente porque os governos militares dos países do

continente sul-americano estavam de acordo com a infame doutrina Truman, que pregava a caça aos comunistas. Dessa maneira a América Latina estaria livre da influência da União Soviética (Cuba não deu certo). A seu interesse (dos EUA) a ditadura favorece. Porém, as ditaduras que haviam na Itália, Alemanha e URSS, além de China, Cuba e Iraque, hoje, são dignas de revolução. O discurso é controverso.

Por ironia, há exatamente 28 anos, na manhã de 11 de setembro de 1973, faleceu o presidente chileno Salvador Allende, deposto através do golpe militar, incentivado pelos EUA, sob a supervisão de Henry Kissinger. Instalou-se a ditadura. Hoje os Estados Unidos condenam Pinochet.

Agora, o país de Bush quer punir o Afeganistão por desconfiar que este abriga o refugiado tido como mentor dos atentados, o famoso bin Laden. Grande hipocrisia. Durante a guerra fria os EUA foram os fornecedores de armamentos dos afegãos, que lutavam contra a União Soviética. Um filme do famoso Rambo é dedicado ao "valente povo afegão". O conceito do Afeganistão é diferente agora.

Na mesma guerra fria, o Iraque recebeu, igualmente, tecnologia militar dos EUA, já que travava uma guerra (que durou dez anos) contra o arqui-rival da "democracia" do ocidente, o Irã. O conceito de Iraque é diferente agora.

O que houve nos Estados Unidos donos da América só não será transformado em holocausto porque, para os líderes do "povo eleito" – atuantes ativos nos postos de decisões deste país –, o suposto holocausto contra eles foi *único.*

Pobres das verdadeiras vítimas dos genocídios perpetrados contra os indígenas norte-americanos – exterminados pela 'cavalaria' –, contra os incas, maias, astecas, guaranis, paraguaios, armênios, palestinos, libaneses, russos, alemães, japoneses, cambojanos, ruandeses, entre outros. Esses sim estão esquecidos, apagados da memória. Em relação a holocausto, só há um *único* presente. Só há um que interessa divulgar e ser produzido dramaticamente por Hollywood. Essas ficções...

Ainda assim, na condição de vítimas de um ataque violento, os EUA abusam de sua própria infelicidade para aumentar seu suporte político. O discurso é: "quem não está com os Estados Unidos está com os terroristas". Talvez, a longo prazo, os danos sejam superados por esse imenso poder político que os EUA estão a conquistar. Tal como o "holocau$to judeu".

O poder político esperado com essa "crise" já dá mostras de produtividade. Cuba, Sudão e Irã, opositores ferrenhos dos EUA, estão solicitados a cooperar com o governo de Bush no combate ao anti-terrorismo. Do contrário, é certo, aqueles países serão incluídos no rol de "governos terroristas".

Para espanto do povo brasileiro explorado, nosso governo *vendido* (gestão FHC) propôs a OEA (Organização dos Estados Americanos) uma reunião de consulta de chanceleres como parte do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (Tiar). A OEA convocou a reunião por unanimidade. Qual a meta? Discutir medidas de resposta ao atentados que se passaram – lá longe – nos EUA! O Tiar já havia caído no esquecimento. E isso porque não funcionava como devia. O Tiar foi criado durante a guerra fria para servir de mais um instrumento de agregação da América Latina ao bloco ocidental. E estabelecia que qualquer ataque ao território ou à soberania de qualquer dos países americanos seria revidado pelas forças conjuntas de todos. Em 1982, a Argentina invadiu as Ilhas Malvinas, no Atlântico Sul. Esse país há muito tempo reclamava a posse dessas ilhas que se encontram em poder da Inglaterra. Houve guerra entre os dois países, na qual os argentinos foram vencidos e expulsos. No decorrer da guerra, todavia, satélites artificiais dos EUA forneciam a posição das tropas e navios argentinos para os ingleses. É o caso de se perguntar: qual a validade do Tiar e da OEA?

Se algum país deve temer por terrorismo (vindo de fora), são os EUA, Israel e Inglaterra. Um dos motivos pelo qual se pode rotular os atuais governos da América Latina (com duas exceções) de vendidos é devido a óbvia bajulação ao país ianque.

Bush afirmou que a nova missão de seu país é livrar o mundo do terrorismo e que agora é o começo de uma guerra do bem contra o mal. Arrogância,

preconceito e prepotência são algumas das palavras que surgem para qualificar tais sentenças. Não são, pois, igualmente atos terroristas os bombardeios? Na verdade, a guerra será mal *versus* mal.

Do mesmo modo que nenhuma ideologia, religião e convicção política justificam o sacrifício de milhares de inocentes, nenhum país possui esse direito. Nada legitima uma ação com tais conseqüências. Nem mesmo retaliação. Olho nos Estados Unidos!

O cidadão de bem, como se diz, deve advogar a causa Palestina. Na condição de terceiro-mundistas somos vítimas também. O cidadão de bem sabe que o que é ruim para os EUA é bom para nós. O cidadão de bem tem que ser revoltado porque concordar com o senso comum e acatar a padrões de comportamento que nos são impostos, é ser co-participante deste sistema fétido. O cidadão de bem rechaça notícias adulteradas fabricadas em série para as massas, pois ele próprio busca as informações e faz deduções pessoais. Mas à grande mídia interessa o indivíduo acéfalo, bom consumidor, bom leitor e ouvinte, afeito a notícias leves, simples e sem muito contexto. Dessa maneira as normas sociais vigentes não estarão ameaçadas por um povo inculto, porém descontente.

Não lamentais o World Trade Center!
São mil motivos...
Não choramos por ti, Estados Unidos! Sabemos que não precisam.

Grupo Granja 09/01

A CIA abre escritório no Rio de Janeiro

A agência de informações norte-americana CIA acaba de inaugurar um escritório no Rio de Janeiro. A agência é tristemente famosa por patrocinar atentados terroristas em diversos países do mundo para desestabilizar governos não-obedientes à politica dos EUA - leia-se submissão. A CIA patrocinou sessões de torturas a dissidentes políticos - membros da esquerda - no Chile, Peru, Brasil, Argentina e em quase todos os países do nosso continente.

No Golpe Militar de 1964 a CIA desenvolveu papel importante, violando a nossa soberania.

Desde os atentados no World Trade Center e no Pentágono a paranóia americana com segurança e informação chegou ao paroxismo. A vítima agora é a soberania brasileira – e com a anuência de nosso governo. A CIA está abrindo um escritório oficial em São Paulo, com dois agentes e um assistente. Não é mais uma ação dissimulada, é a instalação de um sistema de espionagem e investigação estrangeiro dentro do país. FHC chegou a ponto de "terceirizar", por meio de uma concessão a uma nação estrangeira, parte das tarefas de busca de informações em território nacional. Isto é o cúmulo da subserviência.

"Se o moço da CIA ganha escritório com placa na porta, o governo brasileiro acabará tendo dificuldade para descobrir onde é que ele manda. Estará criada a Mãe Joana's House", diz Elio Gaspari em sua coluna da semana passada. A embaixada promete compartilhar com a Polícia Federal e o Banco Central as informações que obtiver no país. É a derradeira desmoralização dos meios de investigação brasileiros, que agora dependem da CIA para fazer investigações. E por que o governo aceita isso? A resposta de Elio Gaspari: "pura fraqueza".

Matéria publicada no Jornal Água Verde Nov/2001, página 9.

NUNCA VAMOS RECONHECER ISRAEL

Entrevista de Alfredo Junqueira do jornal O DIA com HUSSEIN NABOULSI,
Publicada no dia 28/10/2001

Uma vida dedicada à guerra. Com apenas 16 anos, em 1983, o adolescente libanês Hussein Naboulsi se filiou ao Hezbollah. Criado no ano anterior, para combater a invasão do exército de Israel ao Sul do seu país, o grupo é considerado por americanos e israelenses como uma das instituições terroristas mais perigosas em atividade. Com a retirada das tropas de Israel do Líbano, em maio de 2000, o Hezbollah assumiu como bandeiras a criação de um estado palestino e a expulsão de todos aqueles que considera invasores das terras árabes. Hoje, jornalista formado e com 34 anos, Naboulsi é o porta-voz do partido e em entrevista ao DIA, por telefone, explicou os motivos de sua luta, destacando:

"O povo libanês considera sua a causa palestina. O que está acontecendo é uma luta entre assassinos e suas vítimas. Os palestinos são mortos diariamente. Em outro país, como os EUA, seria um escândalo mundial. Em relação ao Afeganistão considera uma agressão dos ricos americanos ao miserável Afeganistão. Os Estados Unidos querem dar uma resposta militar aos ataques do dia 11 de setembro, mas deveriam fazê-lo contra os responsáveis, não contra a população inocente. Não existem provas contra quem cometeu esses ataques. Tudo que o governo americano diz é que Osama bin Laden é o suspeito, mas não conseguiram qualquer evidência (sic).

"O governo americano quer usar a religião cristã para justificar sua guerra. Eles dizem: 'olhem, cristãos, estamos numa guerra contra os muçulmanos'. Isso ficou claro no discurso de

Bush, quando disse que estava iniciando uma cruzada'. Ele quis transformar a guerra num conflito entre muçulmanos e cristãos.

"O Islã é a religião da vida. Não professamos o Islã apenas sob aspectos políticos e militares. Depois da derrota israelense para a resistência islâmica no Sul do Líbano, houve uma mudança significativa no histórico conflito árabe-israelense. Testemunhamos a primeira derrota de Israel em terras árabes. Os palestinos perceberam que também podem conseguir livrar suas terras. Não acredito que Israel, depois dessa derrota, vá lançar uma campanha militar contra Síria, Jordânia ou Líbano

"A única maneira de se criar um novo estado palestino é fazendo com que todos os israelenses, que vieram de diferentes partes do mundo, retornem para os países de origem. Então, todos os palestinos, sejam muçulmanos, cristãos, ou mesmo judeus, vão poder decidir seu próprio destino. O HEZBOLLAH NUNCA – NUNCA - NUNCA VAI RECONHECER UM LEGÍTIMO ESTADO ISRAELENSE EM TERRAS PALESTINAS - NEM SE O MUNDO INTEIRO O FIZESSE!

Os libaneses resolveram lutar por sua dignidade e liberdade e expulsaram os invasores israelenses. Países terroristas como os EUA, não tem direito algum em classificar qualquer entidade como terrorista. Fomos nós que ocupamos Israel, ou foram os israelenses, com o apoio dos americanos, que ocuparam nossas terras? Nós lutamos contra os EUA ou são eles que nos perseguem? Centenas das nossas crianças foram mortas por armas americanas só por estarem vivendo em territórios ocupados .

Os EUA são os terroristas que matam gente inocente, que apenas está lutando por dignidade e independência. Quando se analisa o que os EUA fizeram com os outros países no decorrer dos anos e de sua história, percebe-se quem são os verdadeiros

terroristas. São eles que matam crianças iraquianas e afegãs e jogam bombas atômicas sobre inocentes como em Hiroshima e Nagasaki. Quem é o terrorista. O que mata milhões de inocentes ou quem se defende de um inimigo invasor?

Não mandamos crianças para a frente de batalha. Nenhuma organização pode fazer isso. É uma acusação estúpida. No entanto, se rapazes de 18 ou 19 anos nos procuram para fazer treinamento militar, eles podem ser preparados.

Nós diferenciamos o judaísmo do sionismo (movimento nacionalista que defende a criação do estado de Israel). Respeitamos a religião. Não temos nenhum problema com ela. Nossa guerra é contra os sionistas, que ocupam nossa terra e matam nosso povo. Estamos ao lado dos oprimidos e não ao lado dos assassinos.

EUA PRECISAM PARAR DE ALIMENTAR TERRORISMO ISRAELENSE

(UOL Mídia Global, 02/10/01)

www.uol.com.br/times/nyboston/ult583ul4.shl

DERRICK Z. JACKSON, dos EUA

Em uma reação ao ataque contra os Estados Unidos, EHUD SPRINSAK, um famoso especialista israelense em terrorismo, que leciona na Universidade Hebraica em Jerusalém, disse: **"Vários de nós nos sentimos vingado pelos atentados".**

Ele disse que as fotografias da tragédia **"são melhores do que milhares de embaixadores tentando explicar como é perigoso o terror islâmico".** Segundo Sprinsak, "**sob a ótica judaica, esse foi o maior ato de relações públicas que já foi realizado a nosso favor".**

A declaração do israelense não passa de uma manifestação de prepotência e insolência de uma mente fechada. Sprinsak assume que os ataques vão fazer com que Israel se transforme, em um passe mágico, no mais inocente cordeiro do Oriente Médio.

Enquanto os Estados Unidos sacodem o mundo islâmico em busca de Osama bin Laden, o exército israelense espera que as relações conosco não fiquem abaladas.

Ao contrário do desejo manifestado por Sprinsak de que o ataque trabalhe "a favor" de Israel, a tragédia deveria inspirar os Estados Unidos a cultivar um novo sentido de Justiça. **Caso se deseje irradicar o terrorismo do Oriente Médio, os Estados Unidos devem parar de alimentar a espiral de violência por meio do seu equivocado apoio a Israel. Washington precisa deixar de fazer vistas grossas para a utilização de armas norte-americanas pelas forças armadas e policiais de Israel no assassinato de palestinos.**

A mídia fez uma grande propaganda das imagens de palestinos festejando a destruição do World Trade Center (Divulgaram cenas de festejos dos palestinos por ocasião da invasão do Kuwait, por parte do Iraque, de 1991, como sendo atuais... NA). Fotografias de palestinos arremassando pedras são uma imagem comum nos jornais americanos. Nos lares dos Estados Unidos nomes como "Arafat", "Hamas" e "bin Laden" estão muito mais vinculados com a violência do Oriente Médio, do que "Lockheed Martin", "Boing" e "Pratt & Whitney".

É sempre uma tragédia quando um homem-bomba palestino mata judeus. Mas se os norte-americanos realmente quiserem entender porque fomos os alvos das catástrofes de Nova York e Washington, **não podemos ignorar o fato de que estamos ajudando a polícia e as forças armadas israelenses a matar uma média de mais três palestinos para cada judeu que tomba nos conflitos pelos territórios ocupados.**

Neste último período de um ano de conflitos, a Associated Press contabilizou 632 palestinos e 174 israelenses mortos. Os norte-americanos não podem mais ignorar o motivo pelo qual Israel está ganhando o conflito. Desde a II Guerra Mundial, e apesar dos altos e baixos em nosso relacionamento, Israel tem sido o maior beneficiário de auxílio norte-americano. Israel recebeu de Washington algo entre US$ 81 bilhões (R$ 229 bilhões) segundo o Serviço de Pesquisas do Congresso, e US$ 92 bilhões (R$ 260 bilhões) de acordo com o Washington Report on Middle East Affairs, uma organização de pesquisas dos EUA.

(Tradução de Danilo Fonseca)

Os Terrorismos Pós-Modernos

Do artigo, com o título acima, de autoria do prof. **Luiz Roberto Lopez**, *Diretor do Memorial do Rio Grande do Sul e prof. do EFCH/UFRGS*, publicado no jornal "Folha da História", de novembro de 2001, por referir-se diretamente aos acontecimentos de 11/9/2001:

"O recente terrorismo contra os EUA adquiriu uma gigantesca repercussão midiática. Claro: ocorreu na vitrine dos que mandam no mundo; mandam na mídia que manda os povos rezarem e lamentarem o acontecido.

"Todavia, esse ataque – para o qual se clamou e clama represálias – é ele próprio uma represália. As classes dominantes americanas, desde muito e, agora, amparados na soberba caricata do governo Bush II, ampliaram e ampliam o cinturão de espoliação e imperialismo no mundo, sob o disfarce da globalização. À crise social se somam as crises de identidade nacional. Os países islâmicos têm uma tradição de luta contra a opressão ocidental. Esse potencial de luta dos povos árabes é temido por seus governos conservadores. Entre essa multidão de gente, será difícil encontrar voluntários para o auto sacrifício de um combatente que, debaixo do verniz religioso, revela uma forma política de luta?

"Os governos americanos têm sustentado políticas econômicas que têm aumentado a favelização do planeta. Acaso isso não é terrorismo? E tem sustentado diferentes governos israelenses (Begin, Netanyahu, Sharon), cujas políticas sempre foram a de submeter e massacrar palestinos, impedindo-lhes a formação de um Estado, exacerbando-lhes o ânimo que alimenta, a seu turno, o terrorismo de seus grupos radicais. Desde os anos 40 que Israel massacra palestinos, num calculado genocídio, capaz de envergonhar a alma dos mortos pela tortura nazista. O que poderia esperar o poder americano que alimentou tantos terrorismos de Israel ou a ditaduras militares latino-americanas, do Vietnã do Sul, da Indonésia e Filipinas? Ademais, quanto terrorismo terá havido em recentes intervenções militares americanas, apregoadamente "humanitárias", como em Kosovo e Iugoslávia? Até quando isso tudo ficaria impune?

"O ato de terrorismo, acorrido em 11 de setembro, foi, talvez, um gesto que juntou desesperados do mundo islâmico com uma extrema direita americana, avessa à globalização, em uma visão reacionária e paroquialista e que foi capaz de detonar um prédio em Oklahoma. Entretanto, não será

certamente nenhum terrorismo – que acabou fortalecendo a imagem de um Presidente medíocre – que realmente solucionará os problemas intensificados pelo regime do pensamento tínico, que forjou uma imprensa para produzir no imaginário social, uma visão unidimensional dos acontecimentos.

"Na era do show, do espetáculo, do narcisismo, do individualismo competitivo desenfreado desse Capitalismo sem controle, uma bomba caiu em pleno palco e abriram-se fissuras no sentimento da imunidade e impunibilidade. Pode até incentivar outros terroristas. O certo é que, uma vez mais, somos levados a refletir sobre outro terror – o terror sem manchetes das vítimas anônimas, esmagadas pelos interesses ou indiferenças das grandes fortunas e seu poder arrogante".

NO DOS OUTROS É REFRESCO, MAS NO PRÓPRIO, ARDE

Este é o principal título do jornal 'HORA DO POVO' N° 1995, de 18/9/2001 referindo-se aos acontecimentos do dia 11. Nos sub-títulos encontram-se:

"EUA MATARAM 3 MILHÕES DE CIVÍS NA CORÉIA, 1 MILHÃO NO VIETNAM, 150.000 NO IRAQUE 10 MIL NA IUGOSLÁVIA."

"Agora os srs. lacaios talvez possam fazer uma pequena idéia do que doeu nos outros"

"Estado ianque é o centro mundial do terrorismo"

"Após cometerem, só no último meio século, assassinatos de milhões de civis bombardeando povos de outros países, invadindo, bloqueando, promovendo golpes de Estado e banhos de sangue contra nações que lutavam por sua soberania e liberdade, os EUA experimentaram nos últimos dias uma pequena dose do que têm praticado, com o Centro Financeiro de Nova York e o Pentágono em escombros".

"Americanos cevaram uma fornida súcia de lacaios na imprensa dita 'brasileira' ": - Esses vomitivos puxa-sacos sem identidade própria, muito menos nacional, e que por isso mesmo vivem se esfregando embasbacados nos americanos, tratam o velhaco Baby Bush e outros capos do Estado ianque, como se eles não fossem os principais responsáveis por essas desgraças que sofrem os cidadãos de seu país, e estivessem em condições de combater qualquer terrorismo, do qual são exatamente os principais fomentadores e organizadores; como se os EUA fossem vítima, e não os piores carniceiros que a Humanidade conhece, como se o estado ianque não fosse o maior e pior aparelho terrorista que existe no mundo, e sim cavaleiros andantes em luta pela paz e pela justiça.

"Quando os brasileiros forem donos do Brasil, vamos ter que desinfetar esses antros com creolina, soda cáustica e ácido muriático".

Deste importante jornal, em defesa da verdade, que certamente não participa das gordas verbas de propaganda das grandes multinacionais, e que teve a coragem de atacar de frente o terrorista estado norte-americano, ainda

destaco esclarecedora CARTA DO LEITOR, de autoria do Sr. João Carlos Macluf, de São Paulo – SP:

EUA – UMA REVANCHE ANUNCIADA

"Esta sem dúvida foi uma tragédia anunciada. Claro que chocou pela dimensão, mas era perfeitamente previsível. Sem nenhuma cerimônia os americanos atacam qualquer país, por conta de uma ação preventiva ou corretiva, que eles mesmos decidem ser certa ou errada. Se olharmos a história, veremos que os autores desse atentado poderiam ser japoneses para vingar Hiroshima e Nagasaki (quanto vi os edifícios ruindo foi a primeira lembrança que me veio à mente), poderiam ser vietnamitas, líbios vingando o assassinato da filha de Kadafi, poderiam ser iraquianos por tudo que vemos diariamente, sírios ou libaneses pela cobertura que os americanos dão a Israel, poderiam ser cubanos pela indefensável perseguição ao seu povo, enfim, poderia ser qualquer ser humano pelas intervenções americanas no mundo.

"Mas, particularmente, teriam razão para agir assim os palestinos que foram expulsos de suas terras e vivem há mais de 50 anos em campos de refugiados, sem uma pátria, sem esperanças, sem direito de sonhar com um futuro. Três gerações se perderam neste tempo. São milhões de pessoas desesperadas por uma solução. Quando um palestino se suicida levando com ele dezenas de inocentes, que talvez nem conheçam seu drama, quem tem que se envergonhar não são os palestinos, mas o mundo que criou no Oriente Médio um estado imperialista, discriminador, racista e desumano que é sustentado por seu cão de guarda americano.

"Pensem: o acontecido nos EUA é terrível... mas o que acontece há mais de 50 anos com o povo palestino? É menos pior? Não... é imensamente pior. Quando um país sustenta outro, militar e economicamente, tem que assumir os riscos de sua política. Um país que arrogantemente abandona Conferências (Durban, e outras anteriores) porque não estão concordando com seus pontos de vista, que contribui com 40% do poluição mundial, não liga para isto e despreza Kioto, que simplesmente vê o mundo com a visão dos poderosos, tem que imaginar que um dia terá que pagar por isto. Minha solidariedade às vítimas, mas cobrem este acontecimento principalmente deste governo grotesco que comanda a maior nação do mundo".

DE "CARTAS DO LEITOR" DO JORNAL HORA DO POVO DE 18/09/01

De Paulo Matos, publicado sob o título "Bumerangue acertou os EUA":

"Os Estados Unidos foram vítimas do bumerangue que lançaram com dezenas de ações de terrorismo de estado em décadas, crimes que praticaram contra a vida do planeta – um método pelo qual agora protestam. Com que direitos, depois de matarem sem trégua globalmente, com as poderosas armas que criam e exportam avidamente estes mercadores da morte? Os EUA defendem uma democracia que não tem, patrocinando golpes militares e ditaduras em todo planeta, agora "governos democráticos" que exploram seu povo. A "eleição" de Bush desmascarou a farsa do voto popular da sua "democracia" de fancaria, com cartas e votos marcados, em um país que não conquistou sequer para seu povo o título de eleitor. Um país que planta ventos, colhe tempestades."

De Nádia L. Andreotti, sob o título o "Boing virou cipó de aroeira":

"Depois de tantos milhões de inocentes mortos por suas bombas e mísseis nos mais variados quadrantes do mundo, é ridículo os Estados Unidos quererem nossas lágrimas por terem recebido uma lição, sentido na pele as conseqüências de sua política terrorista de Estado. O Boing foi transformado em cipó de aroeira, voltando no lombo de quem mandou dar...".

De Márcio Lins Barbosa, sob o *título* "Império Ianque em ruínas:

"Cadê o inatingível Pentágono, as gigantes torres de Wall Street e a pujança econômica? O que há é um império em ruínas."

DO ESCRITOR E JORNALISTA JUREMIR MACHADO DA SILVA,
do seu artigo **"Na Contramão de Kandahar"**, do Correio do Povo ,16/12/01:

"O mundo pós-WTC piorou porque os EUA autorizaram a destruição da Autoridade Palestina pelo terrorismo israelense. Em lugar de um Estado Palestino, o que se vê é a transformação de Yasser Arafat, pelo criminoso de guerra Ariel Sharon, em um Bin Laden palestino, a ser caçado, esmagado e eliminado. Enquanto os especialistas se perguntam quem será o próximo alvo -Iraque? Somália?- a realidade já o definiu: os palestinos.

"Israel é um Estado imperialista e terrorista que parece ter esquecido a própria história de sofrimento, pois não demonstra o menor respeito ou piedade pela história e pelo sofrimento dos outros. Tudo isso com o apoio incondicional dos Estados Unidos e o corpo mole da União Européia. Ao contrário do que afirma o discurso conservador, a negociação não começará com o fim da Intifada. O bom senso indica que a Intifada terminará com a instauração do Estado palestino."

VIA INTERNET:

Os Estados Sionistas da América, antiga USA, realmente ainda não entenderam o que está acontecendo na sua própria casa e no mundo, pois, vetaram ,no dia 15/12/01, outra Resolução do Conselho de Segurança da ONU com referência ao Oriente Médio, que condenava "todos os atos de terror", como o uso excessivo da força no conflito entre israelenses e palestinos.

Vejam o motivo que o embaixador americano (?) na ONU encontrou para vetar a Resolução: "a mesma não teria mencionado os recentes atos de terror contra os israelenses ou seus dirigentes"... a expressão "todos os atos de terror" era muito vaga... - enquanto isso a matança de palestinos continua!

Qual foi o papel de Israel no ataque ao WTC?

O jornal Washington Times divulgou uma história em 10 de setembro de 2001 sobre um estudo de 68 páginas publicado pelo U.S Army School for Advanced Military Studies (SAMS) (Escola do Exército para Estudos Militares Avançados dos Estados Unidos). O estudo, lançado pela escola de elite do Exército, detalhou os perigos de uma possível força ocupacional do Exército dos Estados Unidos no Oriente Médio. Aqui está o comentário sobre a visão do estudo sobre o Mossad israelense:

Sobre o Mossad, o serviço de inteligência israelense, os oficiais do SAMS dizem: "Carta perigosa. Implacável e traiçoeiro. Tem capacidade de atingir forças dos Estados Unidos e fazer parecer como se fosse um ato palestino/árabe."

Ironicamente, dentro de 24 horas depois da publicação da história, o World Trade Center e o Pentágono foram atacados. Poderia ser o "implacável e traiçoeiro Mossad", como os oficiais do Exército dos Estados Unidos descreveram, ocultamente estar por trás do ataque?

O Mossad é a mais implacável e cruel organização terrorista no mundo inteiro. É também a maior e mais sofisticada organização de inteligência. Nenhuma outra nação chega perto de sua amplitude e poder no Oriente Médio. Ele se orgulha de se infiltrar em cada organização palestina e árabe de porte no mundo.

Sabendo desses fatos, pode restar pouca dúvida de que o Mossad tenha penetrado profundamente em uma das mais antigas, maiores e considerada a mais perigosa organização terrorista árabe no mundo; a al-Qaida de Bin Laden.

Mais ainda, o FBI e a CIA claramente têm declarado que o ataque ao WTC e ao Pentágono foi uma grande operação encoberta usando uma rede internacional de no mínimo uma centena de terroristas, espalhando-se sobre três continentes.

Poderiam os agentes do Mossad na al-Qaida assim como o resto da vasta

rede de infiltrantes e informantes do Mossad desconhecer sobre a operação terrorista árabe mais extensa e ambiciosa da história? Claro, é extremamente difícil provar o papel preciso de uma organização estrangeira e secreta de inteligência, tal como o Mossad, num ato terrorista; eles não se vangloriam de seus feitos na internet. Mas evidências poderosas estão acumulando-se de que os israelenses tinham conhecimento prévio do ataque de 11 de setembro nos Estados Unidos. E, se de fato, eles tinham conhecimento antecipado desses atos assassinos de terrorismo - e então tiveram a mentalidade e o sangue-frio de não avisar os Estados Unidos porque eles viam um horrível massacre de milhares de norte-americanos como sendo bom para Israel - conclui-se que eles não sentiriam nenhuma restrição em de fato instigar e ocultamente ajudar esse plano terrorista através de seus próprios agentes provocadores. Vamos dar uma olhada nas fortes evidências indicando que o Mossad tinha conhecimento prévio do ataque de 11 de setembro.

Evidência de traição do Mossad no ataque ao WTC

No dia seguinte ao ataque ao World Trade Center, o Jerusalem Post, o mais famoso e respeitado jornal israelense no mundo, relatou que 4000 israelenses estavam desaparecidos no ataque ao WTC. Mesmo sem ver o artigo no Jerusal em Post, apenas pela lógica bastaria para nos dizer que haveria centenas, se não milhares de israelenses no World Trade Center no momento dos ataques. O envolvimento judaico internacional com bancos e finanças é legendário. Por exemplo, duas das mais ricas firmas em Nova York são Goldman-Sachsea Solomon Brothers: e ambas as firmas tem escritórios nas torres gêmeas.
Muitos executivos nessas firmas regularmente viajam para Israel. Nova York é o centro do poder judaico financeiro mundial, e o World Trade Cen-Ter é seu epicentro. Poderia-se naturalmente esperar que o número de mortes israelenses fosse catastrófico. O Jerusalém Post certamente pensou isso em 12 de setembro de 2001. Aqui está o começo do artigo:

Milhares de israelenses desaparecidos perto do WTC e Pentágono O Ministro do Exterior em Jerusalém até agora já recebeu os nomes de 4000 israelenses que se acreditam terem estado nas áreas do World Trade Center e do Pentágono no momento do ataque. (A manchete e a primeira sentença do artigo do Jerusalém Post)

Quando George Bush fez seu discurso no Congresso, ficou claro que ele cometeu um erro significante além do erro de dizer que os atacantes ao WTC fizeram esse ato porque eles "odiavam a liberdade". Bush fez uma notação ao dizer que somados aos milhares de norte-americanos, 130 israelenses tinham morrido no WTC. A implicação era dizer que Israel partilhava de nosso sofrimento, e que nós e Israel estamos nessa coisa juntos. Depois de ouvir o número de 130 mortos israelenses, esse número me pareceu suspeitamente baixo pra mim. Se 4000 israelenses estavam no WTC e se a contagem de mortos do WTC era de cerca de 4500 (cerca de 10 por cento das 45000 pessoas que costumam estar normalmente nos edifícios naquele momento), o número israelense deveria ser estatisticamente cerca de 400, e não 130.

Como um lugar para realizar negócios e de trabalho, o World Trade Center não era um local de baixos salários ou um lugar do tipo MacDonalds; era um local com altos salários, alta tecnologia, empregos de alto nível e posições executivas primariamente com finanças internacionais, bancos e comércio de ações. Eu me perguntei como poderiam apenas haver 130 israelenses mortos, quando houve uma estimativa de 199 mortos da Colômbia e 428 das Filipinas?

Em artigos anteriores nos quais eu escrevi sobre o terror de 11 de setembro, eu não fiz alusão a essas suspeitas, porque eu sempre me orgulhei de jamais escrever algo que eu não pudesse firmemente substanciar. Mas enquanto eu pesquisava para esse artigo sobre o terror israelense contra a Palestina e os Estados Unidos, eu descobri o fato mais chocante que eu jamais me deparei em todos os meus anos de pesquisa e escrita. Eu descobri um simples fato que tem enormes ramificações a respeito do terror do ataque de setembro.

Procurando entre centenas de artigos, tentando encontrar uma pista para o verdadeiro número de israelenses mortos, eu achei um artigo do New York Times que esclareceu o número preciso de Israelenses que morreram no ataque ao World Trade Center. Ficou claro que dos 130 israelenses que o presidente Bush tinha dito que haviam morrido no World Trade Center, 129 deles ainda estavam vivos. Somente um israelense tinha realmente morrido.

Eu estava incrédulo. "Meu Deus", eu disse para mim mesmo, "um só israelense!"

Mas na sexta, Alon Pinkas, o consul geral de Israel aqui, disse que as listas de desaparecidos incluiam relatos de pessoas que tinham sido incluídas porque, por exemplo, parentes em Nova York não tinham ainda retornado suas ligações de Israel. Haviam, de fato, somente três israelenses que estavam confirmados como mortos: dois nos aviões e um outro que estava visitando as torres por causa de negócios e tinha sido identificado e enterrado. (New York Times, 22 de setembro de 2001)

O número muito baixo de 130 sugeria que muitos israelenses no World Trade Center tinham sido avisados antes do ataque. Quando eu descobri a verdade de que somente um israelense havia morrido, não restou dúvida nenhuma de que houve um alerta antecipado para muitos israelenses. Ter somente uma morte israelense entre 4500 mortos no WTC é simplesmente uma impossibilidade estatística. Até mesmo se o Ministro do Exterior Israelense e o Jerusalem Post tivessem errado grandemente ao superestimar o número de israelenses no World Trade Center, ao dizer 3000 (400 por cento),ainda deveriam haver no mínimo 1000 israelenses lá no momento do ataque. Novamente, mesmo se somente algumas centenas de israelenses estivessem presentes no momento do ataque, somente uma morte israelense seria um absurdo estatístico. Ou 11desetembro tinha sido um grande feriado judaico, ou muitos cidadãos israelenses tiveram algum alerta antecipado sobre o ataque iminente.

Alerta antecipado aos israelenses

A segunda coisa que eu pesquisei foi verificar se haviam quaisquer alertas confirmados aos israelenses anteriormente aos ataques. Eu rapidamente achei um artigo em Newsbytes, um serviço de notícias do Washington Post, intitulado "Mensagens instantâneas à Israel alertaram sobre o ataque ao WTC". O jornal israelense Ha'aretz, também confirmou os alertas precedentes para Israel e confirmou que o FBI estava investigando os alertas. Os artigos detalharam que uma firma israelense de envio de mensagens, a Odigo, com escritórios tanto no World Trade Center quanto em Israel, recebeu um certo número de alertas apenas duas horas antes do ataque.

Mensagens instantâneas para Israel alertaram sobre o ataque ao WTC Funcionários na firma de mensagens instantaneas Odigo confirmaram hoje que dois empregados receberam mensagens de texto alertando sobre um ataque ao World Trade Center duas horas antes de os terroristas espatifarem os aviões nos destaques turísticos de Nova York.

Mas Alex Diamandis, vice presidente de vendas e marketing, confirmou que os funcionários do escritório de pesquisa, desenvolvimento e vendas internacionais da Odigo em Israel receberam um alerta de outro usuário do Odigo aproximadamente duas horas antes do primeiro ataque. (Do News-bytes do Washington Post)

Então agora nós temos poderosas e convincentes evidencias de fontes impecáveis que Israel tinha conhecimento prévio do ataque. Primeiro, sem um alerta prévio, não poderia ter nenhuma vítima israelense no World Trade Center. Segundo, há uma clara confirmação de que uma companhia com escritórios tanto em Israel quanto no WTC recebeu alertas imediatamente antes do ataque.

Quem teria alertado os israelenses do ataque iminente, se não o Mossad israelense? O fato de que o governo de Israel tinha conhecimento prévio do ataque iminente e alertou vítimas potenciais israelenses, mas deliberadamente deixou milhares de norte-americanos morrerem - faz dos israelenses tão responsáveis pela carnificina quanto os atacantes árabes do WTC.

O que é bom para Israel é ruim para os Estados Unidos

Você pode estar certo de que a alegria jorrou nos corações de todos os terroristas israelenses quando eles testemunharam a nuvem de fumaça subindo das torres gêmeas. O FBI até mesmo prendeu cinco israelenses num telhado próximo às torres gêmeas, filmando e comemorando todo o evento. Eles sabiam que a resistência norte-americana e mundial ao supremacismo e terrorismo de Israel evaporariam junto com o colapso das torres do World Trade Center. Talvez a declaração mais direta e clara foi quando um repórter do NY Times questionou o ex-primeiro ministro israelense Benjamin

Netanyahu, um homem tão radical quanto Ariel Sharon. Aqui estão as palavras do entusiasmado ex-primeiro ministro:

Questionado hoje a noite sobre o que o ataque significaria para as relações entre os Estados Unidos e Israel, Benjamin Netanyahu, o ex-primeiro ministro respondeu, "É muito bom". Então ele se remendou: "Bem, não muito bom, mas irá gerar simpatia imediata".

O ataque ao World Trade Center foi obviamente muito bom para Israel; de fato, Israel foi a única nação que se beneficiou com isso. O histórico de mais de meio século de incansável terrorismo de Israel ficou completamente apagado em comparação com o horror e a magnitude visual desse espetacular ataque terrorista. Quando a mídia judaicamente dominada norte-americana repetidamente mostrou alguns poucos e muito sofridos palestinos celebrando os ataques, os palestinos se tornaram injustamente retratados como estando por trás do terror do World Trade Center, ainda que todas as organizações palestinas condenaram o ataque, e nenhuma único palestino sequer teve algum envolvimento provado.

É claro, foi os Estados Unidos que sofreram a maior parte, com quase 5000 mortos, uma economia ferida e as piores restrições contra as liberdades Constitucionais na história norte-americana. O Caso Lavon, o ataque ao Liberty, a espionagem de Jonathan Pollard, e a morte de 5000 norte-americanos em 11 de setembro - tudo isso foi bom para Israel, mas terrivelmente ruim para os Estados Unidos.

Quando os Estados Unidos irá finalmente entender que o que é bom para o estado terrorista de Israel é destrutivo e até mortal para os Estados Unidos da América?

Quando nós teremos o brio e a coragem dar um basta aos agentes israelenses e aos traidores norte-americanos que têm orquestrado cinqüenta anos de apoio ao terrorismo israelense e cinqüenta anos de traição contra nosso próprio país?

Minha vida é dedicada a um Estados Unidos livre, seguro e soberano, um Estados Unidos dedicado ao nosso próprio povo e nossos próprios interes

ses; não os propósitos criminosos de uma nação estrangeira e terrorista.

Qualquer que seja o custo pessoal para mim, eu irei continuar a perseguir esse caminho.

Eu convoco-lhe para se juntar a mim nesse caminho. Eu peço para que não troque sua segurança pelo custo de sua liberdade e sua honra.

Partilhe corajosamente das informações deste artigo com outros norte-americanos e com o resto do mundo. Deixe-nos dizer a verdade sobre a pior nação terrorista da Terra: Israel. Ao fazer isso, você estará ajudando a salvar não somente as vidas do povo palestino, mas as vidas e liberdade do povo norte-americano também.

David Duke
Ex-candidato a presidência dos EUA
Former Member of the House of Representatives State of Louisiana, United States of America

www.davidduke.com

DIGA A VERDADE SHIMON (Peres):

Ao longo dos 24 anos em que nos conhecemos, quatro dos quais eu passei trabalhando como seu auxiliar, esta é a terceira vez que lhe escrevo uma carta aberta. Em 1989, quando você era Ministro da Economia no governo Shamir e a primeira intifada estava em fúria, utilizei estas páginas para escrever "Uma carta a um ex-patrão". Naquela época, eu lhe disse que "pela primeira vez em sua vida, nada lhe restava a perder – exceto a perspectiva de sumir no ar rarefeito". Isso foi depois que você guardou silêncio face à conduta das IDFs - Forças de Defesa Israelenses - com relação à intifada, face à continuação da ocupação e a recusa obstinada de Israel em reconhecer a OLP como o representante dos palestinos. Naquela ocasião, eu acreditava que você pensava de modo diferente de Yitzhak Shamir e de Yitzhak Rabin (conhecido à época como "o quebra-ossos"), mas que você apenas não tinha coragem suficiente para se manifestar.

Onze anos mais tarde, em 2000, escrevi-lhe uma outra carta aberta. Isso foi depois de Oslo e do assassinato de Rabin, e depois que você tinha perdido outra eleição – dessa vez, para o cargo de presidente. Na época, eu disse: "Muitos israelenses o vêem agora como uma pessoa diferente. Para eles, você representa a esperança de alguma coisa diferente". E agora, quando lhe escrevo outra vez, tenho de lhe dizer: você não representa mais a esperança de nada.

O governo do qual você é um dos membros proeminentes, o Ministro das Relações Exteriores, não é mais um governo de último recurso na nossa história de governos de último recurso; esse governo é um governo do crime. E cumplicidade nesse crime é uma outra história. Não é mais possível absolvê-lo, dar-lhe crédito por Oslo, compreender que seu coração dói pelo que está acontecendo, e saber que você pode até estar ardendo de ira pelo que está acontecendo e recusando-se a falar claramente, gritar e, mais do que tudo, agir, apenas por razões táticas que você compreende melhor do que ninguém.

Não, seu silêncio e sua falta de ação não podem mais ser justificados por nenhuma desculpa. Shimon, você é um cúmplice no crime. O fato de que você possa compreender isso no seu íntimo e, de tempos em tempos até mesmo proferir algumas débeis palavras de condenação; o fato de que você não é primeiro-ministro e que a América está dando carta branca neste exato momento; o fato de que a maioria do povo pensa de modo diferente e de que

renunciar e "sair à caça de um jornalista do Ha'aretz", como você diz, seria um despropósito – todas essas desculpas não fazem nenhuma diferença. Você continua a servir a um governo com sangue nas mãos, cuja mão estendida está ainda ocupada em matar e encarcerar e em humilhar, e você é um cúmplice de todos esses atos. Do mesmo modo que o ministro das Relações Exteriores talibã é uma parte do regime talibã, você é uma parte do regime Sharon. Sua responsabilidade não é muito menor do que a do primeiro-ministro. É igual à do ministro da Defesa e do chefe do Estado-Maior, cujas ações você critica asperamente em discussões privadas. Sempre somente nas discussões privadas.

Você diz que ouviu falar no assassinato de Raed Karmi, depois de três semanas de trégua palestina, no rádio. De sua perspectiva, isso é suficiente para isentá-lo de responsabilidade pelo ato e mesmo de ter de se expressar de modo crítico sobre isso. Enquanto as IDFs reocupavam Tul Karem, você estava com Bill Clinton. Quando perguntado sobre o assunto, você murmurava algo incoerente. Após as demolições de casas em Rafah, você mordeu o lábio e manteve silêncio. Poder-se-ia afirmar que a explosão da estação de rádio não foi também sua taça de chá. Mas você carrega a terrível responsabilidade por todas essas coisas, por todas essas ações que não podem ser definidas como algo diferente dos crimes de guerra.

Pergunte a seu cunhado, prof. Rafi Walden, o cirurgião-chefe do Centro Médico Sheba, que algumas vezes viaja aos territórios como voluntário com os Médicos pelos Direitos Humanos, e ele lhe dirá do que você é cúmplice. Ele lhe dirá sobre as mulheres em trabalho de parto – não uma ou duas, não apenas a exceção rara – que não podem chegar ao hospital devido à crueldade do exército israelense (IDFs) do qual você um dia tanto se orgulhou – e cujos bebês morrem logo depois que elas os dão à luz. Ele lhe falará sobre os pacientes com câncer impedidos de chegar à Jordânia para tratamento. Não, eles não podem sequer chegar à Jordânia – por "razões de segurança".

Ele lhe falará sobre os hospitais em Belém que foram bombardeados pelo exército de Israel. Ele lhe falará sobre os médicos e enfermeiros que dormem no hospital porque não podem ir para casa. Ele lhe falará sobre os pacientes que necessitam de hemodiálise e que são forçados a passar horas acotovelados enquanto percorrem rotas temporárias três vezes por semana na busca desesperada de alcançar as máquinas das quais dependem suas vidas. Ele lhe falará sobre os pacientes aos quais são negados tratamento médico crucial por causa do fechamento, e sobre as ambulâncias impedidas de passar nos postos de controle, mesmo quando transportam passageiros em estado

crítico de saúde. Ele lhe falará sobre as pessoas que morreram nos postos de controle e sobre aquelas que morreram em casa porque não ousaram se aproximar dos postos de controle – os quais agora são formados por tanques ameaçadores no meio da estrada, ou montes de blocos de areia e cimento que não podem ser removidos – mesmo por alguém à beira da morte.

Você aprisionou todo um povo durante mais de um ano com um grau de crueldade sem precedente na história da ocupação israelense. Seu governo está pisoteando três milhões de pessoas, deixando-as sem a imagem de uma vida normal. Não podem ir ao mercado, não podem ir ao trabalho, nem à escola, nem visitar um tio doente. Nada. Não podem ir a parte alguma nem voltar de parte alguma. Nem de dia nem de noite. O perigo ronda em toda a parte, e em toda parte há um outro posto de controle asfixiando a vida.

Uma nação inteira já estendeu parcialmente sua mão em paz, não menos do que nós o fizemos – você sabe disso bem. Ela já teve sua cota de sofrimento, desde a Nakba ("Catástrofe") em 1948, passando pela ocupação em 1967 e o sítio de 2002, e quer exatamente as mesmas coisas que os israelenses querem para si mesmos – um pouco de tranqüilidade e paz, um pouco de segurança e uma gota de orgulho nacional. Para um homem, todo esse povo agora se levanta toda manhã para um abismo crescente de desespero, desemprego e privações – agora, com tanques estacionados no fim da rua, também.

Você foi sempre perdoado por essas coisas – mas agora não dá mais. Alguém que é cúmplice num governo que sabota deliberadamente todo esforço palestino para conseguir a tranqüilidade, que abertamente humilha seus líderes, para quem a vingança é a única força motivadora, que cinicamente explora a cegueira e a estupidez do mundo pós 11 de setembro para agir a seu bel prazer – não pode mais ser perdoado. Na verdade, você não concorda com tudo o que esse governo quer fazer, mas o que isso importa? Você está dentro – você é uma peça importante disso, como em qualquer outro crime. Algumas vezes eu o vejo respondendo a pergunta de um repórter sobre o ato desprezível mais recente do seu governo. A expressão em sua face (e eu estou bastante familiarizado com suas expressões, depois de todos esses anos) sugere desconforto, náusea, até. E aí você dá uma de suas respostas evasivas, carregadas de sugestões, e não suficientemente diretas. Você murmura algo e tenta desembaraçar-se por meio de um trocadilho desajeitado. Como o que aconteceu esta semana quando você estava perto de Clinton e foi perguntado sobre a ocupação de Tul Karem e você não disse nada – e apenas esperou que a pergunta passasse para ser deixado só de forma que pudesse voltar a falar sobre paz e o futuro.

Quando perguntado sobre os assassinatos, as demolições, a humilhação de

Arafat e seu confinamento escandaloso, a destruição do aeroporto Dahaniya ou o festival da exibição de munições em Eilat, você franze o cenho e dá uma meia resposta. Mas isso não é mais suficiente.

O tempo agora é para resposta direta, honesta e verdadeira – ou nada. O momento agora é de dizer que a ocupação de Tul Karem foi uma ação tola, que o assassinato de Raed Karmi foi planejado para reacender a violência e que a destruição das casas em Rafah foi um crime de guerra – ou ser Ariel Sharon. Este não é o tempo para sutileza, para significados ocultos, para críticas veladas e privadas – porque, aqui do lado de fora, um desastre terrível está a caminho, e um grande e forte vento está soprando e devastando tudo.

Posso lhe dar um exemplo? Há poucos dias, você foi citado com a frase (no privado, outra vez) de que era difícil para você criticar as ações do governo quando os Estados Unidos não o faziam. Que espécie de desculpa patética é essa? O fato de que existe uma administração predatória nos Estados Unidos e que não existe nenhuma força que se lhe oponha no mundo, e que age como bem quer e deixa Israel fazer o que quer. O que isso tem a ver com suas posições baseadas em princípios? O que isso tem a ver com o bem de Israel? O que isso tem a ver com os valores básicos da justiça e da moralidade?

Talvez você precisasse de apenas um dia de férias, o que você desfruta tão raramente, para visitar os territórios ocupados. Você algum dia realmente viu o posto de controle de Qalandiyah, pelo menos uma vez? Você viu o que acontece lá? Você acha que pode fazer seu trabalho sem ver o posto de controle de Qalandiyah? Você entende que é responsável pelo que está se passando lá? Você entende que qualquer ministro das Relações Exteriores de um estado que instala esses postos de controle tem responsabilidade pela existência deles?

Assim, você deveria ir à aldeia de Yamoun e encontrar Heira Abu Hassan e Amiya Zakin, que perderam seus filhos há três semanas quando soldados do exército de Israel não deixaram seus carros cruzarem o posto de controle, enquanto elas estavam em trabalho de parto e sangrando. Ouça as histórias terríveis delas. E o que você lhes dirá? Que lamenta? Que isso não deveria ter acontecido? Que isso é parte da guerra contra o terrorismo? Que isso é chocante? Que talvez a culpa seja de Shaul Mofaz (Chefe do Estado-Maior) e não sua? O porta-voz do exército de Israel nem sequer expressou pesar por esses dois exemplos, para não mencionar qualquer investigação criminal. Ele apenas confirmou que um ocorreu e que "não sabia" do outro.

É igualmente importante, o que você dirá sobre nossos soldados que se comportam desse modo? Isso é por causa da segurança nacional? Os palestinos é que são os culpados? Ou será Arafat? A verdade, Shimon, é que você tem responsabilidade pelas mortes daqueles dois bebês. Porque você guardou silêncio. Porque você participa desse governo.

Estes são tempos terríveis. Mas o pior ainda está por vir. O ciclo de violência e ódio está longe de ter atingido seu pico. Todas as injustiças e todo mal cometido contra os palestinos explodirão um dia nas nossas faces. Um povo que é humilhado dessa forma durante anos explodirá um dia numa fúria terrível, ainda pior do que o que vemos agora. E nesse meio tempo temos os soldados indo para a estação de rádio, lançando explosivos e explodindo o lugar para alcançar o Reino – sem, porém, parar para perguntar por quê.

Esses soldados são aqueles que produzem as más notícias, não somente para suas vítimas, mas também para os seus emissários. Soldados que destróem dúzias de casas pertencentes a refugiados, com todos seus escassos bens dentro, sem nenhum momento de hesitação – e certamente sem nenhuma recusa de cumprir ordens tão flagrantemente ilegais, não são bons soldados, até mesmo para seu próprio país. Pilotos que bombardeiam alvos no coração de cidades povoadas, operadores de tanques que apontam seus canhões para mulheres que procuram chegar ao hospital para dar à luz no meio da noite e oficiais da Polícia de Fronteira que maltratam mulheres e jovens não são um bom augúrio das coisas que estão por vir. Todos eles atestam a frouxidão de disciplina que os arrasta a uma perda total de direção.

Sim, este ano perdemos nosso rumo. Você uniu forças com um primeiro-ministro que é o arauto da guerra mais antigo de Israel, e ninguém pode dizer com certeza quais são suas verdadeiras intenções. E com um público manobrado que fala com assustadora uniformidade, você está à vontade. Desde que um outro membro do seu partido, Ehud Barak, intencionalmente espatifou o campo da paz, você tem podido fazer praticamente o que quer. O exército de Israel não investiga mais qualquer crime de guerra e o sistema legal aprova qualquer injustiça que venha embrulhada no manto da segurança. O mundo inteiro está ocupado travando uma guerra contra o terrorismo, a imprensa oculta seu rosto e o público não quer ouvir, não quer ver e não quer saber. Quer só vingança. E sob a capa dessa escuridão e com o apoio de uma pessoa de sua estatura, a ocupação tornou-se uma máquina do crime e do mal.

Naturalmente, você dirá: o que posso fazer? Não fui eleito primeiro-ministro, nem fui eleito chefe do Partido Trabalhista. Nem mesmo sou o ministro da Defesa. Você tem razão: neste governo você não pode fazer coisa alguma, e

você não está fazendo coisa alguma. Justamente por isso, você não deveria ter se tornado um membro dele. Você dirá: tenho influência – controlo coisas, sou uma força moderadora, estou tentando. Bobagem. Isso não poderia ser muito pior do que está agora, assim sendo, onde exatamente você exerceu sua influência e o que você está impedindo de acontecer? Você já pensou alguma vez que está participando de um governo que reocuparia partes da área A (Territórios autônomos palestinos) completamente desimpedido?

Pense só no que teria acontecido caso você tivesse se levantado e renunciado ruidosamente a esse governo e dissesse ao mundo o que você tem (talvez) no seu coração. O laureado Prêmio Nobel contra os crimes do governo Sharon. Imagine se você tivesse ido a Ramala, a Yasser Arafat que está sob sítio lá, e ido à rua junto com ele, enfrentado os tanques israelenses e pedido a retirada destes tanques e exigido o cessar-fogo. Na verdade, o céu não teria despencado – a ocupação não teria acabado e o fechamento de Jenin não teria sido levantado, mas verdadeiras rachaduras teriam sido abertas na base moral, política e internacional desse governo atualmente imune. Imagine se você tivesse dito: sim, as demolições de casas são crimes de guerra; sim, um estado que tem listas de alvos de assassinato não é um estado de direito. Sim, instalar postos de controle que causam a morte de pessoas é um ato de terrorismo. Não, os palestinos não são os únicos culpados por essa orgia de sangue. Sim, temos um chefe do Estado-Maior que é perigoso à democracia. Sim, temos um ministro da Defesa e um chefe do Partido Trabalhista que são os agentes do governo para assassinatos e demolições de casas. Sim, temos um primeiro-ministro que só quer ocupar, vingar, matar, expulsar, demolir e desterrar e que não tem nenhum outro plano em mente.

É isso que você pensa, não é? Se é assim, então diga, pelo amor de Deus. e se não, então seu lugar realmente é com esse governo e nós que certa vez acreditamos em você cometemos um terrível erro. E por favor não diga que estão fazendo de você um saco de pancadas outra vez. Não é verdade. Desde Oslo você personificou nossas esperanças. E essas esperanças foram desapontadas.

O tempo é curto, Shimon. Não apenas para você, mas para todos nós. Estamos à beira do abismo. Se você esperar até que Benjamin Ben-Eliezer, Ephraim Sneh, Ra'anan Cohen, Dalia Itzik e outros da mesma espécie surjam com outra ardilosa "renúncia de cargos com fins eleitorais", prepare-se para ser chutado para o esquecimento por eles. Você sabe que estão ansiosos para se livrarem de você há bastante tempo. E mesmo que você tome uma posição agora, pode ser muito tarde. Todos podem já estar decepcionados com você e pode não haver modo de reerguer os escombros causados por Sharon.

Mas a única maneira de você acrescentar uma realização importante à sua rica biografia, não é apenas erguendo-se e renunciando ao ministério, coisa que você pode ser obrigado a fazer em algum momento, de todo modo, mas fazê-lo falando de modo alto e claro e dizendo aos israelenses tudo o que você pensa sobre tudo que está acontecendo, especialmente sobre o mal que estamos perpetrando com nossas mãos. Mais uma vez na sua vida, tente construir algo novo – não um reator atômico ou uma indústria aeronáutica, coisas que temos além do necessário. Agora, contra todas as probabilidades, tente construir um movimento pacífico

israelense radical, fazer algo do nada. Seria exagerado demais acreditar que você ainda vê as coisas de modo diferente do resto dos seus colegas no governo? Diga a verdade, Shimon (Peres).

Gideon Levy é colunista do jornal israelense "Ha´aretz" e ex-assessor de Shimon Peres.

Matéria encaminha pelo Comitê Brasileiro de Solidariedade a Palestina

Caixa postal 15023 - Curitiba - PR - CEP 80531-970

O MUNDO ENTROU NUMA NOVA ERA

Dr. William Pierce
dos EUA

O que aconteceu em New York e Washington é apenas uma pequena manifestação desta Nova Era!

O mundo entrou numa Era onde todo o dinheiro deles e as centenas de milhões de idiotas e desmiolados assistentes de TV, neste país mais poderoso do mundo, não serão mais suficientes para garantir a hegemonia judaica.

Ninguém no mundo quer ser dominado pelos judeus. O que aconteceu no dia 11 de setembro é a conseqüência direta da permissão que o povo americano, consciente ou inconscientemente, deu para os judeus controlarem seu governo, e do uso do poder americano, em favor dos interesses judaicos, às expensas dos interesses de todos os outros povos.

Os ataques de 11 de setembro foram apenas o início do que está reservado para a América. Caso não acontecerem drásticas mudanças na política do nosso governo, as taxas de morticínio subirão a níveis jamais vistos ou imaginados em todos os tempos.

(Do National Vanguard Books – PO Box 330 – Hillsboro – WV 24969).

Compadre George Bush Junior

Envio essas mal traçadas linhas daqui do interiorzão do Paraná, no Brasil, preocupado com essa tar de Tercera Guerra. Minha muié disse que vai caí bomba no meu quintar - que ocê já considera seu, há muito tempo. Tô preocupado, Junior, porque si por acauso caí uma bomba no meu quintar a Gertrudes, minha galinha de estimação, não vai botar ovo de jeito manera, e daí nóis nun vai ter dinheiro nem pra pagá os impostos que o governo manda procês mode os impréstimos que fizeram em nosso nome.

Sabe, Junior, ocê é muito novo e ganhô esse cargo de Presidente do seu pai, e tarveis nun vai entedê o que eu vô escreve: ocê nun devia amarrá o seu porco no quintar do vizinho, esses tar de Jacob que só arruma confusão. Compraro briga com os vizinhos árabes, do outro lado da cerca, e começô a confusão toda, porque seu porco foi de imbruio e tudo. Por causa do Jacob ocês jogaro bomba em muitos vizinhos, uns até do outro lado do riachão, aqueles que falam dum jeito que nun entendo patavina.

Então ocê apeia desse porco, Junior, faz as pazes com os vizinhos e larga mão de cantar lorota porque esses tar de terrorista nun tão pra brincadera. Ocê disse que eles nun entrava na sua casa e taí o resurtado, e por aqui a gente diz que portera onde passa um boi, passa uma boiada.

Então nóis nun qué vê de jeito manera que continue essa barbaridade na sua casa, Junior, mas ocê tem que toma jeito de gente, apeá desse porco que o Jacob armô procê.

Eu nun quero nem sabe de guerra, Junior, to aqui cuidando das criação pra pagá os impréstimos, que o vizinho Leonel disse que é tudo dinheiro robado, mais que nóis tem que paga de quarqué manera sinão ocêis leva até a Amazônia.

Tome tento, Junior, porque nóis nun é tão ignorante como ocê pensa, e sabemos que vai sobra pra nóis ce ocê num apeá desse porco agora mesmo, reuni a vizinhança e acertar a paz entre todos.

Num quero nem ouvi fala que ocê vai joga bomba no tar de Afeganistão porque vi o firme deles, tudo andando em burrico, iguar nóis aqui, então eles também num pode ser gente ruim.

Ocê pára de toma esses comprimidos de tarja preta e apeia desse porco, mode a gente continuá em paz, cuidando da criação, porque nessa semana a Gertrudes choco uns ovos que vão dá umas poedeiras que vão bota ovo até pra gente manda pros estrangero. Sossega Junior e dêxa nóis vive queto no nosso canto.

Com solidariedade e respeito
Tião Barbosa
Riachão do Fim do Mundo
Obs.: 1 - Segue meia dúzia de ovos da Gertrudes.
2 - Num tenho e-mail não sinhô

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que nunca conheceremos as íntegras das gravações das Caixas Pretas (Sempre a primeira coisa a ser procurada e revelada após qualquer acidente, mesmo que seja no fundo do mar), dos dois aviões que destruíram os gigantescos prédios integrantes do Centro Mundial do Comércio;

Do avião que destruiu uma parte do Pentágono;

Do avião que certamente foi abatido por caça americano na Pensilvânia, mas apresentado, pela mídia, como um ato de heroísmo dos seus passageiros e tripulantes, que teriam se sacrificado para evitar a destruição de outro objetivo governamental...

Do avião que caiu sobre residências num bairro de N. York – notícia, não repetida, de apenas um dia, apesar do elevado número de mortos, nunca publicado – possivelmente também abatido por caça, pois surgiu um rapidíssimo e também não repetido comentário sobre suspeita de que o mesmo se destinava a destruir a Estátua da Liberdade.

Além de ter sido motivo de apenas uma microscópica notícia em alguns jornais, gostaria muito de ler a íntegra da carta de despedida do jovem piloto norte-americano (sic) que arremeteu seu aviãozinho contra o Banco da América..., e naturalmente não publicada.

As opiniões de norte-americanos aqui expressas dão idéia de que, por boas razões, o sionismo – Israel - é suspeito de traição e envolvimento nos atentados.

A ignorância tem limites, mas, mesmo considerando que, conforme o jornal "O Sul" de 17/1/02, uma pesquisa norte-americana revelou que 42% da população ainda não sabe onde fica o Japão – (mais de 95% certamente assiste TV) - e que grande parte ainda acredita que Buenos Aires é a capital da nossa Pátria, acredita-se que o sonho sionista de beneficiar-se dos atentados e receber ainda maior apoio do governo americano – para a Grande Israel – está com o tempo contado.

O 11 de setembro pode ter sido realmente, como já foi denominado, o Waterloo de Israel !

É apenas uma questão de tempo. Será interessante ficar observando por quanto tempo **o Poder da Mídia** conseguirá continuar enganando não apenas o povo americano mas todo mundo.

No momento que perder a confiança dos EUA, quem cobrirá, na ONU, a prepotência, arbitrariedade, o não cumprimento de Resoluções, o terrorismo de Israel ? Quem lhe fornecerá o total apoio político, diplomático, financeiro, tecnológico e armamentista que estava habituado a receber há tantos anos ?

Uma coisa está muito clara: Após os acontecimentos de 11 de setembro, a quantidade de TATOS – os desmiolados – existentes no mundo, sofrerá importante e considerável redução.

RBA

!